

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
CEAO – CENTRO DE ESTUDOS AFRO-ORIENTAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS ÉTNICOS E
AFRICANOS

TOMAZIA MARIA SANTANA DE AZEVEDO SANTOS

O PODER DOS HOMENS NA CIDADE DAS MULHERES

Salvador – Bahia
Dez/2009

TOMAZIA MARIA SANTANA DE AZEVEDO SANTOS

O PODER DOS HOMENS NA CIDADE DAS MULHERES

Dissertação apresentada no curso de Pós-Graduação em Estudos Étnicos e Africanos da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas/CEAO da Universidade Federal da Bahia para fins de obtenção do Título de Mestre

Orientador: Prof. Dr. Jéferson Afonso Bacelar

Salvador
2009

**O QUE NÃO SE
REGISTRA, O VENTO LEVA...**
Mãe Stella de Oxossi

AGRADECIMENTOS

Seguindo a hierarquia, rendo graças a Olorum, por me permitir existir.

Agradeço à minha família, particularmente aos meus tios e tias, que muito deram de si, para minha formação, deixando-me como herança, uma boa educação.

Um agradecimento especial, ao professor Jéferson Bacelar, meu orientador, que de forma incansável, não desistiu de repetir quando foi preciso, as tarefas, acreditando num resultado positivo. E ainda por colocar à minha disposição todo o seu acervo literário, visando o meu melhor desempenho.

Agradeço aos Professores Cláudio Pereira e Jocélio Teles, que na banca de qualificação se disponibilizaram a me co-orientar nessa tarefa.

Sou grata a todos os professores do Programa, pois contribuíram com as mais valiosas informações.

Aos meus amigos(as) e irmãos(ãs) do Afonjá e demais casas que acreditaram na proposta do meu trabalho: Francisco Codes, Edson Pereira, Oxum Adê, Fernando Coelho, Élio, Nego Aguiar, Josaina Jô, Carmem, Flor, Nívea, Luiz e Luzivaldo, Paulo, e Dr. Durval – o mago nas agulhas.

Ao meu Orixá **Oxaguian**, por me escolher para sua filha.

A **Xangô** por me receber e me conservar em seu centenário terreiro,

A **Iansã** por sua forte presença na minha ancestralidade,

Agradeço e peço as bênçãos de **Oxossi** o meu provedor e da Ialorixá mãe Stella, pela interlocução como subsídio para essa pesquisa.

RESUMO

O presente trabalho se propõe a estudar a presença dos homens em um terreiro - o Axé Opô Afonjá - marcado pela matrifocalidade, onde desponta como a autoridade maior a lalorixá. Contudo, apesar da hegemonia feminina, isso não impede a participação dos homens na dinâmica da Casa, assim como na estrutura de poder. De um ponto de vista histórico, fica demonstrado que não existe candomblé sem a presença masculina e a sua participação indica que, eles, sobretudo os detentores de cargo, as lideranças masculinas, são uma marca da solidariedade e irmandade do grupo, mas também fonte de tensão e disputas. O que este trabalho vai demonstrar será, desde a forma como se transformam em lideranças até o modo como se constituem em facções, interferindo inclusive nas sucessões. Enfim, eles são irmãos de homens e mulheres, mas, sempre uma "metade também perigosa".

Palavras-chave: Matrifocalidade, Liderança, Sucessão e Facções.

ABSTRACT

The present work is proposed to study the presence of the men in one yard - the Axé Opô Afonjá - marked shears matrifocalidade, where the Macumba priestess emerges like the biggest authority. Nevertheless, in spite of feminine hegemony, that does not obstruct the participation of the men in dynamic of the House, as well as in the structure of power. Of a point of sight historical, it is demonstrated what does not existcandomble without her masculine presence and his participation indicates that, they, especially them holders of post, the masculine leadership, are a mark of solidarity and brotherhood of the group, but also fountain of tension and you quarrel. What this work is going to demonstrate will be, from the form I eat they are turned into leadership up to the way as they are constituted in factions, interfering inclusive in the successions. Finally, they are always brothers of men and women, but, a " half also dangerous ".

key words: Matrifocalidade, Leadership, Succession and Factions.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO I Revisão da Literatura sobre os Ogãs e Obás	13
I.1 Os Ogãs	
I.2 Os Obás	33
CAPÍTULO 2 Como se tornar uma liderança masculina no Axé Opô Afonjá	36
2.1 O chamado ou convite ao cargo	
2.2 A Iniciação	50
2.3 A Confirmação	58
CAPÍTULO III Os Ogãs e os Obás: quem são eles ?	66
CAPÍTULO IV Os subgrupos e o poder: facções e solidariedades entre os Ogãs e os Obás	89
CAPÍTULO V Relações de poder e conflitos: a sucessão- Luta dos grupos e a participação ativa dos homens	107

INTRODUÇÃO

A tradição implícita a presença feminina e a presença masculina no candomblé. Tanto uma, quanto a outra, se tornam de fundamental importância para a realização dos preceitos e dos fundamentos do Axé. Como exemplo, podemos citar a importância da presença de um Axogum – aquele que sacrifica os animais para a adoração, no culto do candomblé. Assim como também chamamos atenção para o fato que diz respeito à presença da mãe, figura insubstituível e de conotação básica, para o bom andamento das obrigações do terreiro, daí se nota a forte presença das Ajoières ou Ekedes¹. Elas são as mães, que na ausência das oju-bonan², criam os filhos do terreiro, também chamados de noviços.

Embora as mulheres, em especial as mães das grandes casas tenham, por décadas, exercido uma certa hegemonia, entre outros aspectos, de natureza midiática, o candomblé da Bahia tem a sua história também marcada pela presença masculina.

Uma figura presente na criação da Casa Branca, foi a do olouô Bamboxê, sacerdote do culto de Ifá. De acordo com o antropólogo Renato da Silveira,

“Ele foi trazido da África por Maria Júlia Iyá Nassô e Marcelina Obatossi que se passou por sua senhora para burlar as formalidade da imigração, pois havia uma lei que proibia desembarque de liberto africano, mas tarde o alforriando. Foi batizado na Bahia com o nome “de branco” de Rodolpho Martins de Andrade(Silveira.2006:403)”.

¹ Significa mãe dos filhos da casa do Orixá que a confirmou.

² Significa mãe criadeira, que acompanha os passos do Iaô, ou noviço.

Era iniciado no culto de Xangô, foi considerado pelos seus descendentes baianos como um príncipe negro na nação de Oyó. Mais tarde tornou-se um babalaô, sacerdote do culto-oráculo de Ifá, e destacou-se também na participando das obrigações de santo de mãe Aninha, em 1884.

Tratando do próprio Axé Opô Afonjá, temos nele um excelente marco da presença dos homens, já em sua criação, com a participação de Tio Joaquim, preferido de Mãe Aninha para a sucessão no Engenho Velho (Carneiro.2002:57). Ainda no Afonjá aparece o babalaô Martiniano Eliseu do Bonfim. De acordo com Donald Pierson (1956:304/5), Martiniano nasceu em Lagos, era filho de Manjenbasã³, uma escrava que seu pai comprou no Brasil, pouco antes de seu nascimento levando-a para África”. Foi Martiniano Eliseu do Bomfim, juntamente com mãe Aninha, o responsável pela introdução dos Obás de Xangô no Axé Opô Afonjá.

Não podemos esquecer de Miguel Archanjo de Sant’Anna, Obá Aré, auxiliar direto da fundadora do terreiro, inclusive para a aquisição definitiva da roça de São Gonçalo. Integrou o primeiro grupo de Obás, assim como foi um dos primeiros membros da Sociedade Cruz Santa do Afonjá desde sua fundação.

Tivemos também um grande número de lideranças masculinas no comando de importantes terreiros, como Procópio, do Ogunjá; Ciriáco, do Tumba Juçara; Bernardino, do Bate Folha; Joãozinho, da Goméia, além de Manuel Falefá, Eduardo Mangabeira, Luis da Muriçoca e tantos outros.

Atualmente, temos também importantes líderes, que vão desde Silvanilton, Pai Jaime, até o babalorixá Júlio Braga. Acrescente-se a

³ Quer dizer, não deixe eu sozinha. Oliveira,W & Lima,V.Salvador.Corrupio.1972:50.

estes nomes as centenas de filhos-de-santo, Ogãs, Obás e figuras masculinas, detentoras de diversificados cargos honoríficos no complexo mundo do candomblé.

Merece ainda destaque, considerar a presença na Bahia das casas religiosas de Eguns, formadas basicamente por homens, em especial o terreiro de “Babá Aboulá”, da família Daniel de Paula, em Ponta de Areia, na ilha de Itaparica e o Asipá, comandado pelo Alapini Mestre Didi, em Salvador, por seus vínculos com o Axé Opô Afonjá.

Portanto, justifica-se perfeitamente um estudo sobre os Obás e Ogãs no terreiro Axé Opô Afonjá. A escolha da unidade de observação reflete, além do interesse acadêmico, a minha condição de membro da comunidade religiosa e o meu “parentesco de sangue” com a ialorixá, mãe Stella.

O Axé Opô Afonjá é uma organização onde a autoridade e a distribuição do poder estão contidas nas mãos da Ialorixá. A ela cabe o comando e acompanhamento de todas as situações no terreiro. É sua prerrogativa e dever a supervisão dos atos de suas filhas e filhos-de-santo e auxiliares, e dos homens possuidores de cargos honoríficos.

Assim como todos os grupos organizados, a família-de-santo propicia solidariedades e harmonia, bem como atritos e divisões, conducentes até mesmo ao conflito. Se, por um lado, as normas estabelecidas pelo grupo – em grande parte consequência dos valores do grupo, mas também resultante da ação da Ialorixá – devem ser respeitadas, por outro, isso não impede uma acirrada concorrência de indivíduos e grupos para obter recursos, materiais ou simbólicos, e privilégios, ou seja, poder.

Neste trabalho pretendo analisar, numa sociedade comandada por mulheres, a presença e interação de dois grupos honoríficos masculinos – Obás e Ogãs – na constituição da organização e estrutura de poder do

Axé Opô Afonjá. Porém, antes de avançar nos meus propósitos, quero deixar explícito que a minha intenção é elaborar uma etnografia, onde predomina o empírico, embora sem o afastamento de um implícito corpus teórico. Revelo também que a minha visão jamais foi “neutra” ou “imparcial”. Como não poderia deixar de acontecer – ao contrário dos propalados cânones científicos – a interpretação realizada representa em muito a minha vivência no terreiro, minhas interações, minhas amizades, mas também os meus conflitos.

A pesquisa foi efetivada através de entrevistas estruturadas, com os Obás e Ogãs do terreiro que consentiram na sua consecução. Isto porque alguns deles se negaram a tecer qualquer comentário sobre temas relacionados com o Afonjá. Tal se deu com mais freqüência com os Ogãs. Enquanto outros, Obás e Ogãs, provavelmente por serem mais presentes no terreiro, tiveram maior disponibilidade para colaborar. Procurei estabelecer uma amostra onde estivessem “a velha guarda”, os mais velhos de santo e de idade, e os mais jovens no santo ou na idade, perfazendo um total de 30 homens. Examinei também documentos, como as Atas e o Estatuto da Sociedade Civil. Além disso, foi fundamental a minha vivência no terreiro e a conseqüente observação-participante.

O trabalho foi estruturado em cinco capítulos. No primeiro capítulo, faço uma breve revisão da literatura científica sobre os Ogãs e Obás. Nela, se observa que, os Ogãs e Obás, além de obrigações e deveres com o terreiro, são detentores de direitos e poder na estrutura do candomblé do São Gonçalo.

Em seguida, demonstro quais os mecanismos que possibilitam que alguém se torne uma liderança masculina. Embora todas as fases da iniciação sejam importantes, o fundamental é o chamado ou o convite para participar do grupo.

No terceiro capítulo, fiz, além de uma pequena síntese histórica, a enumeração dos Obás e Ogãs mais presentes no terreiro – e que aceitaram ser entrevistados – acompanhada de notas biográficas.

No capítulo seguinte, mostro que, apesar da solidariedade, da generosidade e “política de boa vizinhança”, como elemento característico das relações no terreiro, são geradas facções que promovem as divisões no grupo dos homens do Afonjá. Mas, estas divisões, muitas vezes geradoras de conflitos, não se dá apenas no mundo dos homens, avança para o candomblé como um todo.

No quinto e último capítulo, uma abordagem sobre as relações de poder e o conflito, tendo como base empírica o processo de sucessão. Nele, revela-se a tensão subjacente, os ressentimentos camuflados, os ódios por tanto tempo submersos, enfim, explicita-se a dissensão no grupo, com a instauração do conflito aberto pelas facções. E finalizo, expondo os componentes básicos revelados pela etnografia.

Capítulo 1 – Revisão da literatura sobre os Ogãs e Obás

1.1 Os Ogãs

O crescimento do número de crentes e visitantes, além da visibilidade social e religiosa, são marcas precisas do Ile Axé Opo Afonjá. A sua tradição firmada em longo tempo de existência, propiciou uma larga, margem de Ogãs e Obás.

“Quando se percorre o mundo dos candomblés, fica-se admirado com a importância considerável dada à cadeira do Ogã. Se se visita um terreiro no intervalo das festas, vêem-se cadeiras cuidadosamente recobertas de pano, que as protege da poeira, e que se tira no momento das cerimônias.”(Bastide.1973:325).

Com o crescimento do número de Ogãs, conseqüentemente tudo tende a aumentar, a começar pelo barracão de festas que vai precisar de mais assentos, e todo aquele cuidado, aquela atenção que sempre foi dispensado às cadeiras pertencentes aos Ogãs, Obás vai sendo subtraída devido o aumento de afazeres.

Daí aquelas cadeiras que antes recebiam um trato especial, estavam sempre recobertas por um pano que a protegia de poeira, hoje aguardam o dia da faxina geral do barracão, ou seja, quando todas as cadeiras são limpas, polidas para aguardarem seus donos à noite.

Alguns dos entrevistados comentaram que as filhas de santo de hoje trabalham na rua, e em outras épocas tiravam seu sustento dali mesmo, lavando e engomando as roupas, daí dedicarem mais atenção

às cadeiras dos pais. Esta mesma cadeira poderá acolher um convidado do referido dono, caso ele queira acomodá-lo, por gentileza.

Toda vez que um orixá escolhe um Ogã, a primeira obrigação deste é comprar – quase sempre mandam fazer por conta própria, por um marceneiro – uma cadeira especial, que será doravante a sede de onde assistirá às festas religiosas da seita. (ibid:325).

Nas pesquisas de campo observa-se que essa também foi uma das práticas utilizadas há uns anos passados, e pouco vista nos dias atuais. Hoje se tem muita facilidade para encontrar cadeiras prontas, nos mais variados tipos em lojas da cidade.

De acordo com informação de um Obá com aproximadamente duas décadas de convívio no local, ele lamenta também que há uma escassez do ofício de marceneiro, dedicado, “*daqueles que construam com afinco majestosos tronos*”.

Ainda de acordo Bastide, a confirmação do Ogã só será consagrada, quando a cadeira estiver pronta e colocada no barracão. Por ocasião da confirmação, observa-se que a referida cadeira adentra o barracão pelas mãos de Ogãs mais antigos, que acompanham o cortejo, na frente do Ogã que vai ser confirmado.

Todas têm uma inscrição indicando a data da tomada de posse do cargo de Ogã e a divindade a que ele está ligado. (Bastide.1973:326). Algumas cadeiras das mais antigas do terreiro, ainda guardam a referida inscrição “ogã de Ode”, ou de outro orixá, entalhada, e ainda pode se ver já bem apagado numa inscrição em papel, o nome do Ogã ou o orukó dado pelo orixá no dia da festa. A data não aparece naquelas cadeiras ali colocadas.

A mãe-de-santo informou que o próprio tempo já se encarregou de apagar, e que hoje uma grande parte dos Ogãs - “*Somente uma ou*

*outra cadeira tem nome. Eles já não se preocupam mais em colocar o nome nas cadeiras, cada um já sabe, já conhece a sua*⁴.

Bastide ressalta ainda que essas cadeiras eram colocadas perto da poltrona mais rica e mais alta do pai ou da mãe-de-santo(id.:326). Mas o que se vê no candomblé do Opo Afonjá, é que as cadeiras que se posicionam ao lado direito e esquerdo da mãe-de-santo são as cadeiras pertencentes aos Obás, ali representando os ministros da direita e os da esquerda.

Ainda para ilustrar esse comentário, trago o depoimento de um dos entrevistado, Ildázio Tavares, uma figura muito antiga nesse candomblé que lamentou dizendo:

“- Há anos passados, quando eu fui suspenso Ogã, ficava todo mundo junto. Eram poucos os Ogãs, os Obás sim eram doze, mas nem todos vinham toda festa, mais ficávamos todos sentados juntos, até o dia quando um irmão mas antigo da casa, que gostava muito de arruma daqui e dali, era mais velho e filho de uma das antigas mães do terreiro, começou a separar os Ogãs dos Obás. Por exemplo, aquelas cadeiras que ficam ao lado de mãe Stella ficavam todas misturadas, não tinha essa separação. Daí, Didi, nosso irmão mais velho, muito influente, que gostava muito de arrumação, colocou as cadeiras de Ogã de um lado e as de Obás do outro. Eu me senti discriminado, eu e mais uns outros, e essa separação causou alguns problemas como toda segregação causa. Não havia necessidade dessa segregação num ambiente desse, porque casa de religião é para unir e não para separar”.

De acordo o pensamento de Bastide, a cadeira do Ogã, nos remete a idéia de trono, isto porque os reis que eram capturados no continente africano e trazidos como escravos para o Brasil,

⁴ Fala da mãe-de-santo.

conservavam uma autoridade sobre os considerados súditos por longo tempo.

A exemplo dos maracatus, entre outros, que, antes de saírem para desfilarem nas avenidas, seguem um ritual ou cerimônia onde o rei e a rainha sentam em tronos com muitos enfeites, exibindo toda uma vaidade, e abençoando a multidão que o aguarda.

Atualmente o que se observa nos candomblés é que a cadeira do pai ou da mãe-de-santo tem um certo destaque; está mais para trono do que qualquer outra pertencente a um cargo secundário. E para complementar, há determinadas casas onde nem se vê a cadeira do Ogã na sala do candomblé, pois eles sempre repousam atrás dos atabaques, na função de chamar os orixás.

“Isso quer dizer que, no Brasil, o complexo cultural do trono subsistiu – seja como símbolo do poder político, seja como símbolo do poder religioso – na importância ainda hoje dada à sede do Ogã”(Bastide.1973:327).

Observo que não há uma clareza da existência de algum preceito público, para a cadeira do Ogã no candomblé do Opo Afonjá. As cadeiras são sim reservadas e preservadas no terreiro, com o prestígio que para todo e qualquer Obá ou Ogã é reservado.

Ainda como se pode observar com relação à cadeira, é notório a existência de uma reserva no que se refere ao lugar ocupado pela mãe-de-santo durante as funções, seja na mesa, no quarto do orixá ou no barracão, sua cadeira, essa sim é vigiada pelos filhos da casa. É como cada lugar por onde ela transita, existe uma cadeira reservada das demais.

Pessoa alguma está autorizada a sentar-se naquele lugar que pertence a um líder de terreiro, Se vigiam as visitas que porventura

venham a sentar-se. As demais cadeiras estão firmadas no barracão de festas, como aquelas que pertencem aos Ogãs e Obás. Ficando porém evidente, que a cadeira ou trono de maior prestígio no referido terreiro é aquela que pertence a mãe-de-santo.

“Ora no Daomé, existem tronos de reis ou de soberanos mortos; entre os iorubas, tronos de deuses; e por toda a costa, em geral, até Angola, cadeiras que apresentam curioso aspecto”(Id:327). Existem cadeiras de vários modelos, mas nos dias de hoje, nenhuma cadeira no modelo descrito pelo estudioso de cadeiras, (Frobenius:In Bastide. 1973:151/2) está no barracão de festas.

No museu do terreiro, constatamos a existência de uma cadeira com procedência africana, presenteada à mãe-de-santo nos idos de 1980, por um líder religioso, que pela descrição assemelha-se a uma cadeira Atakpamé, cujo assento é uma prancha ligeiramente encurvada, e nos braços da referida cadeira estão representados a figura inteira de um leão entalhado.

Em depoimento colhido com ebome Dayse de Omolú, uma senhora antiga da casa, ficamos informados de que sempre, por morte da representante de terreiro, a cadeira era retirada do convívio dos filhos e colocada na sala da casa de Oxalá. E que na gestão de mãe Stella, as cadeiras que pertenceram às mães de santo anteriores estão dispostas no Museu criado por ela dentro do terreiro, para visitaçã pública.

Na leitura dos clássicos da literatura científica afro-brasileira como Nina Rodrigues, Roger Bastide, Edison Carneiro e outros, percebe-se que eles fizeram um estudo intensificado do negro brasileiro e da sua contribuição cultural no processo de formação da sociedade, tendo principal realce o candomblé.

Porém, o que vem chamando minha atenção, é que até os dias de hoje, grande parte da literatura existente sobre a religião afro-brasileira, abrange, entre outros temas, apenas a compreensão da autoridade religiosa instituída, da lalorixá e o seu exercício soberano de poder, ditado pela própria condição religiosa, não refletindo, a variada dimensão política da sociedade em questão, envolvendo temas como as disputas de gênero, as alianças de poder e as relações interpessoais, entre outros.

Deparo também, com certa dificuldade em acessar uma bibliografia mais ampla trazendo uma abordagem sobre o poder dos Ogãs, Obás e dos demais cargos pertencentes aos homens; as sucessões como objeto de disputas, assim como textos sobre o desenrolar das práticas culturais no seu envolvimento com as relações de poder dos homens, nas mais variadas formas em que estas se manifestam, e nos mais diferentes contextos da vida social.

Outro questionamento seria o fato de como se entende a importância dos homens numa sociedade onde a matrifocalidade rege a estrutura de poder religioso? (Landes.1967:24). Recorte esse, que vem sendo pouco avaliado pelos estudiosos do candomblé.

Em finais do século XIX, dentre os vários estudiosos da religião afro-brasileira, podemos citar Raimundo Nina Rodrigues, maranhense, nascido no ano de 1862. Médico-legista fixou residência em Salvador a partir de 1882 onde desenvolveu na Escola de Medicina seus primeiros estudos sobre o negro e as religiões de origem africana, se destacando com a obra *O Animismo Fetichista dos Negros Baianos*.(Rodrigues.1935).

Adentrando nas comunidades religiosas denominadas candomblés, iniciou seus estudos no Ilê Axé lá Omi lamassé - Gantois, um terreiro que visitou com assiduidade, e que considerou um modelo do candomblé. Lá,

pode presenciar vários rituais considerados secretos, conseguindo também reunir um manancial de informações.

E essa participação no culto foi determinante, para que ele intensificasse suas investigações para descrever os vários rituais, num propósito incessante de comprovar, a tese de que os negros aqui existentes possuíam uma mentalidade inferior e atrasada demais em relação à mente do homem branco europeu.

Acreditava na superioridade dos nagôs-iorubás admitindo serem eles culturalmente mais evoluídos que os outros grupos étnicos. Propagava conseqüentemente uma hierarquia cultural entre os grupos de negros que praticavam a religião de origem africana, no Brasil.

Nina Rodrigues, no que tange ao objeto que venho pesquisando, afirma que para o termo Ogã, em certos pontos da África no Gabão, ele encontrou várias denominações em obras francesas, como ougans, ougangas, ouagangas, nigangas.

Enquanto se observa, que na Bahia, o termo tem, porém uma significação própria e que, cada orixá poderá suspender o seu ogan ou protetor, *“O ougan ou os ougans, porque cada confraria de um santo pode ter o seu ougan.”*(Rodrigues. 1935:49).

Em grande parte das casas de candomblé, os Ogãs eram vistos como sendo, protetores porque sua existência se devia aos preconceitos sofridos pela religião, junto aos ataques e perseguições policiais. Daí, a presença desses ditos protetores, representava uma forte segurança à casa, ao templo, defendendo-o de possíveis abusos policiais. A exemplo, ele cita *“Sei de um senador e chefe político local que se tem constituído protetor-chefe dos ougans e pais de terreiro.”*(Id. 1935:50).

Essa proteção citada acima demonstra um duplo interesse Um que é o da casa e o outro, do protetor que ele classifica como interesse eleitoral, daí nos trazer o já citado exemplo. Assevera também que suas

obrigações ou funções políticas, são limitadas, porém, tem direitos muito amplos, como cumprimentos especiais dos filhos de santo, recompensa com honrarias e também o de serem ouvidos nas deliberações do terreiro.

Já Manuel Querino queria mostrar a importância da contribuição africana à civilização brasileira. Não tinha a pretensão de inferiorizar o negro, a ponto de deixá-lo de fora da pirâmide social, pelo contrário lutava para que o negro pudesse guiar seu próprio destino, e disseminasse sua cultura, perante o contingente de brancos.

Querino afirma que um Ogan toma duas posses: *“a de iniciação e a de confirmação”*.(Querino.1955:82/83).

Entende-se quando Querino argumenta a existência de duas posses onde a primeira corresponde ao assentamento do Orixá que é uma espécie de preparação para a nova identidade. Colocação que vale mencionar até porque em seguida ele entrará na segunda etapa que entendemos ser a confirmação. É quando ele será levado pelas mãos do Orixá para o barracão de festas, saindo da categoria de Abiã para tornar-se um Ogã confirmado do Orixá que o escolheu.

Vale lembrar que Querino chama atenção para um fato que ele observou em certa ocasião, onde havia um determinado número de pessoas, incluindo indivíduos de classe social destacada, se alistando como Ogãs pelos candomblés.

Admite que, existiu um certo receio entre o africano, no sentido dos cargos ocupados dentro da religião, lembrando que

“Enquanto o africano dirigiu estas funções, não admitia os nacionais como Ogans. Depois começaram estes a afluir, e foram aceitos, no intuito de facilitarem as licenças da polícia.”(Querino.1955:84).

Edison Carneiro, jornalista, nascido em Salvador iniciou seus estudos sobre o negro na década de 30 do século passado. Participou da organização do 2º Congresso Afro-Brasileiro. Em seu livro *Candomblés da Bahia*. (Carneiro:1960), apresenta uma etnografia que caracteriza a estrutura e organização social do candomblé na Bahia.

Conforme Jorge Amado,

“Édison foi amado e respeitado desde muito moço pela gente da Bahia. Quando do golpe do Estado Novo, procurado pela polícia, buscou refúgio no Axé Opo Afonjá, onde Mãe Aninha o escondeu no peji de Oxum, entregando-o aos cuidados daquela que seria a futura Mãe Senhora (Amado.1977:253)”.

Estava ligado ao Opo Afonjá, além de ser um pessoa de inteira confiança de mãe Senhora, pois esta, chegou a confiar-lhe alguns de suas informações particulares, como por exemplo a feitura de santo de sua mãe no Engenho Velho; lhe revelou que sua mãe teria que fazer os dois Xangôs pois esse deu dois nomes na terra de Tapa, que foi Xangô Ogodô e Xangô Afonjá⁵(Oliveira.W.&Lima.1987.55). Edison Carneiro salientou que os tocadores de atabaques são sempre os homens, e que a voz dos atabaques representa o agente. Lembra que os tocadores eram pessoas importantes do templo; os chamados Ogãs.

Salientou que além dele, também foram escolhidos Ogãs no Gantois: Nina Rodrigues, Arthur Ramos e Estácio de Lima, afirmando que essas ligações dão prestígio ao templo (In.Landes:116).

Na grande maioria das casas o Ogã acumula a função de tocar atabaque. Eles são os tocadores nas festas. Porém, no candomblé do

⁵ Ver Historia e Mitos de Xangô na África em Verger in: Oliveira. Waldir & Costa Lima. Cartas de Edison Carneiro a Arthur Ramos. 1987:71.

Opo Afonjá, de acordo o relato do entrevistado Gerson (Bié), Alabê, esse argumento não condiz com as funções do Ogã.

Os templos de religião africana também oferecem toda e qualquer proteção aos Ogãs quando necessário. Vale ressaltar que o terreiro do Axé Opô Afonjá por ocasião da ditadura militar, sob a responsabilidade de mãe Senhora, não hesitou em resguardar o próprio Edison Carneiro, na casa de Oxum.

Para o termo Ogã revela que o Ogã é *“quem vela pela boa ordem da cerimônia”*(Carneiro.1960:121).Carneiro parte para o esquema da hierarquia religiosa, sustentando a tese de que *“as mulheres detém todas as funções permanentes do candomblé, enquanto que aos homens, se reservam apenas as funções temporárias”*(Id:143),

Ele nos traz como exemplo o Axogum, o Alabê, e as funções honorárias de Peji-gã e Ogãs. Não fica claro até que ponto ele considera os Ogãs como homens no exercício de uma função temporária, isto porque se observa nos mais variados terreiros que, quando se é um Ogã num determinado candomblé, esse título é reconhecido, e vale em qualquer outro candomblé por onde quer que ele passe.

Daí torna-se até contraditório acreditar pois, que essa seja uma função temporária. Uma prova contundente demonstrada para o caso em questão, é um momento em que o Ogã chega numa cerimônia em outra casa candomblé depois de começada a festa, e os atabaques interrompem o toque para saudar o recém-chegado.

Isso é observado em grande parte das casas entre os Alabês, que chamam essa interrupção de *dobrar o atabaque* para o visitante no caso de ele ser um Ogã. Trata-se de uma cortesia por parte da casa, além de chamar atenção dos presentes que naquele barracão chegou um Ogã .

E este, num gesto rápido de genuflexão, deverá tocar a ponta dos dedos nos três atabaques, no chão, em seguida levá-la à testa, num gesto de saudação e agradecimento. Em seguida ele deverá cumprimentar a mãe-de-santo, a mãe pequena e os demais irmãos, sendo que para os Ogãs e Obás têm um aperto de mão codificado, {...} *são uma espécie de Conselho Consultivo do Candomblé “(Id:144).*

Daí se conclui que as funções de um Ogã ou Oba, não são temporárias como admite o pesquisador. Se o Ogã é louvado ao adentrar o barracão de um candomblé que não é o dele, ele terá que ser visto como uma figura permanente no seu cargo onde quer que ele esteja.

Carneiro estendeu sua visão, sobretudo para a valorização da figura feminina no candomblé, para as funções que dependessem de maior dedicação se referindo à função da maternidade, deixando para os homens os instrumentos de toque ou as funções de corte e/ou da faca.

“Esta divisão da hierarquia parece confirmar a opinião de que o candomblé é um ofício de mulher; essencialmente doméstico, familiar, intramuros, distante das lutas em que se debatem os homens, à caça do pão de cada dia”.(Id.144)

Arthur Ramos, um alagoano nascido em Pilar, médico-clínico, visitou as casas de candomblé da cidade ao lado de Jorge Amado, com o objetivo de descobrir os mistérios dessa tão citada cultura, e as causas que levavam o povo negro a acreditar na força dos orixás, naquela magia, que despontava quase que por toda cidade.

Acredita-se que essa crença do negro na força dos Orixás estava impregnada nas cabeças desses remanescentes africanos, um povo oprimido, ao tempo que servia como condução para os seus destinos.

Demonstra ser um motivo plausível, para que o negro permanecesse lutando por seus objetivos, por sua liberdade. Vê-se que eles acreditavam que os Orixás representavam sua ancestralidade. E é o ancestral quem cuida dos que estão na terra.

Em *O Negro Brasileiro* (1936)⁶, o autor faz um exame crítico do candomblé nos mais variados aspectos: o transe, as danças, as músicas, os arquétipos dos orixás e suas magias. Desenvolveu suas pesquisas também no terreiro dos Gantois, o considerava um tipo original.

Era notório o seu despreendimento de preconceitos a respeito de raça ou religião. Ao que se denomina Ogã, Ramos comunga explicitamente com as idéias de Nina Rodrigues e Manoel Querino, e nos traz um relato de sua experiência ao lado do amigo o Dr. Hosannah de Oliveira no Gantois, ao serem submetidos às cerimônias de iniciação de Ogã.

“Conduzido pela mãe de terreiro o aspirante a Ogã é sentado numa cadeira de braços e sobre ele estende-se um pano da Costa. Em seguida levanta-se e dá uma volta completa na sala sob novo manto, seguro nas extremidades por quatro filhas de santo. Ao passar pelos tocadores de atabaques, deixa cair alguns níqueis num pequeno receptáculo. Finda esta cerimônia, que é acompanhada pelo pai e mãe de terreiro que entoam cânticos africanos, senta-se na sua cadeira e recebe as homenagens dos presentes” (Ramos. 1934:62-63).

Essa deveria ser talvez uma prática tradicional da casa por onde ele andou e/ou participou do processo em questão. Porém, não se pode dizer o mesmo, das cerimônias de iniciação observadas no Opo Afonjá, no que tange iniciação de Ogãs.

Como se sabe, cada casa tem o seu jeito especial de proceder nas obrigações. Não é prudente que consideremos erradas, as diferentes

⁶ RAMOS, Arthur. *O Negro Brasileiro*; etnografia religiosa e psicanálise. Recife. 1936

atividades das demais casas. Fica claro que cada terreiro tem o seu jeito diferente de contar a mesma estória.

Donald Pierson, sociólogo que permaneceu na Bahia de 1935 até 1937, considerava Salvador uma cidade mestiça de afro-europeus. Visitou o Axé Opo Afonjá, onde conheceu a fundadora e personagens de honra do terreiro. Assistiu algumas celebrações percebendo que entre os Ogãs, existe um aperto de mão especial, e que mantém entre si, uma considerada hierarquia dos mais moços para os Ogãs mais velhos.

Recebeu o apoio de pais e mães de santo, a exemplo de mãe Aninha, de mãe Menininha, de Martiniano do Bonfim, entre outros. As informações colhidas durante as pesquisas propiciou o surgimento da obra *Branços e Pretos na Bahia.*(1971)⁷. Obra voltada para o âmbito das relações raciais, diferindo dos demais pesquisadores que se debruçaram de forma sistemática, na análise dos rituais religiosos. Ainda assim não deixou de fazer comentários sobre a religião afro-brasileira. Donald Pierson se referiu aos ogãs, como funcionários sagrados, definindo-os da seguinte forma:

“isto é, os membros masculinos da seita, que ajudam o pai ou a mãe de santo no ritual, especialmente na invocação da presença dos orixás durante as danças cerimoniais, auxiliam a iniciação dos novos ougans, agem como intermediários entre a seita e as autoridades legais e contribuem para as despesas do culto...”(Pierson.1945:349).

Outra pesquisadora seduzida pela cultura negra foi Ruth Landes, nascida em Manhattan- NY, em 1908. Optou por estudar o mundo afro-brasileiro, sendo o lócus das suas pesquisas o estado da Bahia.

⁷ PIERSON.Branços e Pretos na Bahia..SP.1971.

No livro “*A Cidade das Mulheres*”(1967)⁸ investigou e analisou o papel das mulheres negras, no contexto dos candomblés e sua rotina diária, apresentando evidências de que elas se tornavam líderes, pela sua força. Argumentava que a autonomia obtida pelas negras fora conquistada através de lutas, enfatizando que não era somente pela raça e sim por motivos econômicos e políticos, que os negros ficavam à margem.

Afirmou publicamente que o centro de poder da religião afro-baiana achava-se em mãos femininas. Esteve ao lado de personalidades famosas dos candomblés, a exemplo do babalaô Martiniano do Bonfim; este lhe informou como mãe Aninha o tornou um ogã.

- Já lhe contei que ela me fez ogã?

- Ogã?

- É um posto honorário no candomblé, acessível a leigos de certa distinção. ... Espera-se de nós que demos proteção ao templo, na forma de dinheiro e de prestígio. Aninha descobriu que meu anjo-da-guarda era Xangô, deus do trovão e rei na região ioruba: de modo que me elevaram a ogã da corte de Xangô. “Naturalmente peguei na alça do caixão no funeral de Aninha”. (Carneiro. In Landes.1967:75)

Ainda conforme Landes, Edson salientou que além dele, também foram escolhidos Ogãs no Gantois: Nina Rodrigues, Arthur Ramos e Estácio de Lima, afirmando que essas ligações dão prestígio ao templo.

Mais uma vez, cito o francês Roger Bastide.(1898-1974), um protestante de formação, que conviveu entre os brasileiros longos dezesseis anos. “*E, foi seguindo a trilha de intelectuais como Nina*

⁸ LANDES. *Acidade das Mulheres*.RJ.1967.

Rodrigues, Arthur Ramos e Edison Carneiro, que pode refletir sobre a cultura afro-brasileira” (Cardoso, F. In: Bastide. 1958:19).

Em seu clássico *O candomblé da Bahia: rito nagô* (Bastide. 1958), Bastide classificou o pensamento africano, como sendo a base do culto, além de também considerá-lo confiável. E que o mundo do candomblé é um mundo secreto, e nessa religião africana só se penetra aos poucos. Admitiu também que o candomblé não era vivenciado apenas por negros, e sim que pertencia a todos, mesmo brancos e estrangeiros.

Mas mostrava-se aquém de qualquer preconceito e, seu combate provocou a dissociação entre *religião e cor da pele e, africano de negro*, afirmando que se poderia ser africano sem necessariamente ser negro.

Ao enfatizar que o candomblé é um mundo secreto, Bastide afirma que o acesso ao conhecimento africano se dá aos poucos através dos ritos de passagem. Eles irão subsidiar o indivíduo na sua integração à vida religiosa, ao tempo em que vai situá-lo nas estruturas hierárquicas do terreiro.

Entendeu que a penetração do povo no candomblé, era concedida através do chamado do orixá, por iniciação progressiva, independente da sua origem étnica. Isto porque acreditava ser o tempo, a força propulsora do candomblé, e também que somente o líder religioso saberia o momento e a hora de esclarecer quaisquer ensinamentos novos. (Bastide. 2001:25).

Assevera que os cargos que identificam o filho de santo podem ser conferidos pelos orixás, ou pela Ialorixá com consentimento dos mesmos e, com relação ao Ogã, conclui que “*O termo ogã vem diretamente do ioruba ògá e que significa protetor, dignatário.*”(id:59).

Chama atenção com relação a se reconhecer um Ogã, ou estabelecer como pré-requisito para se torná-lo seria que:

“O que define o ogã em oposição aos filhos-de-santo, não é o fato de deixar de possuir um orixá (cada um de nós tem sempre o seu) e sim, não poder ser possuído por ele. Todo candomblé compreende obrigatoriamente um conjunto de pessoas que não podem, de modo nenhum, cair em transe: os ogãs do lado masculino e as equedes do lado feminino...”(Id.:60).

Segundo o autor citado cada ogã está ligado a uma filha ou filho de santo. Ele será o pai da filha (o), do orixá... que o suspendeu. Vale ressaltar que o Ogã não precisa ser necessariamente do mesmo Orixá da pessoa que o escolheu. Ele terá a condição de pai, seja ela (e) pertencente a qualquer orixá do panteão.

Argumenta também que o culto do candomblé está assim representado pela figura feminina, porém não hesita em admitir que

“o culto dos orixás não é certamente privativo das mulheres, mas as filhas-de-santo são infinitamente mais numerosas do que os homens, e podem mesmo atingir o grau mais elevado da hierarquia sacerdotal no interior do candomblé.”(Id:143)

Lembra que essa é uma prática dos candomblés mais tradicionais, como o da Casa Branca do Engenho Velho, o Gantois e o Axé Opo Afonjá. Estes, até os dias atuais são dirigidos por ialorixás; e que, aos babalorixás ficou reservado o culto de Ifá, o culto de Ossain e o culto dos eguns, sendo que os dois últimos são especificamente masculinos.

Costa Lima, um Ogã de Oxaguian e também Obá de Xangô do Axé Opo Afonjá, em seu trabalho *A Família de Santo nos Candomblés Jeje-nagô da Bahia (1977)*, procurou interpretar, analisar e relacionar os

planos religiosos e rituais de sua estrutura com o comportamento de seus membros na estrutura social mais ampla.

Como fonte de estudos e pesquisa, Costa Lima utilizou terreiros, de várias nações conhecidas na Bahia, objetivando entender o funcionamento das relações intra-grupais, os conflitos, as lideranças do grupo, sua hierarquia, pais e mães de santo, filhos de santo incluindo a presença masculina e seus títulos, homossexualismo, e a distribuição de cargos entre as mulheres.

Para o cargo de Ogã, afirma que eles representam o lado masculino das hierarquias auxiliares executivas nos candomblés; além de também significar um posto da estrutura social do terreiro. É entre os Ogãs que a mãe-de-santo escolhe os titulares para exercer funções importantes no candomblé.(Costa Lima.1977:90).

Uma vez confirmado, ele terá sua apresentação formal ao público, o Ogã deverá estar trajando uma roupa na cor branca, tradicionalmente usariam o terno de linho, como todo iniciado e uma faixa que designará sua nova função.

“Os Ogãs suspensos – ou não confirmados participam igualmente das atividades do terreiro,mas num âmbito consideravelmente menor de ação executiva ou de responsabilidade efetiva para com o grupo” (Id.92/3).

Ainda de acordo com Costa Lima, o Alabê é uma figura de relevância num terreiro de candomblé, isto porque, é dele a responsabilidade de tocar os instrumentos que trarão os orixás à terra, para responderem às obrigações.

Terá que ser alguém bastante dedicado, e estar sempre disposto a atender todo e qualquer chamado do candomblé, seja durante o dia ou à noite; são eles que emitem os primeiros toques, salvando a casa do

candomblé durante as madrugadas. Devem também estar preparados a responder provocações codificadas nas chamadas **cantigas de sotaque**⁹.

Devido sua responsabilidade, competência e dedicação, os tocadores acabam sendo sempre convidados para tocarem em outras casas. São eles quem dão início às cerimônias, podendo assim tornarem-se uma referência, respeitada nos terreiros.

Sua presença é fator determinante para que se dance um candomblé, além de conhecerem a ordem das músicas ou cantigas básicas, rotineiras sabem o momento certo para entoar aquelas que representam o fundamento de cada orixá.

“O Alabê é quase sempre uma figura dominante no barracão. Sua auto-confiança, a certeza de que muito do que ali se está passando depende de sua técnica, de seu saber chamar os orixás com propriedade, energia e segurança”(Id:97).

Apenas eles manipulam os sagrados instrumentos de som de um candomblé. Daí, os filhos-de-santo poderão cumprimentá-los, tomando-lhes a benção. Esse é um cargo que desperta principalmente, o desejo da maioria dos meninos que comunga com essa religião.

Julio Braga, em seu sugestivo trabalho, *“A Cadeira de Ogã e Outros Ensaio”* avança na perspectiva de compreendê-lo em sua trajetória, como elemento de grande significado no processo de resistência dos candomblés, explicitando algumas práticas de negociação utilizadas no confronto com a repressão policial, e outras formas de rejeição à cultura religiosa afro-baiana. (Braga.1999).

Destaca o papel do Ogã *“na intermediação de conflitos entre o grupo religioso e a sociedade baiana”(Id:40)*, que por muitas vezes eles

⁹ Músicas cantada no candomblé que representa uma provocação.

conseguiram desviar a atenção dos policiais, além de evitar reações brutais, por parte dessas autoridades.

Braga comenta que *“os Ogãs, na sua maioria, são menos protetores no sentido exclusivo que se quer, e muito mais auxiliares permanentes de pais ou mães-de-santo, em seus afazeres religiosos”*(Id:45). E faz também alusões a certos pesquisadores que se beneficiaram do status de Ogã de candomblé na Bahia, como Donald Pierson, Edison Carneiro e outros.

Percebeu a existência de um paralelo nas preferências, de que ao mesmo tempo em que se selecionavam pessoas de recursos na sociedade, havia também uma notável preferência por pessoas humildes, em sua maioria detentores de respeitado conhecimento do universo religioso.

Acrescenta que os Ogãs escolhidos em determinados terreiros, são inúmeras vezes, parentes de filhos-de-santo, ou são pessoas que prestam algum tipo de serviços durante as comemorações. Isto permite que o sacerdote venha se sentir mais seguro, quando cercado por parentes ou amigos da sua confiança.

Admite a importância de o Ogã se confirmar, pelo simples propósito de em caso contrário, terá que assumir o codinome de Ogã suspenso então desfrutará das regalias de que gozam um Ogã com a sua obrigação realizada.

Nicolau Parés em seu livro *A Formação do Candomblé. História e Ritual da Nação Jeje na Bahia*, comenta que essa prática é rotineira dos candomblés, e chama atenção de que,

“Essa dinâmica associativa baseada no parentesco, talvez a forma de solidariedade intergrupar mais básica, é, em geral, sabiamente utilizada pela

liderança religiosa para reforçar e manter o poder comum dos candomblés. (Parés.2006:217)

Podendo compará-lo a um ogã apontado ou seja, é aquele senhor que pode ser sugerido ogã pelo líder de terreiro, sendo depois apresentado a casa do orixá o qual se pretende confirmar, para que então ele permaneça no aguardo da sua confirmação,

Conforme foi mencionado, existem Ogãs suspensos que nunca se confirmaram, que não consideram o convite do orixá, assim como existem aqueles que foram suspensos em uma determinada casa, e que por um motivo qualquer se afastaram e vão se confirmar em outra casa, que poderá aceitá-los sem precisar restrições.

Seleciona as espécies de Ogã existente em alguns terreiros, e suas respectivas atribuições: Ogã de bença – Ogã de faca –Ogã ilu -Ogã de rua – Ogã de sala - Ogã de sopro - termo depreciativo para o Ogã escolhido de maneira excepcional.

As afirmações dos pesquisadores que se debruçaram, sobre o significado de Ogã como sendo símbolo de um protetor, detentor de um considerável poder político, social e financeiro nos candomblés pelos idos do século XX, sugerem também manutenção e liberação do culto nas casas de candomblé, antes reprimidas, para que pudessem realizar suas cerimônias, longe de constrangimentos.

Conclui-se que certas atividades religiosas pertencentes aos Ogãs, jamais poderão ser transferidas para pessoas que não dediquem boa parte de suas vidas à religião, e que não sejam capazes de absorver os conteúdos essenciais à sua rotina.

1.2 Os Obás

De acordo com os estudos do professor Vivaldo da Costa Lima, em seu trabalho, Os Obás de Xangô apenas em Salvador, na Bahia, existe um grupo de “oloiês” conhecido como “os Obás de Xangô ou “os Ministros de Xangô”.

“Acima dos Ogãs, existem ainda doze Obás ou ministros de Xangô, no candomblé Axé Opô Afonjá. Esses ministros, escolhidos entre os Ogãs mais antigos e mais estimados do terreiro, constituem todavia criação bastante recente de Martiniano do Bonfim, depois de seu regresso da África aonde fora para iniciar-se no cargo de babalaô. Ele mesmo relata essa criação: depois de lembrar toda a sequência dos reis do Oió; a rivalidade entre Xangô de um lado, e Timim e Gbonká, de outro, e de que maneira Xangô se tornara uma divindade,...”(Bastide.1958:61.)

Surgem formalmente instituídos, no Candomblé de São Gonçalo, em 1937 no Axé Opô Afonjá, pela idéia da fundadora do terreiro, Eugenia Anna dos Santos “Mãe Aninha”, e auxiliada pelo Babalawô Martiniano Elizeu do Bonfim.

Em número de doze, porém organizados de forma a estarem subdivididos em: Obás-da-direita e Obás-da-esquerda, cada um com seu respectivo título, apresentando-se numa estrutura centralizada, oriundos dos Ogãs mais velhos da casa.

Alguns deles podem ser considerados grandes conhecedores dos mistérios rituais e das tradições religiosas africanas no Brasil.

“A ialorixá Aninha “entronizou” pois – no dizer de seu amigo íntimo e conselheiro babalaô, dos maiores terreiros da Bahia de seu tempo - Martiniano

do Bonfim – os 12 Obás de Xangô para que os mesmos fossem, o esteio da Sociedade Cruz Santa do Axé Opo Afonjá; demandassem o seu núcleo básico de suporte espiritual. Aos Obás caberia também zelar pelo culto desse Orixá, da mesma forma com que os antigos ministros de Xangô nas terras iorubas, cultuaram a memória de seu Alafim divinizado”(Lima.1966:4)

O babalaô Martiniano em Lagos, foi se familiarizando com a cultura iyorubá, o que lhe *“permitiu recriar com mãe Aninha, os títulos dos Obás de São Gonçalo, evocando os nomes e os oiês de reis, príncipes e governantes da nação ioruba”(Id:5).*

Pierson, acrescenta que esse Conselho de doze Ministros estava encarregado de manter vivo o culto, pois esses foram os homens que na terra acompanharam Xangô, pela sua bravura na conquista dos territórios a fim de não deixar *“que a lembrança do herói se apagasse na memória das gerações”(Pierson.1945:361).*

Para melhor entender a classificação, os Obás da direita são: Obá Abiodúm, Ônikôyi, Aréssá, Ônanxocum, Telá e Ôlugban. E os Obás da esquerda: Obá Aré, Ôtun Ônikoyi, Ôtun Onanxokum, Ôkó, Kakánfó e Ôssi Ônikoyi.

Os primeiros Obás foram confirmados durante o início do ciclo de festas dedicadas à Xangô, no Opo Afonjá, no dia 29 de junho, data em que também se comemora a volta do Orixá Xangô da guerra. Essa celebração é conhecida como Apogum.

De acordo com relatos dos Obás entrevistados, o referido grupo costuma também posicionar-se em questões sucessórias. Comenta Costa Lima, que alguns Obás e Ogãs, após a morte de mãe Aninha, deixaram a casa, inconformados com a substituição da Iyalorixá. Daí é

que mãe Senhora, que ocupou o lugar da fundadora tratou de substituir os faltosos usando suas prerrogativas de mando.

Os primeiros *otun* e *osi*, foram ainda pessoas amigas e freqüentes na casa, do tempo de mãe Aninha, que nutriam uma amizade por Mãe Senhora. De acordo com Costa Lima, a posição hierárquica dos Obás abarca uma categoria superior à dos Ogãs e de demais membros do Axé. Pois eles são reconhecidos como ministros de Xangô, evidenciando que um substituto deverá estar sempre disponível, para ocupar a função do obá ausente.

Porém, essa nova medida deixou alguns Obás descontentes, sentindo dificuldades em reconhecer seus substitutos, escolhidos tendo por base a hierarquia do candomblé. O primeiro caso de substituição por ausência temporária foi o de Antonio Santana, o Obá Kakanfô, da direita, pelo seu irmão Almir Santana. Hoje, à direita de Kakanfô está seu filho Antonio Carlos – Toinho, este vai ser somado à lista dos que deixaram de freqüentar o terreiro.

Aos Obás da direita é reservado o direito de voz e de voto na Sociedade, além de fazerem uso do xeré, instrumento utilizado para comunicação com o orixá Xangô, enquanto que aos obás da esquerda, é conferida a posição inferior, tendo apenas o direito de voz.

Sentam-se todos eles no barracão de festas, estando a mãe-de-santo postada no centro, e os referidos senhores ocupando os lados direito e esquerdo da líder, de acordo as especificações.

Um Obá poderá também ser confirmado Ogã de um orixá que o escolher e vice-versa. Sua relação com as filhas de santo é semelhante a que elas mantêm com os Ogãs. O primeiro Obá-da-direita foi Arquelau Manuel de Abreu que tornou-se Presidente da Sociedade Cruz Santa do Axé Opo Afonjá.

A partir dos estudos, abordando a presença dos Ogãs e Obás no candomblé da Bahia, abrem-se os caminhos para intentar a compreensão do “poder dos homens” em uma casa “governada” por mulheres.

Capítulo 2

Como se tornar uma liderança masculina no Afonjá

Certo dia, a mãe decide levantar um Ogã do seu candomblé um cavalheiro que conquistou as simpatias gerais da gente da casa, seja pela sua liberdade, seja pela sua , seja pela atração pessoal, seja pela posição que desfruta. Em meio a uma cerimônia pública, a filha A, possuída por Xangô, por exemplo, toma pela mão o indicado e o leva até diante do altar de Xangô, onde interroga o Orixá, em língua africana, sobre a conveniência de tomá-lo como seu Ogã. Volta depois com ele para o barracão, e enquanto os atabaques se fazem ouvir, festivamente, outros Ogãs da casa o carregam e o passeiam carregando em volta da sala, sob os aplausos da assistência. Outras vezes, o Orixá escolhe o Ogã entregando-lhe as suas insígnias – no nosso caso, o machado de Xangô.

Está levantado o Ogã, que desde então será chamado por esse título e tratado como tal(Carneiro.1948:140).

2.1 O chamado ou convite ao cargo

No geral, o povo de santo diz que o orixá é quem escolhe o filho, seja para uma feitura de santo, seja para um cargo complementar. E essa escolha pode se dar de forma branda ou através de sinais dolorosos indicando que “o santo está querendo o filho”.(Costa Lima.1977:63). No Ilê Axé Opo Afonjá os chamados ao cargo, tanto para Obá quanto para Ogã podem ocorrer nas mais variadas situações.

Primeiramente poderá ser através do Orixá no barracão de festas, que logo ao encontrar o pretendido, lhe entrega as suas ferramentas, e este será carregado pelos Obás/Ogãs mais velhos circulando, o salão para que todos tomem conhecimento da suspensão do mais novo eleito.

Outra modalidade de chamado se dá através da mãe de santo no próprio quarto do Orixá, num desses momentos em que o indivíduo vai entregar uma oferenda do tipo obi¹⁰ ou orobô¹¹ àquele orixá, ou mesmo através de uma consulta aos búzios da casa do orixá onde se faz presente o pretendido. Estes permitem que seja consumado o convite do Orixá. Porém, todo o processo é desenvolvido pela mãe de terreiro.

Pode-se trazer também outra forma de chamado, aquele em que o Ogã foi chamado numa determinada casa de candomblé, e desta se afastou, podendo ser confirmado em outra, no Afonjá, por exemplo.

Outro tipo porém, poderá ser aquele em que, a pedido do pretendente, a iyalorixa venha o sugerir ou determinar o cargo ao referido freqüentador que demonstrar um interesse e grande apreço pela casa.

Pode-se citar um caso talvez excepcional perante os já citados, como foi o chamado de Ogã Ildázio Tavares, para compartilhar o corpo de Obás. Este inusitado chamado, será descrito nos parágrafos que seguirão.

Todos os aspectos de chamados mencionados têm o mesmo cunho de seriedade; não podemos dizer que um chamado vale mais que o outro, pois todos terão sempre, por ocasião da confirmação, o consentimento do Orixá e da mãe de terreiro.

Segue abaixo alguns dos depoimentos de entrevistados que foram escolhidos para o cargo, nas mais diversas modalidades.

Ogã Ribamar chegou ao Axé Opo Afonjá, em 1978, sozinho, quando voltava de um caruru. Ele, pelo caminho, ouviu o toque dos atabaques e

¹⁰ Fruta que se oferece aos Orixás conhecida como noz de cola.

¹¹ Fruta que se oferece ao Orixá.

entrou no terreiro para conferir, pois sempre gostou de assistir a candomblés em casas distintas, como Alaketu, Seu Domingos, Casa Branca, Gantois, e outras.

Após 10 anos sem voltar ao Afonjá, aconteceu que um dia no consultório atendendo a um paciente, de nome Américo José (falecido), que após a consulta, numa conversa se identificou como sendo Ogã de Iyemanjá do Afonjá, e o convidou à assistir uma festa de Orixá. Fez questão de levá-lo ao terreiro dizendo para o entrevistado, que ele era do candomblé.

Ogã Ribamar, ou apenas Riba, como hoje ficou conhecido por membros da casa, passou a freqüentar o terreiro com uma maior assiduidade. Dias depois, recebeu do paciente que a aquela altura já se tornara seu amigo, um calendário com as datas das festas que seriam realizadas, até o final daquele ano de 1988.

A medida que os dias iam passando Ogã Ribamar foi se tornando amigo de vários componentes do terreiro. Chegava sempre à noite, em virtude do trabalho nos consultórios, estava na ativa e trabalhava quase que o dia inteiro. Somente aos domingos é que chegava mais cedo que de costume.

E, o amigo e paciente, sempre cuidadoso, procurava colocá-lo num dos pontos estratégicos do barracão, que não precisasse ficar mexendo a cabeça pra lá e pra cá, fosse apenas para se sentar e assistir à festa sem infortúnio.

Até que no dia 10 de outubro de 1992, foi suspenso pelo Oxaguiã de ebome ,já falecida, Noêmia – Adjagun Tundè – numa festa do Pilão de Oxalá. Passou pelo rito de passagem porque passam todos os escolhidos no barracão, de ser carregado pelos outros Ogãs mais velhos que circularam o barracão, como já descrito em parágrafo anterior, e em seguida

foi sentado na cadeira pelo mesmo Orixá por 3 vezes e se conservando sentado na terceira vez. Declara ele que esse momento ...

“...é algo assim inesquecível acho que para todos aqueles que são suspensos no barracão. A situação é indescritível. As pessoas começam a suspender a gente e você não sabe se vão deixar você cair no chão, um segura uma perna e os outros seguram o que sobra do corpo da gente, você não sabe se está pesado, enfim é uma sensação única”.

Após esse dia, ele passou a receber os cumprimentos da maioria dos filhos de santo, foi fazendo amizades lá dentro, conversando, sempre que chegava ao terreiro. Esperou um ano, como é uma prática da casa para se confirmar.

Acontecimento também inesperado foi de Fernandinho, como é conhecido. Ele freqüentava o terreiro há mais ou menos 15 anos, mas somente em momentos de obrigações dos mortos.

Confessa que em sua trajetória religiosa esperava surgir qualquer outra novidade menos ser suspenso Obá no referido terreiro. Isto porque não era um freqüentador assíduo das festas de candomblé como já foi mencionado, e também não nutria um laço tão forte com o local.

Por ocasião do ciclo de festas de Xangô, que se inicia no dia 29 de junho, Fernandinho, viera ao Opo Afonjá para a festa que tem o nome de Apogum de Xangô¹², e se encaminhou para o barracão de festas como de costume. Posicionou-se na entrada, junto aos outros Ogã, permanecendo por toda a cerimônia naquele local.

Atento à festa que se desenrolava não percebeu que o Xangô de ebome Gilsete estava lhe entregando suas ferramentas. Fernandinho ficou

¹²Significa a volta de Xangô da guerra ou Olorogum.

sem acreditar muito no que via, quando foi logo surpreendido pelo referido orixá que lhe levou pelo braço, até a mãe de santo.

E, em meio aquela caminhada que se seguia com o orixá, os outros Obás e Ogãs já caminhavam em sua direção lhe suspendendo pelas pernas para circular o barracão. Foi um momento para ele, de inusitado impacto. Até porque ele sempre acreditou que somente seriam Obás de Xangô aqueles homens que tivessem uma freqüência mais assídua no terreiro.

Esperou 2 anos para ser confirmado. Já está no cargo há 5 anos, e depois de sua confirmação não houve até então outras, por estar completo o corpo de Obás que como já sabemos são 12 e as substituições são feitas por morte do titular, ou dos “otun¹³ e osi”¹⁴.

Augusto é um Obá, chegou ao Opo Afonjá em 1995, para uma consulta com a mãe Stella. Foi atendido, fez alguns trabalhos, e passou a freqüentar as quartas - feiras para a oferenda do amalá¹⁵, de Xangô. Sempre que podia estava por lá, passou a freqüentar também à noite para assistir às festa.

Relata-nos um fato bastante interessante ocorrido no dia em que foi suspenso. Ele chegou ao candomblé para passar o dia. Lá ficou e participou do que era possível ao lado dos outros “irmãos”. À tarde foi para casa retornando à noite para a festa no barracão, porém não se sentia bem. Estava acometido de um mal estar súbito, que ele próprio não sabia descrevê-lo.

Não quis voltar para casa, preferiu continuar no barracão. A festa foi acontecendo de forma que ele acabou ficando, mesmo não estando bem. De repente, surge Xangô em sua direção e lhe entrega o oxê¹⁶. Ele alega

¹³ Direita

¹⁴ Esquerda

¹⁵ Comida preferida do orixá conhecida Xangô, feita com farinha e água quente. Come-se com o carurú.

¹⁶ Significa machado

que nada entendeu, pois não tinha uma freqüência nas festas. Em seguida vieram os homens em sua direção, que o carregaram circulando o barracão, que ele achou que fosse ao chão.

Daí ouviu alguém que falou:

-*“ih! foi suspenso um Obá!”*.

Ficou no aguardo por 4 anos até amadurecer a idéia e sentir que já era a hora de se confirmar. Tal acontecimento tem aproximadamente 10 anos.

Fernando Coelho, como todos costumam chamá-lo, isto porque o número de homens no terreiro do Afonjá, que foram batizados com o nome de *Fernando*, ultrapassa a meia dúzia, chegou ao Axé num daqueles domingos, que se festeja Oxalá, e como de costume, dirigiu-se ao encontro dos Ogãs e filhos-de-santo seus amigos, para aquela prosa domingueira.

Nos informa que o dia ainda estava claro, e ele havia encontrado com pai Moacir de Ogum(falecido), tomado algumas cervejas, e comentou com o mesmo, não achar conveniente entrar no barracão após ter bebido. Sentiu-se receoso.

Porém, o amigo lhe tirou de cabeça de ir embora, alegando que aquele era o dia mais bonito da festa de Oxalá. Era o domingo de Oxaguiã. E que ele ficasse num ponto estratégico do barracão, bem próximo a saída, assistisse a festa e depois poderia ir embora que ninguém iria perceber.

Isso ele fez, mas sua esposa não quis adentrar o barracão, alegando cansaço e preferiu ficar do lado de fora com os outros Ogãs que costumam permanecer na área externa do barracão.

Fernando Coelho nos conta que parou em sua frente, um homem todo de branco e extremamente alto quase tocando no teto, que lhe entregou suas ferramentas. Em princípio, ele confessa que teve uma sensação assustadora, pois achou que estava tendo alucinações por ter bebido e

entrado no barracão. Em seguida o homem passou a sua frente e vieram os Ogãs que estavam no salão, o carregaram e começaram a circular com ele, no alto.

Do lado de fora do barracão, alguém falava num tom mais alto: *Suspenderam Fernando.*

Havia alguém que perguntava, qual era o Fernando?

Ele então ouviu, quando alguém falou para sua esposa: - *é o seu marido, Fernando Coelho!*

E a esposa então perguntou: - *Suspenderam ele, por que?*

-O que foi que ele fez, aqui no terreiro?

E a pergunta ficou sem resposta, pois ela também já estava dentro do barracão sem entender o que se tratava. Mas o pessoal que se achava ao lado dela, tratou de explicar o ocorrido, para que ela ficasse sossegada.

Então ele recebeu os cumprimentos de todos, e como de costume, pagou a prenda que todos os suspensos costumam pagar, e foi convidado pela mãe de santo a voltar no dia seguinte para conversar sobre sua suspensão. Ele admite que naquela noite não dormiu e passou alguns meses flutuando quando pensava no acontecido.

Foi com muito trabalho, que ele teve para se acostumar com a idéia de ter sido suspenso Ogã, e de ser pai de uma filha, que já é uma senhora. Fernando admite que esse fato para um poeta, é inusitado. E mais, tem total cunho de surrealismo.

Hans é um filho de Ogum e além do que é também um Ogã de Ogum. Hans chegou ao Opo Afonjá exatamente 13 anos passados, foi trazido por um amigo filho-de-santo que é também fotógrafo, alegando que sempre se sentiu atraído pela religião.

Sempre que podia manifestava sua vontade de participar de uma cerimônia, ou coisa parecida. Daí aproveitando a carona desse amigo chegou ao terreiro e não mais saiu de lá. Junto com ele, também freqüenta o candomblé sua esposa, Silvana, Ajoie de Nanã. Ambos confirmados no barracão de festas.

Foi suspenso Ogã, de uma forma, para ele, tão inusitada, que ele quase não acreditou que era real. Relata-nos da seguinte forma:

...eu estava na festa de Ogum, que já havia começado e eu estava do lado de fora mas ligado na festa, daí Barbosa me chamou, eu fui atender a ele e entramos no barracão. Ficamos dentro do barracão assistindo e eu, distraído, nem percebi que o orixá Ogum de ebome Rege veio em minha direção. Nunca esperava, achei que aquilo nunca ia acontecer um lance assim. Daí veio Ogum e me entregou a espada, eu pensei que era um passe. Pegou-me pelo braço e me levou pra frente. Lá me carregaram e eu sem entender nada. Depois todo mundo veio me cumprimentar, e eu nem me toquei que eu estava sendo suspenso Ogã. Foi assim...

Gelê, tinha apenas 13 anos quando conheceu o Opo Afonjá. Apesar de andar sempre com os colegas, ajudando um ebame aqui outro ali, sempre colaborando com arrumação do barracão para as festas, estava sempre a posto, para oferecer seus préstimos.

Por alguns anos ficou tocando atabaque sempre que convidado, nas obrigações, depois começou a fabricar esculturas de madeira, com formato de Orixá que entalhava, pensando ser uma forma de sobrevivência.

“Certo dia pedi a mãe Stella para fazer um jogo pra mim, ela me atendeu e disse que eu precisava fazer obrigação. Daí então ela fez o assentamento do meu Orixá, Omolú. Quando sai da obrigação, continuei

tocando e passei a ajudar também em matanças. Um dia no barracão, numa festa de Oxossi, aquela do dia de corpus Christi, de 2007, eu estava em pé próximo dos atabaques e o Oxossi de ebome Roberto veio para minha frente e me deu o arco. Eu segurei mas pensei que era só pra segurar. Ele saiu assim e depois me pegou pelo braço então veio os outros Ogãs e me carregaram, falando que eu estava suspenso. Eu nem acreditei, porque é alguma coisa assim que a gente nem tava esperando, aí fica meio perdido né, inda mais se agente não é rico... .Passei um ano esperando, como é regra da casa, e a gente tem que esperar mãe Stella dizer se já é a hora.

Alex nos contou-me que quando criança, mãe Stella em seu jogo, lhe deu Iemanjá como sendo seu orixá. Um dia por ocasião da festa desse Orixá, ele foi oferecer um obí, fruta já descrita em outro parágrafo, como é uma prática de todos os filhos da casa, fazerem em reverência ao dia da festa.

Então, a mãe-de-santo lhe comunicou que o Orixá o estava escolhendo para Ogã da casa dela. Ele não entendeu muito bem do que se tratava e todos o abraçaram.

Então logo correu até a avó ebome Detinha comunicando-lhe o acontecido. A avó então, com toda a paciência de uma sacerdotisa, qualidade muito peculiar, explicou detalhadamente do que se tratava, além de alertá-lo para a responsabilidade que a partir daquele dia ele estaria assumindo perante o Orixá.

Ele contava com apenas 17 anos e não estava tão familiarizado com esses acontecimentos. E, repete sempre que demorou entender o que representava o referido cargo, sua incumbência. Daí é que mãe Stella sempre lhe dava alguns conselhos. Ele esperou mais de 3 anos para ser

confirmado. Devo ressaltar que um dos seus descendentes, seu filho Diego tem 10 anos e, foi suspenso Oba no ano de 2007.

O Obá Tadeu certa vez, depois que uma série de acontecimentos negativos ocorreu, culminando com a batida de seu carro e que quase lhe atirou ao mar, aconselhado pelos colegas, que já conheciam aquela “senhora do santo”, ele foi procurar mãe Senhora, para tentar solucionar aqueles seguidos contratemplos.

Chegando ao terreiro, ela o atendeu, fez alguns trabalhos para ele, para o carro. E daí em diante, ele passou a ter uma freqüência mais assídua na casa. Passou também a freqüentar o terreiro com ele, suas três irmãs, e um irmão que também foi suspenso Ogã, mas não se confirmou.

Tadeu nos informa que foi suspenso no quarto de Xangô, na gestão corrente, no ano de 1962 e que não demorou muito tempo para se confirmar. Sua confirmação foi festiva no barracão, estando hoje com 46 anos de obrigação.

Lembra que durante um bom período de tempo, não houve confirmação para o cargo de Obá titular, e nem para os otun e osi, pois o quadro já se achava completo.

Jorge dos Santos está confirmado Ogã de Ossain há 08 anos. Tudo começou na vida de Jorge, quando ele acompanhava uma daquelas ebomes muito antigas, mãe Honorina de Ossain (falecida), para o oçé¹⁷ da casa. O fato acontecia, em toda primeira terça-feira de cada mês, dia da semana consagrado a esse Orixá, no Afonjá, por ocasião da limpeza da casa do referido santo. Quem fazia o oçé era a ebome, e por já se encontrar bem idosa, e era ele quem levava o balde com água, vassoura para o serviço de limpeza da casa, durante alguns anos.

¹⁷ Quer dizer limpeza.

Numa dessas terças-feiras porém, acompanhando a mãe-de-santo para fazer a oferenda do obí da casa de Ossain, foi surpreendido por um aviso do Orixá, que lhe foi transmitido pela mãe de santo, que versou para Jorge que, a partir daquela data ele deveria fazer parte do quadro de Ogãs, referido-se ao Orixá Ossain. Ele acabava de ser apontado.

Sentindo-se muito satisfeito com o convite, tratou logo de avisar aos irmãos da casa o ocorrido. Estava realizando o sonho que tem toda criança nascida num terreiro de candomblé, que é de fazer parte do quadro de iniciados. Ele nos revela que sentiu uma inigualável emoção.

Obá Luiz, informa que, por recomendação do escritor e também Oba, Jorge Amado, que freqüentava o restaurante Maria de São Pedro, e sendo ele o dono do estabelecimento, passou a visitar constantemente aquela senhora que era citada a todo o momento, mãe Senhora. Antes de ter notória assiduidade no Afonjá, Luiz transitava nas casas de candomblé de pai Rufino, tia Maria do Colar, Gantois e outras, onde fazia consultas sobre a sua vida e até mesmo os ebós ou trabalhos recomendados pelos representantes das casas.

Ele comenta que sempre procurou saber de como anda sua vida, seus negócios, sempre procurando um ou outro que pudesse socorrê-lo. Tinha uma necessidade de recorrer à consultas religiosas.

Informa que depois de suspenso Obá recebeu vários convites para integrar o quadro da Sociedade Cruz Santa do Opo Afonjá, para um dos cargos inerentes, mas sempre recusou, alegando que nunca quis participar da referida Sociedade por ter dedicação exclusiva com o restaurante. E nesse ano, em 29 de junho, festa de Xangô e também dia de eleição na referida Sociedade, nos informou que a mãe de santo sugeriu seu nome para o cargo de vice-presidente.

Pela sugestão, ficou surpreso e não teve como se opor à indicação, e também nem como dizer que não aceitava. Isto porque ela de imediato alegou à ele a sua antigüidade na casa, no cargo de Obá, e que já era a hora de Obá Luiz ser um membro oficializado da Sociedade. Foi então submetido à apreciação de todos os presentes, que também concordaram com a sugestão, e assim foi feito. Revela um tanto emocionado, que a Iyá lhe lembrou mãe Senhora, e nos informa com clareza, a forma interessante e ao mesmo tempo inusitada, na qual foi escolhido como Oba, por mãe Senhora.

“Eu não fui suspenso da forma convencional com que todos são, como acontece com todo mundo. Fui chegando na casa de Xangô e “Didi”,(como é conhecido o Sr. Deoscóredes M. dos Santos, filho da então Iyalorixá, mestre e fundador do terreiro Iilê Axipá, um terreiro dedicado ao candomblé dos Eguns, estava discutindo com a mãe dele (mãe Senhora), e eu fiquei em pé esperando para falar, daí quando ele me viu completou sua fala dizendo:

- “Quem tem que ser Oba é esse negão aê ó. Fica esses branco aqui dano ordem!”¹⁸

“- Então ela aí me convocou, eu fui para o quarto de Xangô e diante do fato, da situação, ela me apresentou ao Orixá”.

Luiz aceitou o cargo de Obá, e esperou mais ou menos uns 2 anos para se confirmar. Sua confirmação aconteceu no ano de 1963.

Conforme se pode observar, aqueles senhores que são suspensos no barracão, percebem algo bem diferente daqueles suspensos no quarto do Orixá. Isto porque eles são sempre carregados pelas pernas, rodam pelo

¹⁸ Fala de mestre Didi, amigo do interlocutor.

barracão, daí eles comentam sempre que perdem o chão, em duplo sentido.

Já Roberval chegou ao Axé Opo Afonjá ainda estudante, no ano de 1978, como pesquisador, pois estava para concluir sua graduação em Direção Teatral. Foi trazido por Jaguaraci, um amigo e freqüentador da casa. Veio sem os seus familiares para o terreiro.

Informou-nos já ter tido vínculos com outras casas, lembrando inclusive que era freqüentador do candomblé do Bogum e que lá, foi também apontado para Ogã, porém não se confirmou. Hoje é um Ogã confirmado no Opo Afonjá há quase 30 anos.

O entrevistado recorda-se um tanto comovido, que num daqueles dias em que foi para a festa de Ogum que também é o seu orixá, absorto com a cerimônia que se seguia barracão adentro foi tomado por uma comoção no momento em que se viu diante de dois Oguns que lhe entregaram as ferramentas ao mesmo tempo, demonstrando que, naquele auspicioso momento tratava-se de sua suspensão para Ogã, em meio a uma visível guerra de conquista dos orixás.

Eram eles: o Ogum de ebome Epifania e o Ogum de ebome Celenita (ambas já falecidas). Ele confessa que não sabia o que fazer diante daquela situação. Era pra chorar e também para sorrir com tanta emoção. Ogum representa além dos caminhos, que ele é um orixá da guerra. Daí, dois Oguns, isso denotava que Roberval estava com seu destino religioso já traçado para ser mesmo Ogã, mesmo que tivesse que enfrentar uma guerra. Seu tempo de espera até a confirmação somou 02 anos.

Ogã Ildázio visitou pela primeira vez o terreiro do Opo Afonjá, no ano de 1969, a procura do amigo, assogbá¹⁹ da casa de Omolú, que é seu

¹⁹ Cargo pertencente a casa do Orixá Omolú.

Orixá, Deoscóredes Maximiliano dos Santos, o mestre Didi como é conhecido, e único filho de mãe Senhora.

Ele foi ao terreiro, com o intuito de esclarecer um fato a respeito de uma música sobre mãe Senhora. Foi aí então que ficou conhecendo o candomblé, encantou-se muito da experiência e passou a comparecer nas noites festivas.

A primeira festa que assistiu no referido terreiro, ocorreu numa 5ª feira de feriado religioso - Corphus Christi- dia em que os três terreiros interligados como o Gantois, Opo Afonjá e Casa Branca do Engenho Velho celebram a abertura do seu calendário anual de festas, e estas têm início com a celebração para Oxossi.

Ildázio em sua entrevista nos faz ciente, de como se tornou um Obá do Axé Opo Afonjá de Salvador na Bahia.

Eu fui com Antonio Olinto que era otum Obá Aré nessa época, fazer uma consulta com Pai Agenor, um filho de mãe Aninha, uma excelência nos candomblés brasileiros e era um olwô do Afonja. Visto que Olinto se achava receoso de se confirmar no candomblé por causa da família. Aí, em meio à consulta do jogo de búzios, Xangô (no jogo) perguntou a ele se ele tinha mais medo dele Xangô ou de Kakanfô? E Eu então falei: - do senhor. Daí Pai Agenor me transmitiu que Xangô estava me escolhendo para estar ao lado de Antonio Olinto.

Logo que chegou em Salvador, tratou de comunicar o fato à mãe Stella. Esta foi confirmar a escolha em seu jogo e o aconselhou logo se consumir o ocorrido. E, no ano seguinte 1987, estava o Ogã de Oxum, sendo confirmando Obá no período correspondente ao ciclo de festas de Xangô, que se inicia todos os anos no dia 29 de junho.

2.2 A Iniciação

O escolhido vai nascer para uma nova realidade.

“a iniciação consiste em ser um estado de liminaridade, no qual os indivíduos abandonam suas identidades, torna-se subordinado aos especialistas do sagrado, passam a viver em um estado de anonímia, abstenção sexual, uma uniformidade no vestuário, sem direito à fala”. (Turner.1977:128 a130)

Ele terá que se predispor a vivenciar todas as etapas correspondentes ao processo. Começará por se recolher para dentro do terreiro, para o assentamento do seu orixá onde permanecerá em silêncio, sem ser visitado, e viverá o seu primeiro contato com o sagrado. Ele receberá simbolicamente representado por um ferro ou uma pedra, o seu orixá das mãos da mãe-de-santo, que juntos, colocarão numa respectiva porcelana ou alguidar para que ali permaneçam de acordo as regras de iniciação.

A partir dali, ele fará parte da hierarquia superior da casa, e já não será mais *fulano* apenas e sim, *fulano de Oxossi ou d'oxossi* ou de qualquer um outro Orixá para os irmãos e os outros que ali estiverem presentes.

De acordo com entrevistados as obrigações de assentamento de Orixá para um Ogã ou Obá no Opo Afonjá, não é a mesma de uma feitura de Orixá. Tem um período de reclusão que demanda em média 07 dias. E, no caso de o iniciado ser do Orixá Xangô, permanece recolhido por 06 dias.

Comentou que antes do recolhimento o aspirante aguarda no terreiro, um tempo até a iniciação, o que é uma constante no candomblé do Afonjá, e um outro tempo após deixar o quarto do Axé.

O processo de iniciação na maioria das vezes se dá no interior da casa de Oxalá, entre a primeira sala e o quarto onde o noviço ficará recolhido. O aspirante deverá tomar seu banho de ervas já preparado no terreiro e estar vestindo roupas brancas, de preferência, confeccionadas ali mesmo, e estar com os pés descalços. E, todo esse trajeto é feito em companhia do ojú-bonã que significa o pai ou mãe pequena do iniciado.

No caso do escolhido ser um Orixá da *família Jêje*, o processo acontecerá no interior da casa citada. No Opo Afonjá, o termo *família Jêje* corresponde aos orixás: *Nanã, Oxumaré, Ewá e Omolú*. Esses são cultuados em sua própria residência, e melhor dizendo, num território reservado, e consagrado à eles, tanto no que se refere à uma feitura de Orixá, ou assentamento do mesmo. A iniciação seja ela qual for vai se dar no interior da referida casa, mesmo em se tratando do Opo Afonjá ser um candomblé pertencente a nação Ketu.

O público que vai estar presente na cerimônia em pauta são apenas os filhos-de-santo mais velhos, considerados ebomes, desse terreiro. Como participantes ativos no processo se têm: a mãe de santo que é quem realiza todo o processo iniciático, oju-bonã²⁰ que dará uma assistência ao recolhido enquanto durar todo o processo de obrigação religiosa. E além delas, os membros do Conselho Religioso que juntamente com o restante dos participantes, se sentarão em pequenos bancos de madeira, e permanecerão organizados na forma circular, demonstrando uma corrente positiva, para o êxito da obrigação.

Para caracterizar melhor o processo de iniciação tentarei apresentar algumas trajetórias que permitem a visualização das suas características. Um

²⁰ O mesmo que mãe-criadeira.

Ogã que foi suspenso, porém, ainda não se confirmou, ele poderá apenas assistir às cerimônias realizadas no barracão sem nenhuma proibição, porém deve se manter a distância dos demais, pois ele requer ainda um certo preparo, para que não sofra uma repreensão.

Poderá também, participar das atividades civis, fazer consulta com a mãe de santo e fazer os trabalhos assim recomendados. Ele terá uma vida religiosa normal de um cliente mais assíduo à casa. Caso ele nunca se confirme, carregará o estigma de se conhecido como apenas Ogã suspenso.

Para ilustrar o parágrafo acima, trazemos um exemplo de um caso que se deu com Antonio Porto, um Ogã suspenso, cuja informação que obtivemos de alguns dos entrevistados, e de ebomes da casa, (que não nos autorizaram citar seus nomes) que até aquela data ele ainda não havia se confirmado. O motivo da insatisfação se deve ao fato de que ele desejava ser suspenso Ogã, pelo orixá Ogum de pai Moacir (falecido) e, no entanto foi escolhido pelo orixá Ogum de uma outra filha desse Orixá.

Muitos anos já se passaram, pai Moacir faleceu. Então, acredita-se que sucumbiram todas as oportunidades que o referido senhor teria, com relação a ser escolhido pelo Ogum de Moacir.

Mesmo assim, ele vem freqüentando o Afonjá. Porém, nos últimos tempos sua freqüência diminuiu, e ao que se tem informação, ele queixou-se de não estar enxergando o suficiente para dirigir à noite.

E também, admite-se que pelo próprio avanço da idade, (este já passa dos 90 anos) o que já requer maiores cuidados para suas idas e vindas no terreiro. O mesmo é morador da zona de Itapagipe, na cidade baixa.

O escolhido será sempre reconhecido como **ogã suspenso** até que seja confirmado. Apenas deixará de ser reconhecido no cargo, por morte. Em caso de ele ser confirmado em outra casa, ele será reconhecido como um Ogã confirmado, da casa em que o confirmou.

O processo de iniciação do Ogã e do Obá é exatamente igual, entretanto, irão apenas diferir quanto ao período ou momento favorável para a confirmação. Isto porque para uma confirmação de Ogã não é preciso ter a vaga disponível. Poderão ser confirmados quantos Ogãs houver prontos para o compromisso, e que estejam autorizados pela mãe de terreiro. Enquanto que para a categoria dos Obás, fomos informados de que a numeração referente a categoria de Obas, são em número de 12, mais otun ou direita e osi ou esquerda.

Se por um acaso o referido corpo já estiver completo, o escolhido terá que esperar a vaga acontecer, e também a sua vez, pois os Obás são confirmados por hierarquia de suspensão. Um não deverá passar à frente do outro que já foi escolhido anteriormente.

No terreiro existem alguns casos de Obás suspensos, alguns ainda são crianças, outros, porém adultos. Eles deverão aguardar o surgimento de vaga, a exemplo de Paulo Sant'Anna, que foi suspenso Obá e que também é um Ojé, do terreiro Ilê Axipá.

O Sr. Francisco Jorge González de Codes, foi o presidente com o maior período de permanência na Sociedade Cruz Santa do Axé Opo Afonjá, 60 anos, branco, médico psiquiatra, residente em Itapuã.

O entrevistado relata com todo um orgulho que foi o primeiro Ogã de Ossain desse terreiro. Chegou ao Opo Afonjá em 1976, trazido por uma irmã do senhor Ramos, que trabalhava junto com ele, no Hospital Juliano Moreira.

É com muito desvelo que Codes resume o acontecimento...

... Distraidamente, numa festa no barracão, o Ossain de mãe Honorina, o único na casa, me deu as ferramentas. Eu segurei porque pensei que ele queria descansar, ou que estava pesado. Daí me carregaram segurando minhas pernas, e eu fiquei sem saber o que acontecia. Tive um pouco de medo de cair. Mas foi uma

experiência espetacular, maravilhosa e ao mesmo tempo assustadora. Parecia que não ia mais me botar no chão. Isso um tempo depois de ter conhecido a casa.

Francisco Codes confessa que ficou durante 4 anos apenas observando a dinâmica dos irmãos, e aprendendo a prática das coisas. Porém tudo com aquela distância permitida a um noviço. E em meio a idas e vindas foi amadurecendo a idéia de se confirmar.

Procurou a mãe de santo, recebeu sua nota de compras para a obrigação, e em combinação com ebome Honorina, a senhora de cujo Ossain lhe suspendeu, ele foi se preparando, comprando seu enxoval de roupas brancas, para sua obrigação de iniciação que foi realizada no território da *família Jêje*, onde ficam recolhidos os filhos pertencentes àquela casa, até porque Francisco Codes é um filho do Omolú.

Vale ressaltar que o Ogã a ser confirmado, deverá arcar com as seguintes despesas: a compra de uma roupa nova para vestir no Orixá no dia da festa; os animais que serão sacrificados; os temperos para o cozimento das oferendas, como camarão seco, mel, cebola, dendê, caso não seja uma confirmação para o orixá Oxalá.

No dia do assentamento do seu Orixá, Francisco Codes rememora bastante emocionado, que estavam presentes aquelas pessoas bem antigas, e que hoje muitas já faleceram, inclusive ebome de Ossain, que era única desse Orixá. Mas graças aos Orixás ainda estão vivas algumas daquelas, como ebame Ditinha de Iemanjá, ebome Dayse de Omolú, esta, é a senhora mais velha da casa Jêje. Ele foi confirmado no ano de 1980, quatro anos depois de ter sido suspenso para o cargo.

Os entrevistados que se dispõem a se confirmar, geralmente prosseguem seu intento como um Abiã aguardando as coordenadas da mãe-de-santo, com relação ao dia que será reservado para iniciar suas

obrigações. Esse rito de passagem na verdade será o assentamento do seu Orixá regente e se for preciso, poderá assentar outros mais. Seu orixá como se fala no candomblé, o **Orixá de cabeça**, e mais aquele para o qual será confirmado.

Para que o escolhido conheça um pouco mais dos tramites do culto, para que amadureça, e se acostume com a idéia do novo cargo, ele deverá ter uma presença mais constante no terreiro, conforme Azevedo Santos no seu considerado pelos leitores, manual do filho-de-Santo , onde reafirma o propósito de que *“em nosso axé não costumamos permitir a confirmação imediata de Ogãs: “suspende hoje, confirma amanhã”*(Santos.1999:75).

Quando se fala em amadurecimento, o processo vai estar relacionado ao conhecimento que o noviço irá adquirindo no decorrer do período de um, dois ou quantos anos forem preciso, através dos ritos de passagem.

Ele deverá ser um observador das atividades dos Ogãs confirmados. Como o despertar matinal, e seus segmentos, a espera da obrigação do sacrifício, o que eles conversam e discutem, decidem antes do ritual. Depois é chegado o momento de tratar daquele animal sacrificado, o que só se aprende vendo e observando cada detalhe.

Estar sempre atento, e ter uma curiosidade deveras imperceptível perante os antigos ogãs, a ponto de que os mesmos não percebam tal curiosidade e venham a bloquear tais observações. Ele deve ser o mais discreto possível nas suas investidas, nas suas curiosidades. Todos os detalhes serão de grande valia.

E após a referida confirmação no cargo, ele se tornará daquela data em diante, um membro do corpo religioso, e igual aos outros, gozando do privilégio de participar das obrigações, sacrifícios, que antes não lhe era permitido por ainda não estar confirmado. Uma vez consumado, poderá

participar, além de opinar nas decisões do egbé Ogã²¹ nas atribuições inerentes ao cargo, com as obras e construções, além de deliberações junto à mãe de santo.

Nesse sentido, Costa Lima (1977) comenta ainda sobre a aceitação do escolhido, que deverá ser bem criteriosa em vista de que será criado a partir daquele momento, um laço que deverá durar para sempre entre o pai e o filho (a), passando ele a fazer parte da família do orixá e auxiliará a casa no que for preciso. Daí então, se poderá distinguir Ogãs confirmados dos que ainda não estão confirmados.

No Opo Afonjá, o número de Ogãs não confirmados quase nunca ultrapassa um, isto porque na maioria dos casos, após um ano de suspenso, eles procuram a mãe de terreiro, a fim de definir sua situação perante o Orixá que o suspendeu e até mesmo, para com o seu Orixá de cabeça.

Eles conhecem as regras da casa, as vantagens de ser um Ogã confirmado, sua importância, e até mesmo pela própria vaidade de se igualar aos outros. Hoje, se tem notícia de apenas um caso de Ogã suspenso no barracão numa espera de mais de 07 anos a exemplo de Juraci Carvalho, que até já anunciou para breve, sua confirmação. Os outros Ogãs, a exemplo de Emílio Rodriguez (falecido), Antonio Porto, este cujo nome já fora citado em outro parágrafo, soube-se que faleceu no mês de junho do ano em curso.

Por ocasião da iniciação, nos relata um dos entrevistados, Wellington, que já vinha freqüentando o terreiro. Quase morava lá, como todos aqueles que têm uma casa ou um quarto dentro do candomblé no Afonjá, onde cumpriu seu período de pré e pós-obrigação, sem maiores problemas, de acordo com as normas e regulamentos da casa.

Já ciente de que, como salienta Costa Lima (1977), o Abiã após sair do quarto de Axé, poderá estar sujeito a algumas proibições a nível pessoal, desde os preceitos correspondentes à obrigação, como por exemplo, os

²¹ O grupo dos Ogãs da casa.

resguardos, que deverá manter enquanto estiver no terreiro até a volta para casa.

Seu processo de recolhimento para o assentamento do Orixá transcorreu com bastante tranqüilidade. Ele ficou recolhido acompanhado com os outros irmãos que seriam mais tarde também confirmados, nas festas que se seguiam. Eram eles: Clodoaldo, Carlos Petrovitch (falecido) e Waldemir de Oxossi.

2.3 A CONFIRMAÇÃO

“Ele receberá um novo nome que será dado pelo orixá que o levantou no barracão, no dia da festa de confirmação, em seguida se sentará em uma cadeira especial com seu nome gravado na madeira, própria para o dia, onde receberá os cumprimentos de todos os presentes e dos orixás”(Lima. 1977:92).

Como se pode imaginar, a confirmação do ogã é o momento culminante do processo de iniciação, onde o noviço será consagrado pelo orixá que o suspendeu. Implica numa série de novas obrigações que deverão ser cumpridas.

Pela manhã, o Ogã após ter atravessado a primeira etapa da iniciação poderá sair do quarto onde permaneceu pelo tempo correspondente à sua obrigação de assentamento do Orixá, sete dias, para participar da cerimônia do sacrifício do animal que será oferecido àquele orixá que o suspendeu.

Nas primeiras horas da manhã, ele deverá se dirigir ao interior do quarto ou à casa do orixá onde irá vivenciar a segunda etapa da obrigação que o consagrará Ogã. Vestido com calça chamada de ração na cor branca e sem camisa, ele irá receber o axé; este constará de uma colocação dos pingos de sangue do animal que foi sacrificado, nos pontos ou chácaras correspondentes ao ritual: na cabeça em direção frontal, testa e nuca, depois no peito e nas costas.

Findando essa parte colocam-se penas do referido animal nos locais já citados. Concluído essa etapa, a cabeça deverá ser coberta com um pano branco cortado em tira, bastante longo, e permanecerá enrolada até a hora do banho, no final da tarde.

Vale ressaltar que ele se mantém ajoelhado e a mãe de terreiro é quem coloca essa obrigação. E, ele ainda não poderá mexer com os animais ali a postos. Somente poderá participar das atribuições de Ogã depois de sua confirmação, que são as atividades em que faz utilização de sua faca.

Ao terminar o referido ritual, ele vai acompanhar a mãe de santo até a mesa da refeição para, juntos aos outros filhos de santo, tomar o café da manhã. Logo após a refeição ele retorna ao quarto e lá aguardará o próximo convite que será para o almoço, que também será acompanhado da mãe de terreiro e demais integrantes.

Lembrando sempre que após as refeições ele deverá retornar ao quarto de axé, para que ali repouse até a noite para esperar o grande momento. Ele ainda não poderá receber visitas e nem conversar.

À noite desse grande dia, em que o aspirante ou abiã passará a sua nova categoria, ele deverá sair do quarto da casa de Oxalá pela mão do orixá homenageado, e acompanhado dos Ogãs antigos, estes virão na frente carregando a tão esperada cadeira do Ogã, que repousará na parte da frente, à direita da mãe de santo, no barracão em um lugar de destaque.

Ilustraremos esse fato com o depoimento de um dos entrevistados, que revela ter se sentido muito nervoso ao sair da casa de Oxalá onde esteve por todo o tempo, seguro no braço pela mão da lansã mais antiga do terreiro, e acompanhado pelos demais Ogãs já confirmados até o local orientado.

Lá no barracão, todos já o esperavam ansioso. Então, foi feito um pequeno discurso de apresentação do mais novo Ogã pelo então Francisco Codes que também se achava bastante nervoso, pois, conforme os entrevistados, todos colocaram que ao serem chamados no centro do barracão são acometidos de uma sensação difícil de descrever, foi uma colocação unânime .

Após o referido discurso, vai ser concedida a voz para o Orixá a fim de que ela(e) diga então o nome do Ogã num tom bem alto, “**para que toda a**

Praça do Afonjá e de São Gonçalo do Retiro escutem”^{*}. E assim o foi feito, pela Iansã de ebome Sofia que após o seu grito de saudação à casa, ecoou o orukó ou nome individual do Ogã.

*“Cada orukó identifica o orixá do filho. O orukó é individual e atribuído pelo Orixá a seu filho ou a seu ogã. Chamo-me, portanto **Omilarê**, este é o meu nome-de-santo, o meu orukó”. **Omi** indica filiação a Oxum e é mais pertinente a Ogã. No meu caso sou o Ogã de Oxum mais velho do Ilê Axé Opo Afonjá. **Arê** pode significar (o l é uma consoante de ligação) disputa, conflito, guerra [...], e um mais velho me disse que quer dizer “a água da felicidade” ou “a água da justiça”.(Tavares.In Faraimará.2000:218/9).*

A partir daquele momento Wellington estava batizado. Recebeu uma identidade africana passando a chamar-se Ogã Padá Ogum. **“Padá** que na língua yorubá significa retornar, voltar. **Ogum** é o orixá do caminho” (Fonseca Júnior.1988:341). Então traduzindo ao pé da letra temos o Ogum que retornou ou que retorna. Estava ele, então confirmado para a Iansã - Oyá Oniyra²² - que é o orixá dona da casa de Iansã, no Opo Afonjá.

Em tempos remotos, em sua apresentação formal ao público, o Ogã estaria trajando um terno de linho na cor branca, mostrando-se como todo iniciado, pois é usando a cor branca que se inicia todo e qualquer processo dentro do candomblé, e uma faixa na cor correspondente ao orixá homenageado, atravessado do ombro até a cintura, com o novo título que designará sua nova função.

Hoje, porém, para a maioria das casas de candomblé, a entrada do tecido africano tomou conta dos trajes e indumentárias utilizadas pelos religiosos, principalmente aquelas do sexo masculino. São calças folgadas e

^{*} Esta é a frase utilizada pelos antigos membros dos candomblés, e que se repete até os dias de hoje, por ocasião de ser dado o orukó pelo Orixá.

²² Uma qualidade na família das Iansãs.

longas, acompanhadas de blusões comumente conhecidos como “abadás ou batas” que trajam os homens nas ocasiões das suas confirmações. O famoso “terno de linho branco” está ficando cada dia mais para trás. Porém alguns homens ainda o conservam, o que dá um tom de notável elegância.

Além das citadas formas de chamado, existem ainda outros chamados para Obás e Ogãs, quando ainda crianças e/ou até recém-nascidos, como foram relatadas em entrevistas do Ogã de Iansã Antonio Jorge Nascimento Pacheco Vasquez, um filho de Oxossi e hoje residente no próprio terreiro.

Ele nos informou que chegou ao Opo Afonjá, aos 02 anos de idade trazido pelas mãos de sua mãe, Nicinha de Ogum (falecida), quando veio para realizar sua obrigação de feitura do orixá.

Nesse mesmo ano de 1960, estava como líder do terreiro mãe Senhora de Oxum e Jorge fora suspenso Ogã pelo Orixá Iansã de ebome Sofia também já falecida. Alega que aos 02 anos ele não se lembra de nada que possa servir de referência para auxiliar nossa pesquisa, além do que mencionou.

Mas nos conta que toda sua família, freqüentavam o terreiro pois naquela época estavam todos vivos, mas hoje somente ele e uma irmã, ainda vêm para o candomblé. Orgulha-se dos seus 32 anos de confirmado, e que foi mãe Stella quem o confirmou. Pois as mães de santo anteriores o achavam ainda muito criança, e imaturo para o cargo. E agora, ele vem juntando-se à lista dos Ogãs mais antigos.

E além desses chamados que tomamos conhecimento, não podemos deixar de explanar o relato de Gabriel Gouveia, filho de Oxalufã, que foi chamado por Iansã, em ocasião de uma festa no terreiro, para ser Ogã do candomblé do Alaketu, sob os cuidados de mãe Olga Regis.

Gabriel, estava retornando para Salvador depois de trabalhar por um bom tempo em Belém do Pará. Sua volta se deveu por motivo de transferência.

“Ao chegar na minha repartição fui convidado para exercer um cargo de direção semelhante ao que exercia em Belém, era equivalente ao diretor administrativo, com vários setores subordinados. Dentre esses setores, o protocolo, era chefiado por uma senhora, Ivalda, e eu habitualmente quando tinha disponibilidade andava percorrendo as seções subordinadas a mim até para conhecer os chefes, conversar e saber o andamento dos serviços, e percebi que Ivalda, uma negra muito bonita, usava um rungebe²³. Eu disse comigo, essa negona é do candomblé. Ia sempre bater papo com ela. Daí quando estávamos mais íntimos, eu disse, bonito seu colar. Ela respondeu, é um rungebe. E você é do candomblé. Ela respondeu que sim. Que era de Oxossi e que era do candomblé de São Gonçalo, de mãe Senhora. Daí eu fiz a ligação porque via falar de M Senhora desde menino que era um candomblé muito respeitado. Ela disse que a mãe de santo atual era mãe Stella, então eu pedi que quando tivesse festa lá me convidasse. A primeira festa que compareci foi Corpus Christi - Oxossi. Mas antes dia de 6ª. Feira eu vinha na casa de ebame Maria Temi que vendia comida, e a primeira pessoa que conheci foi mãe Honorina, uma ebome bem antiga de Ossain, a única desse orixá, início do anoitecer, sozinha sentada num banco. Ela me recebeu muito bem, e eu passei a vim outras vezes para vê-la.

Eu nasci no Luis Anselmo nº 75 e Olga do Alaketu morava na casa nº 69, mas ela morava lá em baixo do lado do barracão. Mas não na rua principal, a casa que hoje em dia está construída na rua foi feita muitos anos depois. No início da minha adolescência ela era uma mulher muito famosa, tinha ligações com muitos políticos principalmente o ministro do exterior, foi designado embaixatriz do Brasil para vários países africanos e ia muito a África representando o governo brasileiro em eventos.

²³ Colar de missangas na cor marrom, pertencente ao Orixá Iansã

Eu tinha uns 13 pra 14 anos e, freqüentava como assistente e amigo das filhas dela e nunca me entrosei com maior profundidade, é tanto que, quando ela voltava das viagens mandava me chamar para mostrar as fotografias, falar das viagens e conversávamos por horas. Chegou a querer que eu fosse estudar ioruba e mandou um bilhete para o diretor do CEAO, mas eu era menor e minha família foi contra, queria que eu estudasse inglês.

Na frente da minha casa morava Irene Bamboxê, do lado Vicente de Ogum, considerado um grande feiticeiro, e a mãe dele era nossa lavadeira. Quando o candomblé batia parecia no fundo da minha casa. E eu gostava de ficar na área para ouvir tudo, tambores. Ainda ouvia o toque no candomblé de Neve Branca. Estava rodeado de candomblés o que simboliza uma espécie de chamamento, e minha família teve mulatos do lado da família do meu pai, eu já trazia uma carga de energia do orixá.

*Um ano antes de vir definitivo para Salvador, vim de férias e fui à festa de lansã de mãe Olga, e para minha grande surpresa, a lansã entrou pro quarto e mandou me chamar. Quando cheguei lá dentro, ela conversou em ioruba, mais não entendi nada. Ela mandou chamar uma de suas filhas, Jojó, que serviu de interprete, abriu o quarto de lansã, me mostrou e perguntou se eu estava gostando depois ela disse que gostava muito de mim e **queria que eu fosse seu padrinho, pois lá não usava a palavra ogã.***

*Ela perguntou você aceita, eu disse que sim. Ela mandou eu salvar lansã e mandou chamar a mãe pequena para abrir o quarto de Oxalá para eu salvar. **Lá tocaram o adjá²⁴ tempos depois saímos do quarto ela pegou a espada, e me entregou o erukere²⁵ e saímos dançando juntos, lansã segura no meu braço me levando para o barracão. Levou-me até a porta, depois me levou até o atabaque, pois lá não carrega como no Afonjá, e me sentou numa cadeira com forro de veludo azul.***

“Fiquei freqüentando a casa durante muito tempo até me desentender com um ogã. As pessoas achavam

²⁴ Instrumento utilizado para chamar e saudar o Orixá.

²⁵ Rabo de búfalo

que eu caí por lá de pára-quedas, e não me consideravam. Estava um dia eu no meio de dois Ogãs, daí um falou com voz brava dizendo assim: ogã sou eu. Eu tenho a marca. Isso porque lá tem um ritual que queima o braço da pessoa e eu não tinha vivido esse momento. Eu então me aborreci, pois eu pensava em interagir, somar, ser mais um a colaborar com a casa.

Depois fiz uma viagem e trouxe uma lembrança e fui até o candomblé do Alaketu, chegando lá a filha dela que era muita minha amiga, me recebeu da janela, me tratou tão mal que eu fui deixando de ir lá até que não fui mais. Eu aí passei a freqüentar o Afonjá. Ia e ficava assistindo o candomblé da arquibancada, até que um dia um Ogã de Iemanjá de nome Américo e me convidou a entrar e perguntou quem eu era. Disse que era um Ogã, e ele me cedeu a cadeira”.

No início Ogã Gabi teve certo receio de mãe Stella, por ele já ter sido suspenso em outra casa, de grande prestígio; e nas consultas que fazia no terreiro, Iansã sempre o alertava dizendo que ainda não estava no tempo para que se tomasse qualquer decisão.

Tempos depois, pai Gabi já se sentia como um membro da casa. Ele admira os irmãos que conquistou com sua simpatia, por serem hospitaleiros alegando que em momento algum se sentiu discriminado por algum deles ou pela própria casa.

“Mãe Stella, porém, uma mulher sábia que é, me respondeu num dia em que me sentia assim, deslocado perante os outros, que Iansã é uma só em qualquer lugar. Daí, acho que ela já estava sentindo que chegava a hora de me confirmar.

Em certo dia, pedi para ela botar um jogo de búzios para ver a minha vida, pois pretendia viajar para o exterior, e nesse jogo, fiquei sabendo que a hora da minha confirmação havia chegado. Ela disse assim:

- Vou fazer a nota das suas compras. Você foi escolhido para ser confirmado como Ogã da casa!

Isso já haviam se passado mais de 7 anos, porque hoje já tenho 16 de confirmado.”

Capítulo 3

Os Ogãs e os Obás:quem são ?

Mãe Aninha denominou os 12 Obás de ministros de Xangô. Etimologicamente a palavra Obá quer dizer o rei.

Karin Barber caracteriza o Obá como sendo um dirigente sagrado e como um proprietário nominal da terra. Isso dentro de uma realidade cuja unidade política se baseia num sistema de linhagem patrilinear (Barber.1981:147) .

Como amostragem ela utilizou a sociedade Tallensi e em cujo sistema de linhagem o status e o papel de cada membro era estritamente determinado por sua posição na rede genealógica e não pode ser alterado por seus próprios esforços.

Abordando também a cidade de Okuku, cuja unidade política fundamental era composta de certos números de linhagens locais e quem estava à frente da cidade era o Obá, dirigente sagrado, escolhido entre os segmentos da linhagem real muito numerosa, que detinha sobre ela poderes residuais (Id.48). Por ser o sistema de linhagem patrilinear, o Obá poderia além de determinar os rumos da cidade, auferir títulos à pessoas que ele achasse considerasse um merecedor.

A Sociedade Civil²⁶ Cruz Santa do Axé Opo Afonjá que tem um estilo patrilinear, porém não é a religião, é apenas a Sociedade, não podendo um homem ocupar a cadeira principal do terreiro que tem no seu princípio um sistema de linhagem matrilinear.

Pode-se então dizer que o termo Obá foi ressignificado dentro da realidade do terreiro na Sociedade Civil, e para comprovação desse processo trazemos como exemplo o orukó dos filhos de Xangô, que traz sempre como

²⁶ Sociedade não militar. Idem ibid.2000:218.

pre-nome a designação Obá, tanto para os ministros quanto para um iniciado.

Como exemplos têm: “Obá Aré”, um cargo na Sociedade que temos para significado “o rei que chega na frente” enquanto que “Obá Jessi” estamos nos referindo a uma filha de Xangô iniciada. Traduzindo esses orukó, diremos que seria “o rei que anda a cavalo”. A diferença de um para o outro é que o primeiro nome pertence ao corpo de ministros ou Obás enquanto que o segundo nome está identificando uma pessoa distinta, do corpo religioso.

Como já foi mencionado, o grupo de Obás se organiza como os porta-vozes da Sociedade Civil e, constituem-se em embaixadores que articulam-se entre o contexto religioso e o social como um todo. Para Costa Lima, hierarquicamente, sua classificação está acima dos Ogãs.

O Conselho religioso dentro da Sociedade Civil, vem servir de base, para dar uma sustentação a referida Sociedade, que é uma organização Civil.

Ainda conforme Costa Lima, o grupo de Obás foi instituído formalmente no candomblé de São Gonçalo, no ano de 1937. Um grupo, originado dos Ogãs mais antigos da casa. Eram sempre pessoas de prestígio na comunidade religiosa afro-baiana (Lima.1966:02).

Esse grupo foi basicamente criado a fim de dar sustentação à referida casa religiosa, e *“foi então organizada a sociedade civil com o nome de Sociedade Beneficiente Cruz Santa Opô Afonjá, tendo como presidente de honra o Sr. Martiniano Elizeu do Bonfim (Ajimudá)”*(Santos.1962:22)

Este fato é da mais alta importância no processo de constituição da religião afro-baiana e de uma sociedade civil em Salvador. No culto de origem africana, os ogãs compõem um sacerdócio específico: são os membros masculinos do candomblé que nunca entram em transe e se encarregam tanto de tarefas administrativas e diplomáticas, como da música e dos sacrifícios. Na

estruturação dos cultos na Bahia, esse sacerdócio foi mantido em toda sua complexidade, acrescentando-se um ramo especial: certos brancos que detinham um estatuto elevado no seio da sociedade oficial e que eram simpatizantes do candomblé receberam, enquanto ogãs, a função de protetores do culto. (SILVEIRA, Renato. "Pragmatismo e milagre de fé". In: REIS, Jose João (org). Escravidão e invenção da liberdade: estudos sobre o negro no Brasil. 1988. In: BRAGA, Julio. A cadeira de Ogã. 1999.)

Para melhor compreensão da estrutura funcional, daremos mais detalhes sobre a Sociedade Cruz Santa do Axé Opo Afonjá, através de referência colhida do seu Estatuto original, do ano de 1935, reformado e aprovado pela Assembléia Geral Extraordinária de 23 de agosto de 2000, em anexo.

O referido documento está assinado pela mãe de santo do terreiro, a Iyalorixá Maria Stella de Azevedo Santos, e pelos demais membros, tendo sido registrado no Cartório de Registro Civil de Pessoas Jurídicas e posterior publicação em Diário Oficial.

Capítulo 1

Art. 1º - A Sociedade Cruz Santa do Axé Opo Afonjá, foi fundada em oito de novembro de mil novecentos e trinta e seis (08.11.1936) pela Iyalorixá Eugênia Anna dos Santos, com 16 dos seus Obás e Ogãs, é uma associação civil, com foro na cidade do Salvador, capital do Estado da Bahia, personalidade jurídica própria distinta dos seus associados, os quais não respondem subsidiariamente pelas obrigações por ela assumidas.

Parágrafo único – A Sociedade Cruz Santa do Axé Opo Afonjá tem sede à rua Direta de São Gonçalo do Retiro, número 557 (quinhentos e cinquenta e sete), na cidade do Salvador, capital do Estado da Bahia.

Art.2º - A Sociedade Cruz Santa do Axé Opo Afonjá tem prazo de duração indeterminado e se regerá pelo presente Estatuto e, nos casos omissos, pelas deliberações da Assembléia Geral, ressalvando o direito de veto da Iyalorixá nos casos e forma estatutariamente previstos, e pela legislação em vigor.

Das Disposições Gerais, temos no Capítulo III, Seção I a forma em que a referida Sociedade se apresenta:

... Art. 4º - A estrutura da Sociedade Cruz Santa do Axé Opo Afonjá compõem dos seguintes órgãos:

Conselho Religioso

Assembléia Geral

Conselho Civil

Seção II Do Conselho Religioso ...

... Art.8º- Ao Conselho Religioso, compete privativa e soberanamente decidir sobre religião e sobre matéria a ela referente ou que repercuta sobre, mesmo indiretamente. decidir sobre religião e sobre matéria a ela referente ou que repercuta sobre, mesmo indiretamente.

Art.9º - O Conselho Religioso compõe-se de:

Iyalorixá

Iyá Kekerê

Iyá Dagan

Iyá Moro

Parágrafo Único – *Os membros do Conselho Religioso são membros natos e vitalícios do Conselho Civil, com voz e voto.*

... Parágrafo Único – *Todos os membros do Conselho Religioso são necessariamente mulheres.*

... Seção III Da Assembléia Geral

...Art.18 – *A Assembléia Geral é o Órgão supremo da entidade para os assuntos leigos.*

Art.19 - *é constituída dos associados fundadores e efetivos no pleno gozo dos seus direitos estatutários.*

... Seção IV Do Conselho Civil

... Art.29 - *O Conselho Civil, órgão executivo da entidade, compõe-se de:*

Presidente

Vice-Presidente

Primeiro Secretário

Segundo Secretário

Primeiro Tesoureiro

Segundo tesoureiro

Três Conselheiros

Membros Natos

A referida Sociedade como já foi citado no parágrafo anterior, teve como presidente de honra o Sr. Martiniano Elizeu do Bonfim, e formou sua primeira diretoria conforme Ata de Sessão Inaugural do Centro Cruz Santa, de

08.11.1936 em anexo, tendo como presidente o Sr. Arkelao Pompilio de Abreu, primeiro Obá da casa, e vice-presidente o Sr. João da Silva Freire, primeiro secretário Tibúrcio Roque Muniz, segundo secretário Francisco Andrade, tesoureiro Miguel de Santanna .

O processo de eleição para a presidência e demais cargos da referida Sociedade, acontece a cada 2 anos, sempre no dia 29 de junho, dia em que se comemora o Apogum ou a volta de Xangô do Olorogum ou da guerra.

Nesse ano em curso - 2009, conduzida pela mãe de terreiro, foi feita a eleição direta, na sala da casa de Xangô como de costume, estando presente Ogãs e Obás e de um Abiã.

Foram eleitos para: presidente, o Ogã Jose de Ribamar Feitosa Daniel, então vice-presidente até 2008; para vice-presidente foi considerado o nome do Obá Luiz Domingos; para primeiro secretário o Ogã Marcos Santana, que também acumula o cargo de Ogotun²⁷ que é um posto inerente da casa de Oxum; para segundo secretário ficou o Ogã Adriano de Azevedo Santos; tesoureiro Gurgel de Oliveira; segundo tesoureiro Ogã Emanuel.

Aos Obás foi entregue o destino civil do Axé e, também o religioso.... são especialmente chamados de “pai” pelos filhos de Xangô. (Santos. 1993:83^a85), e conforme Costa Lima, os Obas estão distribuídos em 12, e mais 24 Otuns e Osis formam dessa maneira um corpo de 36 titulares que constituem o grupo dos Obas de Xangô. (Lima. 1966:11).

Como não se possui todos os antigos Obas, já falecidos, apresento uma série de nomes importantes, na vida do terreiro.

²⁷ Cargo referente à casa de Oxum.

Os antigos Obás já falecidos, e que um dia foram da direita, na ordem de seqüência:

- 1º Oba Abiodou – Arquelau Manuel de Abreu, confirmado por mãe Aninha.
- 2º Oba Aré - Miguel Santana, baiano, o mais velho e mais antigo dos Obas. confirmado por mãe Aninha.
- 3º Oba Arolú - Jorge Amado, filho de Oxossi e escritor, confirmado por mãe Senhora
- 4º Oba Telá - Mário Bastos, profissional liberal, trabalhava na confecção de tamancos, no próprio terreiro. Filho de Oxum, e foi confirmado por mãe Senhora
- 5º Oba Odofun – Jacinto Souza, tesoureiro por ocasião da criação da Sociedade. Confirmado por mãe Aninha.
- 6º Oba Kakanfô – Antonio Albérico de Santana, filho de Ilogunedé e confirmado por mãe Aninha.

Os Obás falecidos, que um dia foram da esquerda, na ordem de seqüência.

- 1º Oba Onasocum –Hector Júlio Páride Bernabó, argentino artista plástico e pintor, conhecido internacionalmente como Carybé de Oxossi, confirmado por mãe Senhora.
- 2º Obá Aressa – Camaféu de Oxossi, baiano, compositor, mestre solista de berimbau, comerciante do Mercado Modelo, confirmado por mãe Senhora.
- 3º Obá Eleriym- (não foi identificado nos arquivos)
- 4º Obá Onikoiy – Dorival Caymmi, baiano, filho de Oxalá, poeta, cantor e compositor de música popular brasileira,.

5º Obá Olugbom – Manuel Rodrigues Carrera, funcionário público, confirmado por mãe Stella.

6º Obá Sorum - (não foi identificado nos arquivos)²⁸

O perfil sumário dos atuais Obás e Ogãs.

Apresento não o quadro total, mas aqueles mais presentes e atuantes:

O atual presidente, Ogã Ribamar, 65 anos, é médico otorrinolaringologista, nascido no estado do Maranhão em São Luiz, no dia 07 de novembro de 1943, onde viveu por apenas duas décadas, vindo residir em Salvador no ano de 1963.

Através de concurso feito para o Governo do Estado da Bahia, foi contratado para trabalhar no Hospital do Exército em 1973. Hoje se encontra aposentado, mas ainda exercendo suas atividades, em seu consultório particular, atendendo aos pacientes dos mais variados convênios, do próprio terreiro e outros, que buscam a cura de seus males.

Ribamar passou a ocupar o lugar da presidência da instituição, além de Ogã de Oxalá. Vem exercendo as duas funções com esmero e dedicação. Procura organizar todo o movimento ligado à Sociedade Cruz Santa.

Sempre muito querido por todos, é sempre presente nas idas e vindas da mãe de santo em todas as ocasiões, mesmo antes de ocupar este cargo, além de ser um companheiro médico nas viagens em que realiza, homenagens que são prestadas por entidades ou mesmo pelo público alvo como Congressos, Seminários.

Mostra-se disposto sempre que requisitado pelo terreiro. Participa das obrigações de orixás de forma ativa, sai em busca de providencias no sentido

²⁸ Retirado das fontes: SANTOS,D.M.1962:22; LIMA.V.da Costa.1966: AMADO,Jorge.1978.27ed.191*196;204*211; SANTO,M.S.1993:83*85.

de manutenção da casa, mediante parceiros da casa e órgãos governamentais.

Ogã Ribamar, lembrando que as obrigações pertinentes ao cargo de Ogã elencam a parte civil como sendo a principal atribuição. Em seguida cuidar das coisas do terreiro e da parte que corresponde ao conjunto do espiritual. Ele acha que se deve ajudar o terreiro com obrigações inerentes ao seu cargo tanto no lado civil quanto religioso.

Ele costuma comparecer às festas e a quaisquer atividades que aconteçam dentro do terreiro, assim sendo, recepciona os convidados, colabora com a roda do xire no barracão, e passando sempre pelo quarto de axé dos homens.

As vezes precisa até exercer suas função de médico para alguns casos, como por exemplo, medicar alguém que tenha pressão alta entre outros, até mesmo mãe Stella, que faz uso, de remédio para pressão.

E quando se fala de Obá, nos reportemos a um dos primeiros, que sempre prestigiou o Afonjá com a sua honrosa presença, de um Obá ainda suspenso no tempo de mãe Aninha, o sr. Antonio Albérico de Sant'Anna, 88 anos, o conhecido Antonio Kakanfô, título esse, conferido aos 17 anos pela saudosa mãe de santo, a ele, então um oficial da marinha.

Nascido em Salvador no ano de 1919, teve como mestre na religião africana o seu pai, o saudoso Miguel Sant'Anna. Pai e filho se confirmaram juntos no terreiro acima citado .

Além de Oba, Antonio Kakanfô era também Ojé do terreiro Ilê Aboulá na ilha de Itaparica. Seus irmãos, filhos e sobrinhos o acompanhavam nessa trajetória. Oba sempre atuante, nunca ocupou cargo na Sociedade Cruz Santa, porém dispunha de sua presença para o que fosse necessário.

Filho do orixá Logunedé, porém um devoto e fã incondicional do orixá Iansã. Dispensava toda uma dedicação a este orixá, ao ponto de sugerir na

gestão de mãe Stella, a construção de uma casa somente para esse orixá e ela concedeu sem questionar.

Ele então ficou a frente da obra de construção até o dia da inauguração. Sempre presente em todas as festas, e podendo-se dizer ser o primeiro a chegar ao terreiro. Em cada ano que sucedia uma festa para lansã, ele trazia algo novo, que surpreendia os filhos do orixá e também a mãe de santo.

Ele era sempre um menino - Lugunedé - trazendo uma novidade para esse dia. Criou uma reverência única, junto aos outros Ojés à esse orixá, e que se trata de uma cerimônia em que entram barracão adentro em fila, todos os Ojés, em seguida ajoelham-se e cantam uma canção salvando a dona da festa – lansã – cada um segurando um galho de dendezeiros, que ao final da canção é entregue às lansãs da referida festa.

Esta homenagem perdura até os dias de hoje, por ocasião da quarta-feira da festa, no mês de outubro, quando é agendada a referida comemoração.

Sempre respeitado por todos, no terreiro do Afonjá ou em qualquer candomblé por onde circulasse. Atendia aos chamados da mãe de santo, sempre que ela solicitava sua ajuda. Até mesmo filho de santo que a ele recorresse para ajuda em obrigações, mostrava-se disposto a atender.

Por motivos de já estar com a idade avançada e por encontrar dificuldade de locomoção, Kakanfô já se considerava impossibilitado de fazer suas caminhadas até o terreiro entre outros lugares. Alegava preferir passear de automóvel. E também, nos últimos anos de sua existência, se encontrava afastado do Afonjá, por questões de saúde.

Antonio Kakanfô faleceu em 21 de fevereiro de 2009, sem ter completado seus longos 90 anos que faria no dia 28 do mês em curso, ficando vaga sua cadeira de Obá por no mínimo um ano²⁹.

²⁹ Depoimento colhido de Jaguaracira Sant' Anna, irmã do então Obá Kakanfô, na forma de entrevista .

Obá Luiz Domingos de Souza, 69 anos, negro, filho de Maria de São Pedro, é preto, comerciante, gosta de cantar nas suas horas de lazer, em festas e serestas. É residente no bairro de Jardim Cruzeiro, e entrou no Afonjá no ano de 1961.

É também chamado por muitos que o conhecem como Luiz do Mercado, pois foi vizinho durante muitos anos do restaurante Camafeu de Oxossi de propriedade do referido Obá. O Escurinho, como era carinhosamente apelidado por Mãe Senhora, nasceu em Salvador, é residente no bairro do Jardim Cruzeiro na mesma cidade, é proprietário do restaurante que fica localizado no interior do Mercado Modelo, no andar superior, e que leva o nome de sua mãe.

O entrevistado comenta que em 1967 foi para São Paulo já com o propósito de vender o restaurante em 1º de agosto de 1969. Tudo já estava acertado para a venda. Na mesma manhã quando estava saindo de casa, o vendedor de peixe seu freguês, lhe abordou dizendo: - “O Mercado Modelo tá pegando fogo”³⁰

Obá Luiz então, não pode mais vender uma loja que já se encontrava em chamas. Veio então o 2º incêndio que queimou todas as lojas, menos o restaurante isto porque o capitão dos Portos, amigo do informante, jogou água salgada nas instalações e Luiz assegura que lemanjá tomou conta, não deixando queimá-lo outra vez.

Assevera que daí em diante, ele passou a freqüentar mais a casa de Xangô Afonjá com sua fé inabalável, depois de ler a manchete que se estampava no jornal A Tarde do dia 03 de agosto de 1969, dizendo: “**Santo Forte, o de Maria de São Pedro**”, conforme anexo.

Obá Luiz Domingos caracteriza como sendo atividades pertinentes ao seu cargo, participar de todo e qualquer cerimônia interna e externa do

³⁰ Fala do entrevistado.

terreiro, assim como respeitar as pessoas mais antigas, incluindo irmãos de todas as categorias do terreiro.

Um Obá deve estar preocupado com o terreiro e particularmente com o que diz respeito à casa de Xangô. Isto porque ele em tempos remotos mandava pintar toda a casa de Xangô por ocasião do chamado ciclo de festas desse Orixá. Hoje porém, não mais é necessário, visto que foi colocado nas paredes externas um revestimento em pedra.

Assevera que não se pode esquecer também de dar assistência a casa de Oxalá, principalmente por ocasião do ciclo de festas do Orixá. Obá Luiz tomou a responsabilidade pela decoração da sala, para a volta do Orixá, que permanece fora do seu habitat por uma semana.

Não abre mão de comparecer às festas do barracão, porém se sente facultativo nas cerimônias de cunho civil. Ademais, com toda essa prestação de serviços ao terreiro, ainda afirma ser um *Obá de cadeira*.

Tadeu Alves de Souza, 66 anos, é um Oba. De cor pardo, é aposentado do Tribunal Regional do Trabalho, e entrou pela primeira vez no Opo Afonjá no ano de 1962 a trabalho, pela Secretaria de Saúde.

Era também motorista de taxi, e por diversas ocasiões conduziu mãe Senhora, até o terreiro de candomblé de São Gonçalo, visto que ela residia em Itaparica e quando vinha para o Afonjá Tadeu disponibilizava seu automóvel para levá-la.

Nunca esteve envolvido com a religião, apesar da referida mãe de terreiro sempre dispor de uma gentileza, fazendo-lhe sempre um convite para que ele viesse assistir o candomblé quando quisesse, mas ele sempre agradecia, se despedindo. Porém, um dia, a necessidade o fez adentrar o terreiro e hoje ele é um Oba confirmado.

O Obá Tadeu comentou que um Obá não faz parte do Conselho Religioso do terreiro, e que sua função é cuidar da parte administrativa,

ficando a outra parte sob a responsabilidade das mulheres. Ele se mostra sempre atento no que diz respeito à ajuda e hoje aposentado, se dedica muito mais às responsabilidades do terreiro.

Delega toda e qualquer atividade de barracão a exemplo das festas, à competência dos Ogãs, assim como o comando dos momentos festivos civis. Toda essa tarefa e deverá estar sempre sob a responsabilidade deles, o que seria o processo normal.

Adriano de Azevedo Santos Filho, 28 anos, foi suspenso aos 06 meses de nascido pelo Xangô de ebome daquelas mais antigas, Elza, no quarto do Orixá, por ocasião de uma obrigação num dos dias do Apogum.

Ele se encontrava dormindo no colo de sua mãe, Nivalda, uma ekede suspensa em um terreiro de nação Angola, porém disponibiliza os seus serviços no Opo Afonjá. Ele é também sobrinho da mãe de terreiro, mãe Stella.

Um outro Obá entrevistado foi Augusto Costa Conceição, é médico psiquiatra, 54 anos, baiano, mestiço, residente no bairro do Costa Azul, e filho de Xangô. Esse Obá foi suspenso pelo Xangô de ebome Detinha no ano de 1998.

Ele chegou ao Afonjá, para fazer uma consulta aos búzios de mãe Stella, pois já tinha ouvido falar, e ficou curioso em conhecê-la e também em saber o que os búzios diziam a respeito dele. Comeu do amalá de Xangô, fez algumas amizades, e retornava sempre que tinha oportunidade.

O Obá Augusto acredita que se deve cuidar de tudo que se refere ao terreiro, usou até de um possível desabafo, onde versou da seguinte forma:
- *Eu posso até mesmo, agüentar o porre das filhas de santo.*

Admite já ter sido um Obá mais presente, que resolvia problemas internos, gerenciando projetos que proibia candomblés nos quais havia

grande concentração populacional. Participou ativamente na elaboração de um projeto para construção de um hospital nas proximidades do terreiro, mas que não foi adiante. Não se conseguiu patrocinador.

Fernandinho, assim é conhecido esse Obá, tem 48 anos, é negro, taxista autônomo, residente no Afonjá. Freqüenta esse terreiro há mais ou menos 15 anos, só que em momentos de obrigações de Axexê.

Acostumou-se a acompanhar, junto com os outros Ojés, a cerimônia que pertence somente ao corpo de Ojés, devendo assim estar presente do começo até finalizar. É também vinculado ao terreiro de Egum, na ilha de Itaparica onde nasceu, desde ainda muito jovem.

Do lado do candomblé, freqüentava a casa do pai de santo Moacir de Ogum (falecido), em Paripe-Tubarão, um membro que além de filho-de-santo, era também o balogum do Opô Afonjá.

E, também costuma comparecer no Ilê Axipá, onde estão muitos de seus amigos. Participava apenas da obrigação, regida por Obá Kakanfô, acima citada, no Afonjá, na festa de lansã, e também não deixava de comparecer à segunda-feira de Ogum, em gratidão ao pai de santo .

Por sua seriedade e comprometimento religioso, Fernandinho foi alçado à condição de Obá. O que lhe trouxe total alegria, nos comenta que está muito feliz no cargo que Xangô lhe reservara. Pertence à casa do Orixás fun fun, pois é um filho de Oxalufã.

Ogã Ildázio Tavares, 68 anos, é branco, um Ogã e também acumula o cargo de Obá conforme relatou em entrevista. É baiano, escritor, poeta, residente no bairro de Itapuã, e entrou no Opô Afonjá no ano de 1969.

Informou-nos que compreende que as obrigações destinadas ao cargo de Ogã são todas: as religiosas e as administrativas, como por exemplo, captar recursos para auxiliar nas festas.

- *Quando eu era nôvo arrumava o barracão, recebia os convidados, vias as pessoas que mereciam contemplação, e sempre ajudei dando dinheiro para festa pro santo e também para o filho de santo.*

Acrescenta ainda que, organizou em média 4 a 5 congressos, ajudou na obra da casa de Oxum com o apoio que recebeu de Gilberto Gil; contribuiu na construção do muro para casa de Omolu. Depois, se sentiu atravessado em seu trabalho, boicotado, de forma que se sentiu impedido de recorrer às instituições.

Assevera também que eles devem, em determinadas festas, como o Ipeté de Oxum, festa de Iamassé, carregar o andô do Orixá da festa; Já, no dia 29 de junho que é festa de Xangô, ele acompanha o Agerê.

Do Ogã de Iansã Antonio Jorge Nascimento Pacheco Vasquez, 49, pardo, desenhista aposentado, residente no próprio terreiro, obtivemos a informação que ele chegou ao Opo Afonjá, aos 02 anos de idade trazido pela mãos de sua mãe Nicinha de Ogum (já falecida), quando veio fazer obrigação. E agora, ele vem juntando-se à lista dos Ogãs mais antigos.

Acredita pertencer ao seu cargo, atividades como as matanças ou sacrifícios de animais, limpeza ou ebós e despachá-los, sacudimentos nas instalações do terreiro e outras, toque de atabaque, limpeza no geral, além de despachar a porteira ou a porta da rua, o que hoje é uma atribuição de sua responsabilidade, delegada pela mãe-de-santo.

Sempre colabora em qualquer atividade, além de pagar à taxa correspondente a mensalidade da Sociedade Civil. É freqüente em todas as festas e comemorações do terreiro, pois ajuda na hora de vestir os orixás masculinos, e ao final da cerimônia está também para ajudar a despachar os Orixás. Socorre também pessoas que se manifestam nas cadeiras, além

de estar atento junto as Ajoies aquelas pessoas que se manifestam nas arquibancadas e nos arredores do barracão.

O Ogã de Ogum Roberval Marinho assevera que no geral existem duas categorias para as obrigações pertinentes ao referido cargo: o Ogã que cuida do Orixá na cabeça do filho e o Ogã que cuida do Orixá no assentamento, o que seriam os chamados Axogum e Pejigã. Quaisquer outras atividades seria consequência, isso no caso do Ogã ser visto como um sacerdote que ele é.

Alega hoje morar distante da sua casa religiosa, pois reside em Brasília e não pode comparecer as festas como era de costume. Lamenta também sua ausência nas cerimônias e questões de cunho civil, pois quando vivia em Salvador era presente no terreiro. Estava sempre no barracão com todo cuidado com as visitas que chegavam, pensando em acomodá-las.

Ele admite que alguns Ogãs são dotados de plena sabedoria e detentores do conhecimento religioso, daí ele diz que esses têm o poder, tem voz perante os companheiros. Como exemplo ele cita o irmão mais novo Wellington, que detém um saber, por isso sua voz politicamente é respeitada, até mesmo pelo seu conhecimento.

Admite também que os Ogãs tem privilégios nas mais variadas situações, como por exemplo, são chamados de Ogãs onde quer que eles estejam, além de serem os primeiros a serem servidos, em festas, entre outros.

Eles sempre costumam estar integrados com a ocasião. Sempre interagindo de forma plural. Eles sempre se entendem uns com os outros. Enquanto que os Obás estão literalmente desestruturados, sem aquela força de outrora.

Nunca se percebe uma articulação entre eles, talvez em vista das substituições e não se percebe uma demonstração de coesão na forma em

que conduzem as atividades civis do terreiro, só se percebe a presença de Ogãs, que são em sua maioria presente.

O que nos leva a acreditar que muitos deles não sabem quem está a sua direita ou a sua esquerda, sequer se conhecem, e que essa desarticulação pressupõe-se advir da redistribuição do próprio cargo em otun e osi. Observa-se que, quando em caso de morte de um Oba, não se sabe de imediato se ele era um titular, ou se auxiliar do cargo.

Ogã Codes, considera como parte das atribuições, inerentes ao seu cargo, providencias junto aos órgãos como a prefeitura, a poda de árvores, limpeza do mato que cresce no terreiro, acionar a companhia de luz, para a colocação de gambiarras que possibilitam uma melhor iluminação para a casa, entre outras.

O Ogã Zé Felix comenta que ser Ogã é ter um compromisso com o terreiro qual se é confirmado, gostando ou não dos procedimentos. Afirma que alguns deles não são chegados a permanecer dentro do barracão, preferem ocupar a parte externa do terreiro, onde se sentem mais à vontade.

Henrique Tavares Barreiros, tem 60 anos, é baiano, pardo, arquiteto, residente no bairro de Ondina, filho do Orixá Ogum, porém é Ogã do Omolú, de ebome Genivaldo. Foi trazido para o terreiro quando criança pelo seu pai, Tibúrcio Barreiros, um Obá da casa.

Com o passar do tempo, e também após o falecimento de seu pai, ele se integrou em outra casa, até que em 1992, resolveu freqüentar o terreiro do Opo Afonjá. Já conhecia algumas pessoas, além da mãe de santo, e não foi difícil se entrosar.

Assevera que as atribuições inerentes ao seu cargo, agregam primeiramente o zelo pelo Orixá, principalmente por ocasião das festas de

barracão. Depois lembra da parte civil, que é aquela pertencente a todos, do terreiro.

Ele mesmo nos informou que já programou alguns Seminários, já levantou ajuda com Órgãos públicos, por ocasião dos encontros festivos dos Ogãs. Sempre contribuiu com a parte financeira das festas e eventos, de cunho civil.

Alexandre Silva de Oliveira, Alex, assim é chamado o entrevistado, 27 anos, pardo, vigilante, residente no Afonjá desde que nasceu, pois nasceu dentro do terreiro. Passou toda a sua infância no terreiro, estudou na Escola Eugenia Anna, que fica lá mesmo, brincando como as outras crianças, de cantar, tocar atabaques nas latas e fingir que está recebendo orixá.

Assim ele descreve a trajetória de uma criança que nasce num terreiro de candomblé, em particular, no Opo Afonjá, com toda aquela imensidão de terra para correr e saltar.

Alex pertence à 5ª geração da família de mãe Ondina, a quarta mãe de santo do Axé Opo Afonjá. É neto de ebome Detinha de Xangô, uma das primeiras filhas de santo de mãe Stella. Não é preciso dizer que Alex e toda a sua família pertencem ao candomblé.

Antonio Jorge Mendes dos Santos, nasceu no Afonjá, em 1960*, é preto, tem 47 anos, é auxiliar administrativo. É mais um Ojé do Iylê Axipá. Jorge de Cicina como é conhecido, pois é filho da saudosa ebome de Iansã e irmão do Ogã Wellington.

É residente no bairro de San Martin, em Salvador e nos informa que sempre andou por ali, pelas casas dos Orixás, acompanhando a sua mãe, e outras ebomes que solicitavam da sua companhia, fosse para subir uma escada, ou lavar algum quarto de orixá.

* Entrevista colhida em 2007.

Pai Gabi, como é chamado, é um baiano de 58 anos, orgulhosamente se considera branco na côr e um negro nagô no espírito, no coração, é um Ogã confirmado para Iansã. Aposentado pela Policia Federal, residente no bairro de Matatú de Brotas, ele chegou no Opo Afonjá em 1985.

No quesito atividades, Ogã Gabriel comenta que para o referido cargo de Ogã, os homens devem participar das obrigações, incentivarem as atividades culturais, educacionais, assim como zelar e fazer cumprir os rituais, normas, e regras.

Particularmente no que diz respeito aos aspectos financeiros, eles devem se fazer sempre presente em momentos de necessidades, como entrada de iaôs, a própria saída delas, entre outras.

Finaliza confirmando que essa é a nossa cultura, por isso temos que preservá-la. Enquanto que Ogã Gabriel acredita que, além de atribuições já citadas, é relevante que os Ogãs e Obás incentivem as atividades culturais, educacionais no terreiro. E que busquem parcerias com ONGs e com outros órgãos para que sejam implantados projetos sociais, pois essa é também uma forma deles se fazerem presente em momentos diversos.

Ressalta que essa é a nossa religião, essa é nossa cultura, por isso faz parte de suas atribuições toda e qualquer atividade para uma melhoria e preservação da casa

Outro entrevistado foi o sr. Fernando Coelho Teixeira, 62 anos, branco, poeta e jornalista, nascido em Conceição do Almeida, no estado da Bahia, porem residindo em São Paulo há mais ou menos 40 anos. Tem livros editados repletos de poesias. Foi confirmado Ogã para Oxaguiã, e o seu Orixá é Xangô.

Ogã Fernando, no ano de 1999, conseguiu com que o Instituto do Patrimônio Artístico Nacional, o IPHAN, tombasse o Ile Axé Opo Afonjá.

Empenhou-se na medida do possível, conforme relato de seus irmãos Ogãs, que lhe deram todo um apoio, e ele conseguiu atingir o seu intento.

Como atribuições inerentes ao seu cargo, admite que um Ogã deve ajudar no encaminhamento de todas as questões relativas ao funcionamento diário do terreiro, como por exemplo, ele deve encontrar os caminhos para que a comunidade se mantenha de forma equilibrada socialmente, mantendo o espaço religioso de maneira absolutamente perfeita.

Reitera versando que um Ogã precisa ser um auxiliar importante, na prática e na execução das tarefas ligadas ao fundamento religioso, participando das obrigações do Orixá, ser um assessor direto da mãe de santo, para que haja uma cumplicidade entre ambos, e os trabalhos tenham no seu desenvolvimento um curso normal.

Hans Harold, é um Ogã. Seu nome não se mostra nada comum entre os soteropolitanos, já denota tratar-se de um estrangeiro, e é. Nascido na Bolívia, 46 anos, apresenta um tipo mestiço com caracteres indígenas notadamente acentuados.

É fotógrafo, free-lance, residente no bairro de Barra. E veio ao terreiro, junto com um amigo, também fotógrafo. Admite que os Ogãs costumam ajudar na organização das festas e sugere e que são pessoas que se preocupam com os problemas do terreiro, além de dar um suporte ao filho ou filha-de-santo.

Para Hans, um dos Ogãs de Ogum, em suas atribuições, ele inclui as preocupações com os problemas do terreiro, um suporte aos filhos, e que também eles podem até se colocar a disposição da cozinha do candomblé.

Sempre que for preciso, eles poderão ser requisitados para pilar folhas, camarão que é um serviço um tanto pesado, assim como suspender e descer os panelões em que são preparadas as oferendas dos Orixás, ficando o restante para ser servido a noite no barracão de festas.

Eduardo Sérgio dos Santos é “Gele”, apelido que o identifica no terreiro, e é como ficou conhecido desde criança. Tem 27 anos, preto, vigilante, residente no bairro da Engomadeira em Salvador. É de Omolú, e Ogã de Oxossi de ebome Roberto. Ogã Eduardo responde que um Ogã deve-se ser dedicado e sério no que diz respeito às atribuições para com os Orixás, com a mãe de santo e, admite não gostar de compactuar com erros.

Já o Ogã Evandro (Babão) atribui que as obrigações do seu cargo devem abarcar tudo que um terreiro necessitar, e que ele está sempre disposto a colaborar nessas necessidades. Não se deve hesitar em dar um suporte à casa, e faz parte das atribuições prestar ajuda aos irmãos, pois ali se recebe ajuda de todos os lados, desde os Orixás, mãe-de-santo até os amigos mais humildes.

Como se pode observar, no terreiro do Opo Afonjá, um Ogã desempenha as funções destinadas ao seu cargo de Ogã. Ele nunca será confundido com o Alabê, que também é um cargo de prestígio do candomblé.

O Alabê é o responsável pelo toque dos atabaques e pelo agogô, instrumentos que compõem a orquestra do candomblé, conforme comenta Gerson José Santos Costa (Bié), Alabê nascido e confirmado nesse candomblé há 14 anos.

O Ogã por si só já traz a natureza protetora, pois já entra para a religião com o título de *pai*, e ocupa um lugar complementar de um terreiro, além de constituir um posto de hierarquia dessa religião. Por muitas vezes, confere à casa certo prestígio, é reverenciado pelos membros do seu candomblé e por outros onde quer que vá.

Este poderá também acumular outro cargo inerente à casa do orixá a que pertence. Em cada casa de orixá se conserva um cargo além de Ogã /Obá, que é tido como o mais relevante, e poderá ser ocupado por eles mesmo, ou

por um outro escolhido pela mãe de terreiro além de também poder acumular o posto de Axogum.

A exemplo temos outros cargos como:

Elemaxó, pertencente à casa de Oxalá, ocupado por Ogã/Obá Vivaldo da Costa Lima; Assogbá, um cargo da casa de omolú, ocupado por Deoscóredes M. Santos – mestre Didi do Ilê Axipá;

Balogun, cargo da casa de Ogun assim como também pode denominar um Ogã, que esteja sendo confirmado para referida casa, como é o caso de Ogã André Mustafá;

Aficodé, um cargo da casa de Oxossi assim representado por Eduardo leroux;

Ogotun é um cargo inerente da casa de Oxum, ocupado pelo Ogã Marcos Santana como já foi mencionado em outro parágrafo, entre outros.

Vale ressaltar que nenhum desses cargos acima citados, poderá ser ocupado por mulheres. Eles são destinados apenas aos homens, visto que estes não mergulham no transe dos Orixás.

Capítulo 4

Os subgrupos e o poder: facções e solidariedades entre os Ogãs e Obás.

Observando os subgrupos masculinos no Axé Opo Afonjá, nota-se que eles se formam com mais freqüência pelas relações de parentesco, e amizade o que já demonstra ser uma estratégia do líder para se manter no comando ou assim dizendo, à frente das facções. E isso vai vigorar para toda e qualquer categoria, do candomblé.

As relações de parentesco, de filiação e aliança, não deixam de ser um ponto preponderante na estrutura social do candomblé, pois vai assegurar a continuidade da religião. E esse fato pode ser vivenciado em terreiros como Ile la Omim Axé Iyámasse – Gantois e no – Ilê Maroiá Laji - Alaketu, entre outros.

Nesses dois terreiros citados acima, a sucessão e o exercício de poder é de natureza feminina e de ordem familiar. O que denota ter a relação de parentesco função inexorável, ali, naquele local para sucessão da liderança de terreiro, além de garantir a subsistência daquele candomblé.

No terreiro do Axé Opo Afonjá, se nota que a dinâmica da sucessão é outra bastante distinta, baseada no processo de escolha, indeterminada. Daí a relação de parentesco vai ocorrer através da descendência dos seus membros. Por exemplo, tem filhos de santo que fazem a obrigação de feitura do Orixá, depois trazem seu irmão, seu filho, os seus parentes, o que não deixa de proporcionar uma maior sustentação à qualquer cargo que a (o) referida(o) venha a ser contemplado.

Em entrevista realizada com o Ogã de Iansã José Félix, ele nos comentou que somente assistiu de perto à sucessão de mãe pequena, que foi a de mãe-Pinguinho para mãe-Georgete, mas que ele não teve maior participação no processo.

E faz uma ressalva dizendo que se for para indicar alguém para suceder cargos ora desocupados, que ele automaticamente vai dar preferência a um dos membros de sua família, como uma de suas irmãs, pois sua mãe se iniciou e completou todas as obrigações para o Orixá em outro candomblé.

Seguindo a linha de raciocínio de Ogã Félix, vamos encontrar informações semelhantes, fornecidas pelo Obá Adriano Filho, que acredita ter em sua família pessoas com capacidade e competência para ocupar cargos distintos na casa, e foi categórico na sua preferência pelos seus familiares que são iniciados na casa e com obrigações completadas. Assevera que o laço consangüíneo perpetua a estrutura religiosa.

Obá Adriano Filho foi informado pelo Obá Sinval da Costa Lima que quando ele se confirmasse, seria o seu otun Obá, pois o mesmo já vinha apresentando alguns problemas de saúde e falou com a mãe de santo o seguinte:

“Vamos aproveitar Xangô e providenciar meu otun, eu não quero otun de cadeira não, quero que seja alguém aqui do Axé. Indiquei o sobrinho dela – Adriano Azevedo Filho- otun Abiodum, que está lá, mora lá, está presente”³¹.

Ogã Alex, também reitera as falas dos irmãos, pois sua família está toda envolvida nessa casa, pois ele é parente da família de mãe Mãezinha, família Pimentel. Além de outros Obás e Ogãs entrevistados que ressaltaram como o laço de parentesco é importante nesses casos, e nessas casas.

O Ogã Jorge Vasquez nos faz algumas revelações nas quais se sente deveras incomodado. Ele relembra que nas matanças ou sacrifício dos animais para o orixá, ele fica atento aos irmãos no que diz respeito a hora de desempenhar a citada função.

Ele ressalta que pode se ver de forma evidente, a real importância da família, na casa, quando um irmão chama o outro, e então os dois assumem o tratado, fechando assim o espaço à quem deseja também participar.

– É sempre assim, um chama o outro que logo vem e não deixam a gente nem encostar, a gente nem pega no bicho que eles já tomaram a frente da gente e pronto. Parecem que são donos dos bichos ou são os pai de santo da casa!

³¹ LIMA. Sinval da Costa. Mãe Senhora lembranças e reflexões. In: Mãe Senhora, saudade e memória. Salvador;Corrupio, 2000:112 a 117.

Ogã Jorge confirma também que esses tipos de comportamento por parte daqueles que se cercam dos parentes é que fragmenta a categoria dos irmãos, os Ogãs. Para ele, o que transparece é que irmão só enxerga à sua frente um outro que seja consangüíneo.

Daí é que começam os abalos por parte dos outros que não gozam de tais regalias. Quebra-se o elo entre eles, ao tempo em que se fragiliza a amizade.

Ele chegou a verbalizar que entre alguns deles, não existe uma amizade sincera de um irmão pelo outro, principalmente na hora dessas obrigações, que envolve dinheiro do chão, que é uma importância que se dispõe na hora do sacrifício do animal, para quem vai fazê-lo, da seguinte forma: um que segura o animal e o outro que vai cortar.

A depender da quantidade de animais, tem ainda aqueles que ficam com o restante dos bichos na mão, e que também são considerados participantes. Ao final de tudo, o dinheiro vem a ser rateada entre os presentes.

Ainda com relação ao predomínio do considerado mais forte, Ogã Félix, aproveita para explicitar sua insatisfação com relação aos mais variados tipos de comportamento, na casa, por parte dos membros da casa:

–Há uma falta de cultura para um ajudar o outro. Não somos educados para se preocupar. A gente só se preocupa com o futuro e não com o presente.

Para Félix, se torna bastante visível a presença de subgrupos dentro do próprio grupo dos Ogãs, quando aqueles considerados homens de posses chegam e subestimam a capacidade dos outros e exibem naquela situação, o seu poder aquisitivo, sua condição financeira aos outros que não estão preparados para tal humilhação.

Diante desses percalços, ele afirma que prefere andar sozinho, e fecha o quesito dizendo que - *“nós é que estamos trazendo coisas de fora”*.

Subentende-se que ele acredita que o poder está ali aos olhos de todos, mas que se está indo buscá-los nas mãos dos estranhos e dos ricos.

É objetivo quando relata que ali, dentro do terreiro, apenas nutre uma incondicional amizade pelos padrinhos: Luis Domingos, que é um Obá e mãe Stella a que tem muita estima respeito, pois o criou desde a idade de 03 anos, passando-o aos 13 para a responsabilidade de sua mãe, Nidinha de Iemanjá .

Mesmo assim, respeita a todos os irmãos Ogãs, e relembra com tristeza que idealizou junto com o Ogã Gabriel, o Egbé Ogã no ano de 1992. Tratava-se de uma equipe composta pelos Ogãs e que na época conjugavam todos com o mesmo pensamento.

Ogã Gabriel nos contou como começou e como chegou ao fim o tão comentado grupo associativo, dizendo que a idéia foi levada ao corpo de Ogãs, que aceitaram e lavraram em Ata, tal acontecimento.

“ – O referido grupo foi formado para que se pudessem trazer vários eventos para o terreiro. Numa dessas reuniões, ficou decidido que no ano seguinte iríamos fazer uma Feira de artesanato, com comidas típicas, roupas de todas as qualidades, incluindo até tecidos africanos, que na época estava chegando ao Pelourinho entre outras, e em conjunto decidimos que o referido evento se chamaria Feira Africana Afonjá. Daí a ebome Cléo de Iansã, nos solicitou que inseríssemos um programa que fosse realizado no barracão de festas, do tipo Seminário, e convidássemos as pessoas mais velhas para falarem sobre um tema. Então ficaria a Feira no espaço aberto do terreiro e o Seminário dentro do barracão, e mais tarde, é que viemos a constatar que a idéia da ebome de encaixar um seminário na Feira, se tratava do embrião do Alayandé Xiré. O Egbé Ogã se reunia toda quarta-feira, na presença de todos os Ogãs e de Obas que se interessassem pelo evento. Ogã Petrô então criou o AJA – Ação Juventude Afonjá – que

surgiu dentro do contexto do Egbé Ogã, e era composta pelos adolescentes do terreiro, e eu me tornei o padrinho, e ainda sou. E ele ainda existe é Ogã Tiago quem está a frente. Muitos do Ogãs ainda estavam vivos, a exemplo do artista plástico e pintor Caribe, que era o presidente da Sociedade, e veio a falecer no decorrer de uma das reuniões, sentiu-se mal, o socorremos, mas no caminho do hospital, veio a falecer. Uns até acham que quando ele já entrou no carro para ir para o hospital já estava morto. Esse também era um desejo dele; “morrer no Afonjá” Foi um momento marcante, pois naquela época formávamos “um corpo”. Eu sentia um entrosamento maior entre a gente, o que hoje não se vê tanto. O movimento abarcava um número maior de Ogãs e mãe Stella precisava de apoio e contava com a gente. Quando ela nos chamava, nos colocávamos de imediato, a postos. Daí nasceu o Alayandé Xire, 1998 sob a coordenação da ebome Cléo, e o nosso trabalho foi por água abaixo. Por que? Porque as pessoas que a gente convidava para Feira se diziam comprometidas para vir para o Alayandé, e assim foi por mais uns 3 anos até que não deu mais para segurar. Ela tinha um grupo de mulheres a seu favor, Ogãs também daí não havia mais sentido fazer um trabalho paralelo, sabendo que não alcançaríamos o sucesso esperado. Até que nos reunimos na casa de Manuel, decidimos que queríamos uma posição do Conselho Religioso, pois as desavenças já extrapolavam o grau de competência e sentimento. Pedimos então a presença de mãe Stella à casa de Xangô, para resolvermos a questão em pauta, e nomeamos para nosso representante, aquele que falaria em nome do grupo, o Ogã Eduardo Carvalho. Não tivemos sucesso nas discussões e acabamos ficando mal vistos pela mãe de santo, que não deixou por menos, dando um corretivo nos homens, e demonstrando estar a favor da oposição. A feira durou cerca de 09 anos, e só acabou pelo boicote”.

Hoje lamenta ao ver que depois de longos anos, sua invenção, ou até mesmo sua idéia tomou um outro rumo, num tendencioso cunho político, que

ele se viu compelido a se afastar. Ressalta que o Egbé Ogã já não mais existe nem com aquela proposta inicial, e nem com uma nova roupagem; simplesmente acabou.

Entende-se que na maioria das casas de candomblés, é comum se falar em desentendimentos, e isto é evidente nos terreiros mais tradicionais, que são oriundos de uma casa matriz. E principalmente no que diz respeito aos cargos que são concedidos nessas casas.

Observa-se então que numa casa de linhagem matrilinear, como é o caso do Opo Afonjá, que o poder dos homens em relação ao que se vislumbra para as mulheres, é muito restrito, muito limitado, até mesmo pela própria condição em que foi fundada a casa.

Conforme entrevista com a mãe de terreiro mãe Stella, é nítida sua colocação com relação a linha tradicional do referido terreiro, fica bem explícito na seguinte frase:

“- Aqui nesse terreiro o poder é feminino apesar dos homens serem bem aceitos como membros para os cargos honoríficos”.

Observa-se entre os homens, das categorias Ogãs, Obás e filhos de santo rodantes, que as relações de amizade vão se dar de forma um tanto delicada, e às vezes um tanto não muito aparentes. Isto se deve, pois o chamado povo de santo usufrui de um intensificado jogo de cintura conseguindo assim perpassar a idéia de que a convivência entre eles transcorre muito bem.

Quando se está um tanto próximo ao grupo dos Ogãs, pode-se observar que entre eles há uma espécie de competição, algo assim muito sutil que só percebe quem já vem observando-os. Tudo depende de quem toma a frente das atividades, ou de quem detém um maior conhecimento da função a ser tratada.

A título de ilustração, podemos trazer um momento um tanto delicado que é aquele que abarca a função do sacrifício de animais. É uma prática dos procedimentos religiosos que, sempre que se for oferecer um animal ao Orixá costuma-se comunicar, a todos os irmãos, e aos Ogãs, com certa antecedência.

De certo que tem pessoas que deixam que a mãe do terreiro o faça. Daí chegam os Ogãs e até mesmo Obás denotando grande concentração para aquele momento apoteótico, onde eles se mobilizam, conversam entre si objetivando colher um resultado favorável. É também o momento da escolha de quem vai estar diretamente segurando ou cortando o animal a ser sacrificado.

Para se certificar de que o referido sacrifício foi aceito dentro do proposto, é necessário que seja colocado também no chão, um prato com a fruta dos orixás, que pode ser um obí ou um orobô. Junto a essas, uma quantia em dinheiro para selar a obrigação.

A importância colocada, poderá ser previamente estabelecido pelos Ogãs que estarão à frente, assim como poderá ser uma quantia simbólica, feita através de acordo entre a mãe de santo e aquele que vai fazer a oferenda.

Dentre os Ogãs convidados podemos notar a presença daquele que manipula todo o sacrifício, ou seja, que comanda a obrigação, sem deixar uma brecha para que um outro possa participar junto com ele. O comandante, permanece sem passar o direito da faca para aquele que se encontra ao seu lado, na mesma condição de Ogã, exercendo o controle da função até o final do sacrifício.

Para alguns dos entrevistados, aqueles mais queixosos, esse episódio tem um cunho constrangedor. É um fato comum nas relações onde predomina o parentesco consangüíneo, dentro do terreiro, e que, em sua

maioria os irmãos, entre si dividem o conhecimento, sem repartir com os demais tão honrosa atividade.

Esse foi um dos relatos feitos por Gil³², Ogã de Ogum, um dos entrevistados que se sente a margem de qualquer matança. Alega que os parentes não foram educados para repartir, não distribuem o chamado poder.

Conforme Ogã Roberval no contexto dos Ogãs, quem tem o conhecimento, detém o poder, nas obrigações.

Outro queixoso também foi o Obá Nilson³³ que, em desabafo expressou sua insatisfação em categorias distintas que,

Existem os Ogãs do Orixá assim como existem os Ogãs da casa da mãe de santo, assim como se conhece também aqueles filhos omorixá ou adoxus, eles se plantam na casa dela, a fim de detonar outro irmão e depois segue como se nada aconteceu. Eles insistem em permanecer uma grande parte do tempo, no interior da casa, pajeando a mãe de terreiro, a fim de intimidar os outros. Quando trazem uma mensagem vinda da casa dela, já vem quase que como uma ordem, e em nome da mãe de Santo! Daí a gente não sabe se foi ela mesma quem ordenou ou se foram eles com aquele axé de mando, que está falando em nome dela... . Dá uma dúvida danada, viu.

Pode-se então concluir que, o entrosamento entre os devidos grupos de Obás e Ogãs, não transcorrem com aquela tranqüilidade aparente. Percebemos que nos referidos grupos as lacunas encontradas se explicitam no que tange ao fator união.

Eles não costumam se desentender perante os filhos de santo, ou outras categorias. É algo que acontece, ali naquele miolo, entre eles, sem maiores

³² Nome fictício. O entrevistado não autorizou mencionar seu verdadeiro nome

³³ Idem.

demonstrações. É um momento muito privado, bem reservado em que se apresentam, sempre juntos formando um grupo. Só sabe quem participa com eles.

Eles procuraram responder às questões de forma a não se melindrarem entre si, alguns como Obá Tadeu, Obá Adriano, Obá Fernando, fazem questão de lembrar que as obrigações estão sempre vinculadas às correntes; e essas se abraçam na hora da execução, e aí permanecem. Eles alegam que procuram sempre ser gratos e conviver em harmonia com o grupo.

Grande parte dos Obás entrevistados confessaram que evitam se indispor com qualquer um dos outros membros, ainda que tenham motivos, visando não soltarem as mãos, e deixarem seqüelas no convívio.

Ogã Fernando Coelho, assevera que as ocorrências que o envolveram diretamente foram motivadas por razões que ele mesmo nem sabe explicar. Estava chegando naquela época no terreiro, achava que era bem vindo pelos seus companheiros Ogã, Obás e pela mãe de santo.

Não vislumbrava que fosse causar pânico em alguma filha-de-santo, a ponto de ela boicotar suas intenções para com o terreiro, pois ressalta que chegou ali, apenas para somar., e talvez tenha sido mal entendido por algumas delas. Mas já passou, comenta-o.

Ele confessa que houve momentos em que o grupo não estava coeso, mas também relembra que por ocasião do tombamento do terreiro, ele enviou alguns pesquisadores de São Paulo, para elaborarem seus trabalhos no Afonjá, a fim de que o terreiro passasse por uma avaliação, para posterior aprovação do IPHAN.

Mas os pesquisadores foram barrados por uma ebame de lansã, que impediu que o trabalho fosse efetuado. O assunto foi então levado ao conhecimento da Mãe de santo, junto com uma carta aberta, um abaixo assinado pelos Ogãs. A comunidade também se mobilizou.

Uma vez apreciado pela líder de terreiro, o trabalho dos pesquisadores foi realizado e o Axé Opo Afonjá foi tombado em 25 de novembro de 1999. Fernando encerra sua fala dizendo que “dentro de um terreiro de candomblé, não se faz nada sozinho”.

Para o entrevistado, Ogã Jorge Vasquez, os Obás não são unidos aos Ogãs. Usou da mais alta franqueza quando se referiu aos desentendimentos que já teve com várias pessoas, inclusive com os próprios Ogãs. Alegou não gostar quando Ogãs mais novos passam à sua frente, na hora da obrigação. Ressalta que na casa tem hierarquia, e que ele sendo um dos mais antigos Ogãs confirmados na casa do candomblé, merece o respeito dos outros.

“Eu tenho queixa também das pessoas que as vezes olham o outro pelo dinheiro, se a gente tem dinheiro ou não, daí é que eu não aceito e revido todo e qualquer desacato que venha dessa situação. Eu tento combater aqueles mais ousados, que gostam de humilhar a gente. Muitas ebomes aqui gostam de menosprezar certos Ogãs na hora de obrigação. Alguns Obas também são muito abusados, também gostam de se mostrar superior a gente, é por isso que abuso mesmo, eu digo viu, Ogã tem orukó, enquanto Obá tem apelido’.

O Obá Fernandinho confessa também que já se desentendeu com alguns irmãos, o que considera normal dentro de uma comunidade, mas não guarda mágoas de nenhum deles. Admite que as brigas entre irmãos existem sempre.

Ogã Gil assevera estar sempre atento à formação dos subgrupos que se formam dentro do próprio grupo de Ogãs, de Obás, no convívio entre eles, na quantidade de pessoas que se reúnem e que por vezes são um grupo de

pessoas do mesmo orixá, e quando se aproxima um outro irmão que não é do mesmo orixá daquele subgrupo formado, a conversa entre eles logo segue um outro rumo.

Gil chama atenção para a formação desses subgrupos com propriedade que de certa forma representam uma facção com proposta contrária. Outros acrescentaram também que já vinham observando a formação de um outro subgrupo, porém da parte correspondente aos Ojé.

De acordo com nossos interlocutores quem está vinculado a categoria de Ojés se apresenta como sendo de categoria destacada e cheia de pormenores, cheios de códigos principalmente nas conversas com os olhares. E esse hábito, vem incomodando bastante aqueles que não estão inseridos no referido contexto, talvez pro futuro, quem sabe...

Direta ou indiretamente eles já se mostram diferentes, até mesmo por fazerem parte de um outro ritual, mundo dos mortos ou eguns³⁴ no qual se percebe que é uma adoração antagônica, ao culto dos orixás, que conforme informações, eles não têm tanto domínio.

Quintino³⁵, Ogã de Oxossi, nos conta sobre sua participação sempre ativa no Afonjá, organizava eventos como Seminários, palestras e relembra que nos idos de 1990, existia um grupo de Ogãs dominantes, que era composto por: Félix, Tonho, Petrô, todos reunindo um ego muito forte que deixava os demais intimidados. Sentia maculada a visão, pois havia muita distinção entre eles, além de muito fuxico.

Uns conspiravam contra os outros ocasionando um notável desequilíbrio do grupo. Havia vários grupos e as brigas eram também distintas, como por exemplo, se brigava muito no Afonjá, por eventos. Quem traria isso ou aquilo para o terreiro. Qual desses eventos teria melhor repercussão.

³⁴ Nome fictício. O entrevistado não autorizou mencionar seu verdadeiro nome.

³⁵ Idem. Ibidem.

Nesse mesmo período aconteceu o tombamento do referido terreiro, evento esse que foi conseguido pelo Ogã de Oxaguian Fernando Coelho, que na época tinha vínculos com o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN e conseguiu este benefício para um terreiro tão antigo como é o Axé Opo Afonjá.

O tombamento ocorreu no período da manhã, com uma notável solenidade, porém muito simples realizada na varanda da casa de Xangô, onde estiveram presentes o Prefeito de Salvador, o Governador e sua comitiva, além dos responsáveis por tão glorioso momento.

Contudo, nesse mesmo dia aconteceria um outro evento à tarde, uma mostra do filme A cidade das Mulheres de autoria de Cléo Martins e Lázaro. Os organizadores do referido evento estavam presentes na parte da manhã, eram eles e bome Cléo, o cineasta Lázaro, a ajiê Ana Rúbia entre outros. Consternados porque sabiam que a comitiva oficial do estado que estava ali para o tombamento, não viria à tarde para o evento seguinte. Daí resolveu boicotar o som do microfone dos participantes do tombamento, desconectando a tomada da energia.

Ele admite que os Ogãs sejam dedicados nas funções inerentes ao seu cargo, dentro do contexto religioso. Uns se afinam mais na ordem religiosa, são engajados no culto, enquanto outros se atêm às atividades ligadas diretamente à mãe de santo, além de outros que se tornaram dissidentes por terem, como se diz na linguagem popular, “*pavio curto*” e acharem que não se muda uma estrutura da noite para o dia.

Quintino ressalta que os Ogãs não formam subgrupos porque não existe entre eles a intenção de se agrupar. Eles apenas só se reúnem por atitudes, isto porque não são meros passivos. Tem força e poder, porém não sabem usá-la porque não dispõem de atitudes conjuntas.

Assegura que existe sim uma união de Ogãs com certo preparo, ou assim dizendo, daqueles com mais competência religiosa além de respeito por

quem procura dispor. Mas no que se relaciona aos Obás, ressalta que eles são mais aleatórios. Destaca apenas três dos Obás: Tadeu, Adriano Filho e Fernando por serem mais engajados com suas funções e também muito presentes.

O restante dos Obás não conseguem se juntar para formarem os 12 no barracão, estão sempre longe das obrigações, e nem sabem quem são seus otun e osi.

- Por morte de um deles, tem-se que consultar mãe Stella, pois eles na verdade nem sabem quem são quem... para exercerem o poder vão ter que aguardar muito tempo, o tempo de conseguirem se juntar no barracão.

Ogã Jorge Vasquez, fazendo um pequeno esforço, relembra que algumas pessoas brigaram depois do jogo que conduziu a assunção de mãe Stella, mas ele estava muito novo e não estava familiarizado com os nomes das pessoas, mas confirma ter presenciado algumas discussões.

-E que algum tempo depois, aqueles que brigaram sumiram, e teve gente que nem voltou, como tia Antonieta de Omolú, desapareceu com a chegada de tia Stella, ela e outras. Umas, depois voltaram a frequentar.

Ogã Alex vem se esforçando para continuar manter a política da boa vizinhança para com todos. E é desse modo que ele nos deixou informado sobre suas divergências com pessoas do terreiro que se mostram valentes, sentem-se poderosas pelo fato de terem freqüência assídua na casa da mãe-de-santo, ou de estarem postadas em redor da mesma.

Lembrou-se que uma ebome de lansã, de nome Cléo uma vez disse que ele tinha colocado em público um manifesto (no chamado Correio Nagô)³⁶. Ele assegura que não teve nada a ver com o fato, e que ele na verdade não participou de nada. Mas sofreu insultos por parte dela e se queixou a mãe-de-santo defendendo-se.

³⁶ Uma categoria de informação oral, conhecida dos candomblés, onde não são revelados os informantes.

Sobre pessoas que deixaram de freqüentar o terreiro, Alex relembra o Ogã Múcio Dourado, um filho de Ogum, muito seu amigo, que deixou de vir ao terreiro por desentendimentos ocorridos e que ele não se lembra com quem.

Cita também outro irmão de nome Paulo Bottas, um ex-dominicano e Ogã confirmado para o Orixá Ogum, residente no estado de São Paulo, certa vez foi também repreendido por essa mesma ebome, apenas por estar usando uma pulseira no tornozelo.

Ele foi penalizado com uma espécie de multa, que é uma prática constante no candomblé, que é aplicado ao réu que infringiu alguma norma ou regra básica da casa. A referida multa costuma ser cobrada sempre pelas lyabás.

Só que a forma em que foi multado, teve uma conotação que o desagradou profundamente, gerando um clima de tensão entre os presentes. Ele alegou que usava aquela pulseira há muitos anos, já havia entrado para o terreiro com ela e que não tiraria por nada, ou melhor, não atenderia a capricho de menina mimada.

O resultado já se pode prever; Ogã Paulo se afastou do Opo Afonjá por um período de mais ou menos dez anos. Apenas retornou ao terreiro depois de ter certeza que já poderia chegar tranquilamente, isso há aproximadamente um ano, e também depois de amadurecer a idéia de que o seu lugar é ali.

Quem foi lembrando-se também de algumas pessoas que se afastaram do terreiro, foi o Ogã Ribamar, e citou Dorinha e Djalma todas duas de Iansã, depois de brigarem no Afonjá, levou seus Orixás para o terreiro de Pai Balbino de Xangô - Obarayí, em Lauro de Freitas, não se sabe por quanto tempo.

Sendo que apenas Dorinha retornou com a permissão de mãe Stella, trazendo de volta os seus Orixás que havia levado e ao chegar tratou logo de fazer sua obrigação de 7 anos que já estava pendente.

Lembrou-se também do Ogã de Oxaguian Clodoaldo, Obá Kakanfô e otun Oba Toinho, seu filho, ebome Cléo, Oba Sinval, Ogã Vivaldo da Costa Lima, e outros.

Ogã Babão cita o seu próprio caso que, depois de estar confirmado Ogã lá no terreiro do Alakaiyê, no subúrbio do Tubarão, ele teve que se afastar do Afonjá. Mas ressalta que queria ser confirmado no Afonjá, porque foi lá que ele foi suspenso Ogã. Mas seu amigo e pai-de-santo Moacir (falecido) não consentiu.

Após a morte do pai de santo acima citado, e depois de se prestarem as homenagens póstumas ao referido senhor, Ogã Babão voltou de vez para o Opo Afonjá.

Por morte de mãe Senhora, Obá Tadeu revela que dentre as pessoas que deixaram de freqüentar o terreiro, estava sua irmã Carmem, o Obá Luiz Domingos entre outros. E também nos informou que houve outros que mudaram de religião.

Por morte da mãe Mãezinha, Ogã Ildázio nos informou que os próprios familiares dela, as pessoas que ela criou como filhos, e os filhos de santo do candomblé que ela mantinha no Rio de Janeiro, no subúrbio de Éden, desapareceram.

E que hoje, não se ouve sequer, alguém falar em seus parentes, aqueles que, enquanto ela vivia estavam sempre estavam ao seu lado. Restando aos olhos de todos dois sobrinhos ebome Detinha de Xangô e do Ogã Jorge Pimentel.

Já na gestão de mãe Stella ele citou um Oba suspenso e confirmado, chamado Santiago Codes, ele próprio por briguinhas domésticas com irmãos de santo. Porém ele voltou sem mágoas, enquanto que os outros preferiram permanecer à margem.

O Obá Luiz Domingos, nos coloca que após a morte de mãe Senhora, ele saiu.

- Depois eu me afastei por muitos anos e só retornei com mãe Stella. E até mesmo nessa gestão atual, eu me aborreci com uma irmã Cléo de Iansã e me afastei de novo, depois voltei pois estava com razão.

O ex-presidente, Ogã Francisco Codes nos informou sobre o caso de Cláudio, um Ogã de Oxum de ebome Gesilda, que por insatisfação com a mãe de santo atual, entre outras brigas, se afastou por longos anos.

E quando voltou para retomar suas atividades de Ogã, se reentrosar com os irmãos não permaneceu no Afonjá por muito tempo. Três dias depois chegou a notícia de que esse irmão veio a falecer.

Temos ainda o depoimento de Maninho que nos informou a respeito de pessoas, que também se afastaram por morte de mãe Senhora, eram eles, seus irmãos Jorge Amado, Filhazinha de Iansã, Obá Terê, Elpídia de Oxalá (falecida), Celina de Nanã, Dorival Cayme...

O Ogã Gil, relembra também o caso do afastamento do Ogã Nelson Rossi, um professor da UFBA, filho de Xangô e confirmado Ogã para Iansã, depois de desentendimentos ocorridos na reunião que acontecia toda primeira quarta-feira na casa de Xangô. Foi então discutida a sugestão de compra da casa que hoje está instalada a Escola Municipal Eugenia Anna, pois como é sabido, em finais dos anos de 1970 ali funcionava uma Creche sob a direção da SECNEB, e os coordenadores haviam agilizado a construção e estavam deixando o terreiro. Então sugeriram que a Sociedade comprasse imóvel supra citado. O caso foi submetido a apreciação dos Obas e Ogãs. Houve aqueles que abominaram a idéia, alegando que se iria comprar um imóvel que pertencia a casa, o que não fazia sentido. E dentre eles estava o Ogã Rossi.

Outros achavam que deveria se pagar a quantia pedida, Cr\$900.000,00 (novecentos mil cruzeiros), que foi o acordo a que chegaram com os responsáveis, para a liberação do espaço pelos representantes da SECNEB. Conforme Gil foi uma discussão nunca vista em outros momentos. A Sociedade já estava informada de que, caso não fosse paga a importância

pedida pela coordenação, a casa não estaria liberada para funcionamento. Daí então até chegarem a um consenso, houve quem batesse na mesa, quem chamasse o outro para briga, e aqueles mais valentes ameaçaram-se uns aos outros...

Como resultado foi decidido junto a mãe de santo, que após ouvir as partes interessadas, ouvir aqueles que estavam contra e os que se mostravam a favor da compra, que se compraria o famigerado espaço.

Foi então pedido um prazo para que fosse levantada a referida importância, e no tempo combinado foi paga aos coordenadores na forma exigida. e como saldo para a sociedade, alguns daqueles Obás e Ogãs que estavam contra ao pagamento, e outras posições da casa como: Ítalo, Carrera (falecido), Carlos, se retiraram, e até os dias atuais, não mais retornaram ao Axé Opo Afonjá.

Capítulo 5

Relações de Poder e conflito: a sucessão – a luta dos grupos e a participação ativa dos homens.

Sendo o Axé Opô Afonjá o objeto de estudo desse trabalho, é pertinente conhecermos um pouco de como se estabelece o poder dentro do contexto religioso.

Vale lembrar que a fundação do terreiro do Afonjá, se deva a desentendimentos ocorridos na Casa Branca do Engenho Velho – Ilê Axé Iya Nasso Oká, matriz, entendida como a primeira casa de candomblé mais antiga da cidade do Salvador que se tem registro.

Dessa dissidência originaram-se mais duas grandes correntes dentro da mesma linhagem: o Ilê Axé Omi Iyamassé ou terreiro do Gantois e o Ilê Axé Opo Afonjá , duas casas de tradição africana, nação Ketu.

Mãe Aninha, reuniu então todo o seu pessoal e foi para roça do Camarão no bairro do Rio Vermelho, onde funcionava o terreiro do tio Joaquim Vieira, (Obá Sãiyá)... um grande conhecedor dessa religião na Bahia (Santos.D.M.1962:18)

O Opô Afonjá foi fundado em princípios do século XIX, por Eugênia Anna dos Santos- mãe Aninha, que depois de várias andanças, em finais do ano de 1909, comprou uma roça, em São Gonçalo do Retiro, com o propósito de assegurar a integridade da sua herança ancestral africana. De imediato, decidiu que ficava então proibida a venda deste espaço.

Mãe Aninha era filha de africanos e descendentes da nação Gruncis,

porém foi iniciada na nação Ketu, para o Orixá Xangô na qualidade ou família Ogodô e em seguida para Xangô Afonjá. Como é uma prática nos candomblés, após esta iniciação, recebeu o orukó ou nome na religião de Obá Biyi que quer dizer: o rei nasceu aqui e agora.

Sacerdotisa, idealizadora, e proprietária de um respeito singular, tinha notável deferência nas Igrejas da Barroquinha, do Rosário dos Pretos além de membro integrante da Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte em Cachoeira, na Bahia, onde gozava de um caloroso prestígio e destaque.

Participava do ritual de Lavagem da Igreja do Senhor do Bonfim da Bahia, realizada na segunda quinta-feira do mês de janeiro, juntamente com suas irmãs e filhas de santo, levando suas vassouras, flores e alfazema para a limpeza do chão e dos altares, voltando no domingo seguinte para participar das novenas que ali eram rezadas.

Nutria uma forte amizade com políticos, e *“essa grande influência lhe rendeu o privilégio de receber do então presidente Dr. Getúlio Vargas a autorização para liberação do Culto Afro-Brasileiro, através Decreto Lei nº1202”* (Santos. M.D.1993:13).

Seguindo por essa trilha, mãe Aninha funda o Ilê Axé Opo Afonjá no ano de 1910, e daí, foi estendendo o seu pensamento, reafirmando o propósito de construir o seu terreiro pensando numa miniatura do continente Africano, de modo que cada casa de Orixá simbolizasse uma região, e cuja sede seria a Casa de Xangô Afonjá, seu Orixá.

Essa idéia repousa até os dias atuais no bairro de São Gonçalo do Retiro, na época, uma área da periferia, remanescente de negros pertencentes ao quilombo do Urubu- Beirú – no Cabula. Uma das casas de candomblé da cidade considerada como das mais antigas comunidades religiosa de tradição dos Orixá no Brasil; assim é o candomblé do Ilê Axé Opo Afonjá.

De acordo com Mestre Didi (1962:19), mãe Aninha desobrigou os terreiros que dali venham a descender, de ter que continuar sua tradição, caso não estivessem de acordo. Afirmava que não criou um candomblé para servir de modelo para as outras casas.

Em seguida, rumou para o Rio de Janeiro, onde no município de Coelho da Rocha fundou outro terreiro, uma espécie de sucursal carioca, com o mesmo nome e os mesmos princípios tradicionais, atribuindo toda e qualquer responsabilidade à sua filha Agripina, que também pertencia ao orixá Xangô e foi iniciada por ela.

Ainda conforme o Mestre Didi (1962:17) a Iyalorixá mãe Aninha nasceu na cidade do Salvador, no bairro de Santo Antonio além do Carmo, em 13 de julho de 1869.

Residiu ao lado da Igreja do Rosário dos Homens Pretos no Pelourinho. Sua casa era sempre visitada por todos que a conheciam. Sempre havia lugar para um irmão, filho, ou amigo carente, que se hospedavam e ajudavam no preparo de doces que vendia.

Seu comércio funcionava em uma barraca na frente de sua residência, uma vez que ela não morava no terreiro. Negociava com materiais africanos e brasileiros, de uso na própria religião, além dos mais variados e apreciados doces.

dos filhos, ou melhor, de sua família de santo.

Diferentemente do que ocorre no Axé Iyá Omim Iyamasse – Gantois; no Axé Mariô Lage - Alaketu entre outros terreiros, onde predomina a herança familiar. Normalmente a sucessão acontece por escolha através do jogo de búzios, no barracão de festas e confirmado aos pés de Xangô Afonjá. Mãe Aninha viveu para ajudar quem precisava, chegando uma vez a empenhar numa mercearia, seus brincos de ouro com rubi que estavam em uso, para que fossem liberada as compras alimentícias de uma filha de santo.

Para a fundação do referido terreiro, contou com o auxílio do babalaô Martiniano Elizeu do Bonfim, grande amigo e seu Ajimudá, que representava um forte elo de ligação entre o Opo Afonjá e a Nigéria.

Juntos, no ano de 1935 criaram o Corpo de Obás de Xangô, composto pelos 12 ministros visando uma maior sustentação de sua roça de candomblé e, em seguida, no ano de 1936 fundou a Sociedade Civil Cruz Santa do Axé Opo Afonjá. Ela esteve com as rédeas desse referido candomblé, até o início do mês de janeiro de 1938.

Conforme relatos de mãe Stella, *“a morte de mãe Aninha teve uma repercussão que descompensou a comunidade do terreiro. A cidade parou para ver o enterro de Mãe Aninha passar”*. (Santos.1993:13)

A sucessão hierárquica religiosa no Opo Afonjá, não se dá por grau de parentesco, isto porque até onde se sabe, mãe Aninha não designou nenhum dos seus familiares consangüíneos, e sim ao que se conhece, quando ela comprou o terreno, decidiu que ele jamais seria vendido.

Essa prática de sucessão quase sempre poderá causar conflito entre os presentes, que ambicionam o cargo, quando vazio. É o que informam os entrevistados pois existem os subgrupos e seus candidatos. O cargo conferido neste candomblé é vitalício, porém o contemplado poderá recusá-lo de imediato, sabendo que se deixar para mais tarde, não poderá mais fazê-lo.

No caso de acontecer uma renúncia do cargo destinado, esta deverá ser feita no quarto de Xangô, acompanhado de um orobô que será partido para comunicar o fato ao Orixá, ou também por intermédio dos búzios.

No Opô Afonjá, não se tem conhecimento de que alguma mãe-de-santo tivesse morrido, porém, antes tivesse determinando uma sucessora para o seu trono. Porém sugestões sempre existiram e vão sempre existir.

A mãe de terreiro, poderá até capacitar certo número de filhas, com obrigações completadas, para o qualquer cargo, o que não se deve entender como sendo para sua substituição, porque na hora da decisão, apenas os

búzios expressarão a vontade de Xangô.

Após a morte de Mãe Aninha, o Opô Afonjá passou aos cuidados de Maria da Purificação, conhecida por Mãe Bada de Oxalúfã - Olufã Deyi era o seu orukó. Ela ocupava o cargo de Baró, que significa uma conselheira do Ebé, acumulando também o de Ialaxé, por ser também uma das amigas que ajudou na fundação do candomblé do Opo Afonjá.

Ela permaneceu no referido cargo de 1939 a 1941, sempre auxiliada por Mãe Senhora, que exercia o cargo de Osi Dagan juntamente com a Iyakekere - Mãe Ondina. Sua saúde já estava abalada por conta de sua idade já bem avançada.

Era também filha de africanos, é citada por mãe Stella em seu livro *Meu Tempo é Agora* quando trata de sua fala, onde “*sua língua mostrava uma mistura de yorubá/português*”(Santos,M.S.1999). Representava uma figura de extrema confiança e de suma importância nas relações de mãe Aninha.

Iniciou várias pessoas em diversos terreiros da Bahia e exerceu suas funções em seu próprio Axé. Ela não permaneceu no cargo por muito tempo, e quando do seu falecimento foi sucedida por Maria Bibiana do Espírito Santo, mãe Senhora cujo nome religioso era Oxum Muiwa. Esta foi então a terceira mãe-de-santo do Opô Afonjá.

Essa sucessão ocorreu de forma um tanto tumultuada, é o que se nota em depoimento feito pelo Obá Sinval da C. Lima, que esteve presente no referido contexto,

- *Quando Senhora tomou posse da casa como ialorixá, Ondina era ia Quequerê, na hierarquia estava acima, mas era muito nova, era la quequerê de Aninha, e Senhora era osi Dagã, era um cargo alto, e saiu para Senhora tomar posse³⁷.*

³⁷ LIMA, Sinval da Costa. Mãe Senhora – lembranças e reflexões. In: Mãe Senhora, saúde e memória. Salvador: Corrupio, 2000. 112 a 117

Mãe Senhora, conduziu com muita determinação e sabedoria, os rumos do Opo Afonjá de 1940 a 1967. Mantinha fortes ligações com o Culto aos Ancestrais- Eguns, na ilha de Itaparica. Possuía um cargo de destaque na sociedade feminina, Iya Egbe.

A mencionada mãe de santo e filha de Oxum, era baiana da ilha de Itaparica, de descendência Asipá, uma linhagem de fundadores do reino africano de Ketu, e era carinhosamente chamada por todos de mãe *Senhora*.

Fez a iniciação de aproximadamente 90 filhos, assim como mais outras confirmações de olois. E nesse mesmo período, entrava para a iniciação Maria Stella de Azevedo Santos, Mãe Stella de Oxossi. Para o corpo de Obás, ela criou os chamados cargos substitutos de Otun e Osi , que correspondem a direita e esquerda do Obá.

Foi merecedora do premio concedido pela UNESCO, com o título de Mãe Preta, entre outros. Agregou em sua gestão, uma variedade de intelectuais, brasileiros e estrangeiros.

O Axé voltou a ficar de luto por um ano. Morre a filha de Oxum do Afonjá - Mãe Senhora. Mais uma vez ,sem toques e sem cânticos,com apenas obrigações internas. A morte de Mãe Senhora deixou uma lacuna irreparável,.

A terceira sucessora de Mãe Aninha, e quarta mãe de santo do Afonjá foi Ondina Valéria Pimentel- seu nome religioso ou orukó era Iwuin tona, e como é muito comum nos candomblés os filhos do Orixá terem um apelido carinhoso, mãe Ondina era conhecida como *Mãezinha*.

Uma filha de Oxalufã, era também baiana da ilha de Itaparica. Pertenceu a uma família tradicional no culto aos ancestrais – Egungum³⁸, - que é a família Pimentel. Foi uma fiel companheira de mãe Aninha, pois era a Iya Kekerê ou mãe pequena do terreiro, por ocasião da fundação do Afonjá.

Ajudava mãe Senhora nas atividades religiosas do Afonjá de Salvador e

³⁸ Ancestral; espírito dos mortos

do Afonjá do Rio de Janeiro, sendo que nessa última cidade ela mantinha sua casa religiosa, e era muito dedicada com seus filhos de santo.

Mesmo assim, assumiu os destinos do terreiro do Opô Afonjá como mãe-de-santo. E esta sucessão não teve a aceitação esperada. Houve uma grande evasão dos membros do Axé, é o que comenta o Obá Sinval da Costa Lima, presente na sucessão.

-Ela chegou do Rio de Janeiro pra cá, onde tinha duas correntes: a das mais antigas do tempo dela, que estavam com ela; e a das filhas-de-santo de Senhora, de certo por causa da inimizade de Senhora com ela, elas recuaram, se afastaram, assim como os Obás de Senhora³⁹.

Comenta ainda, no que diz respeito aos Obás de Senhora, que na verdade eles não estavam ali pelo Orixá e sim pela mãe de santo, daí é que por morte dela eles deixaram a casa.

Faz-se perceber claramente nessa referida sucessão, a presença de um divisor de águas pós morte de mãe Senhora. Os conhecidos Obás de mãe Senhora, migraram para outros candomblés.

Por hierarquia, mãe Mãezinha passou o cargo de mãe-pequena ou Iyá Kekerê para Eutrópia Maria de Castro, sua irmã de santo e filha de Oxum das mais antigas. Eutrópia era conhecida por todos no candomblé como *mãe Pinguinho*, um apelido também muito carinhoso.

Mãe Mãezinha liderou o candomblé do Opô Afonjá por apenas sete anos, correspondentes entre os anos de 1968 a 1975, quando foi chamada por Olorum, nosso Deus, a deixar a terra, ficando o terreiro mas uma vez de luto por um ano, e isso quer dizer: sem toques e sem cânticos. Aberto somente para as obrigações internas...

Como é uma prática da religião dos Orixás, o luto por morte de uma mãe

³⁹ LIMA. Sinval da Costa. Idem.

de santo tem duração de cerca de um ano. Sumariamente, todos os filhos estarão de luto. O traje que corresponde a esse momento fúnebre nesse rito de passagem, pois o indivíduo está saindo da vida para morte, será a chamada *roupa de ração*, que é na cor branca também chamada de axó funfun e seu uso será abrangente dentro e fora do terreiro.

Conforme informações obtidas através de mãe Stella, a cor branco num terreiro de candomblé ou um outro qualquer, seja de umbanda, de encantaria etc..., está associado ao Orixá Oxalá, ou Orixá funfun.

E como esse é o pai daqueles que estão vivos e também daqueles que já morreram, ou seja: Oxalá é o pai dos que estão no aiê e dos que já passaram para o orum. Ela então aproveita e faz uma recomendação, de que não se deve pedir saúde para esse orixá, isto porque para ele se for vivo ou se for morto ele vai estar sempre com aquela pessoa.

De acordo com as informações obtidas, por uma questão de hierarquia, mãe Pinguinho passa então à lalaxé, até que seja deliberada a nova mãe-de-santo. No caso de não haver la kekere, passa-se então essa responsabilidade para uma ebomi, mas velha ou contemporânea da falecida, até que se resolva a questão da substituição.

A relação da vida com a morte nas religiões de tradição africana vem se apresentando diretamente ligada ao destino daqueles que ali comungam da mesma fé, e determinam a experiência do exercício do poder para uns, que por determinação do jogo, estarão aptos a assumirem a liderança da casa de santo.

Nas incursões a campo pode-se observar, que entre Ogãs, Obás e outros membros com cargo confirmado, formam-se grupos, desse grupo originam-se os subgrupos, até mesmo entre as mulheres.

Eles estão distribuídos pelos mais variados locais do imenso terreiro. Tem um grupo que está ligado diretamente à casa de ebome Genivaldo e Iza de Omolú, dois irmãos consangüíneos, que se acomodam durante o período

de festas numa pequena casa de dois vãos e mais um banheiro, situada ao lado da casa do pai Omolú, da família Jêje.

Lá, ao que parece, é bem acolhedora, quando se entra ao lado esquerdo tem uma pequena mesa onde acontece um jogo de carteados quase o dia inteiro. O sistema do jogo é rotativo, pois ao que se percebe, quem vai perdendo vai se levantando da mesa, cedendo o lugar ao outro, que já está a postos.

Um outro espaço de concentração dos homens fica ao lado esquerdo, do barracão de quem entra no Axé, logo ali se vê a casa de Aidil, a parte dos fundos onde ela fornece marmitas para almoço, jantar, além de cerveja bem gelada. Lá, estão eles, os Ogãs e Obás que são também Ojés. Sempre reunidos por ali.

Ao lado fica a casa de Nidinha de Iemanjá, onde seus filhos biológicos,, Ogãs estão sempre reunidos com os outros Ogãs, num bate papo regado a umas cervejas e tira-gosto.

E vez por outra eles se reúnem por detrás do Ibó, na residência do Obá Tadeu, ou na residência do Ogã Jorge Pimentel, e da *Iá Efun*⁴⁰ – mãe Maria de Iansã sua esposa, para trocarem idéias.

Quando alguém pergunta por um Ogã daqueles que se reúnem em um dos pontos já citados, a resposta é bem objetiva:

- *Hum... Quem viu Ogã Babão?*
- *Deve tá jogando baralho na casa de Iza!*

O grupo que se forma ao lado do barracão, é composto por Obá Fernandinho,(residente ao lado), Ogãs Zé Félix, Júnior, Jorge de Maria, Manuel, Hans, Tonho, Wellington, Babão, Lelo, esses são os mais assíduos.

⁴⁰ Um cargo associado a casa de Oxalá, que diz respeito a pintura da cabeça dos iaôs.

O Ogã Jorge Vasquez nos relatou já haver participado de algumas sucessões, sendo que duas foram correspondentes a mães de santo e uma de mãe-pequena, presenciando assim a mudança de mãe Senhora para Mãe Ondina, e desta para mãe Stella.

Confirma-nos ser através dos búzios que se dá a referida escolha e substituição do cargo de mãe-de-santo no candomblé do Opo Afonjá. E o aludido jogo foi feito pelo Oluô, o pai Agenor Miranda (falecido).

Pai Agenor era um dos filhos de santo da saudosa mãe Aninha, e também filho de Oxalá. Detentor de um inquestionável conhecimento, além de sempre manter sua conduta ilibada nos meios da religiosidade afro-brasileira. Tornou-se responsável por decidir os rumos de muitos dos candomblés do país, desde o século passado.

Conforme Ogã Jorge Vásquez, esse é um momento bastante delicado. São feitos vários ebós, tanto na casa quanto nas pessoas, acompanhados de sacudimentos, banho de folha entre outros. A sucessão que tem lembrança é a de mãe Ondina para mãe Stella.

Assevera que a torcida vibrava querendo mãe Stella, nos vários compartimentos da casa de Oxalá, pelos corredores, e pela roça em si. Admite que fosse um burburinho de pessoas, agitadas, esperando as decisões. Havia candidatas – filhas de Oxum, entre outros orixás, mas o pessoal presente queria era uma filha de Oxossi para liderar.

- Eu mesmo torci por tia Stella, eu e o pessoal que fazia parte da galera dela, aqueles homens como o Oba Sinval, Caribé, Camaféu, era uma torcida grande principalmente dos homens da casa de Oxossi.

Relembra que algumas pessoas brigaram depois do jogo, mas ele estava muito novo e não muito familiarizado com os nomes delas, mas confirma ter presenciado algumas discussões.

- Tempo depois, aqueles que brigaram sumiram. E teve gente que nem voltou, como tia Antonieta de Omolú, desapareceu com a chegada de tia Stella, ela e outras. Umas, depois voltaram a frequentar.

Ogã Evandro (pai Babão) destaca que estava no terreiro por ocasião da sucessão de mãe Senhora para mãe Ondina e dessa para mãe Stella. Comenta que após a morte de mãe Senhora, a maioria dos Obás e Ogãs se dispersaram, foram embora. Uns foram para casa de mãe Olga do Alaketu, outros migraram para o Gantois, sendo que uma pequena minoria não foi para lugar algum.

-Havia uma torcida que só falava de Stella, muitos homens demonstram seu apoio a ela, quase que todos os homens de Oxossi dali. Mas ela parecia não ligar muito para o que acontecia. Eles falavam que deveria ser ela muitos dias antes da obrigação do jogo no barracão. Eu fiquei quieto, mas queria ela também, ficava lá fora com o outro pessoal.

Ainda, no que tange a afastamento, pai Babão relembra do caso dele mesmo. Relata que depois da confirmação de Ogã de Ogum no terreiro de pai Moacir, localizado no subúrbio de Tubarão, ele teve que se afastar do Afonjá. Ressalta que essa separação foi dolorosa até porque ele queria ser confirmado lá no Afonjá.

Contou-nos que essa sua preferência se devia ao fato de ele ter sido suspenso para o cargo no Axé Opo Afonjá, antes casa do amigo cujo Orixá lhe suspendeu. Mas o amigo e pai-de-santo não consentiu a sua confirmação no Afonjá.

Quando da morte de pai Moacir, há quase 10 anos passado, ele passou a freqüentar com mais assiduidade o antigo terreiro e no ano de 2008, conforme entendimentos com mãe Stella, ele trouxe de volta o seu Orixá,

Não se esqueceu de que com a chegada de mãe Stella, muitos filhos do terreiro que haviam saído, estavam de volta. Era em sua maioria, aqueles que freqüentavam o terreiro na gestão de mãe Senhora, como Caribe, Luis Domingos entre outros.

Obá Tadeu, também assistiu a duas sucessões, afirmando que elas foram precedidas pelo axexê, e de obrigações internas como alguns ebós que na maioria das vezes são coletivos. Mas que ele não se envolveu em nenhuma delas; sempre preferiu estar à margem, e acreditar nas decisões de Xangô, pois tem convicção de que ele sabe escolher as sucessoras.

Relatou-nos que não tomou conhecimento de que houvesse um grupo organizado, pelo menos que se percebesse. E que parecia que todos já esperavam por mãe Ondina para suceder mãe Senhora. Ela era a mãe-pequena do terreiro. E que por morte de mãe Senhora, dentre as pessoas que deixaram de freqüentar o terreiro, estava sua irmã consangüínea Carmem, e não se esquece de mencionar que teve outros irmãos que até mudaram de religião.

Já o Ogã e Obá Ildázio Tavares participou da sucessão de mãe Ondina e se relembra claramente de que,

“- Havia um bochicho em torno das possíveis candidatas, mas nós elegíamos Stella para o lugar que estava vago. Era uma coisa assim, muito discreta, entendeu?”

Ebome, observe bem: que há 3 mundos no candomblé: um é o mundo das filhas-de-santo; outro é o mundo lá fora e o que resta é o mundo intermediário, ou o mundo dos Obás e dos Ogãs, principalmente os mais novos que estão com um pé dentro e outro fora. Os mais novos eles têm competências pessoais, então eles nunca tem o mesmo tratamento que as filhas de santo têm, porque eles não são iniciados nessa área, como sacerdotes. Quando você tem amizade e as pessoas uma certa confiança em você, aí contam as coisas para você, mas no normal não conta não. Minha filha Georgete, ela era muito bacana para mim, a medida que surgia oportunidade. Exemplos: se tem matança de carneiro pra Xangô, que é quizila de Omolú e os caras tão lá batendo a cabeça, daí ela me alertava para não bater a cabeça. Aí eu ficava na minha e não fazia. Ela sempre me avisava na hora de ser algo proibido para mim. No entanto quando você se inicia como filho-de-santo você aprende logo as coisas. Sempre tem alguém pra ensinar.

...continuando a sucessão, Stella era uma corrente muito forte de Oxossi, uma pessoa muito querida, e muita gente queria que ela fosse mãe-de-santo antes, assim que mãe-Senhora morreu aumentou a pressão e interferência por parte de um irmão-de-santo, muito influente, daí então é que mãe Ondina ocupou o lugar deixado por mãe Senhora.”

De acordo com o depoimento do entrevistado, mãe Ondina tinha sido mãe-pequena da gestão de mãe Aninha, que fez um pacto com mãe Senhora de ceder o lugar para ela, após a morte da fundadora. Havia também uma corrente que comungava, aparentemente, junto com ele, o irmão influente.

Assevera Ogã/Obá Ildázio, que a referida corrente se mostrou estar a favor daquele irmão mas em paralelo demonstravam estarem todos a favor de que mãe Stella ocupasse aquele trono. A corrente que se manteve do lado do meu irmão, foi a que o derrubou perante o povo.

Essa referida corrente era formada por uma maioria de filhos do Oxossi, como Camafeu de Oxossi, Genaro de Carvalho, Carybé, Jorge Amado, e Kakanfô que era de Logunedé, mas também estava do lado de Oxossi. E ressalta que eram quatro as vozes de Oxossi, e todas muito fortes e que exerceram uma total influencia em todo o processo de sucessão assim como em todo o processo político,

- Você torce por sua candidata, depois vem o santo e escolhe outra pessoa. Então eu acho que as candidatas deveriam se decidir entre elas, qual o nome deverá ser indicado.

Comenta ainda que entre as possíveis candidatas, não seria tão fácil identificar quem estaria ou não apta ao cargo ora vago, ou quem teria uma maior experiência a respeito dos preceitos de axé, entre outros predicados.

- Eu sempre torci por mãe Stella, porque eu sempre gostei dela!

O Obá Luis Domingos relembra que por ocasião das várias sucessões, ele não participou ativamente, preferiu não se envolver. Esteve mais presente nas cerimônias internas que sucederam e aguardou a chegada da nova representante de terreiro, que se configurou ser mãe Ondina.

“- Eu era muito jovem e essas coisas assim sabem lá, eu não participava. Depois eu me afastei por muitos anos e só retornei com mãe Stella. Até mesmo nessa gestão atual, eu me aborreci com a

Cléo uma irmã de lansã e me afastei de novo , mas depois voltei pois estava com a razão.”

Conforme depoimento do referido Obá, na época em que mãe Ondina faleceu e que estavam todos a espera da próxima mãe de santo, ele nos informou que havia um grupo que se uniu em favor de apoiar a efetivação de mãe Stella para ocupar o lugar ora vago.

Ele chama atenção para o fato de que os Obás precisavam ser mais unidos, para se obter mais firmeza no que eles propõem, do contrário nada funciona à nível de decisão. E que entre Ogãs e Obás se nota que alguns deles gostam de se mostrar mais visíveis aos olhos da mãe de terreiro e, mais presentes do que outros, ou seja

- Tem gente que quer aparecer. Faz picuinha ao lado da mãe de santo. Aqui um corta o outro. Quer ver uma coisa? todo Obá e todo Ogã tem força, tanto um quanto o outro tem liderança, mas é que nunca deixaram usar. Não se tem chance de usar. Tem filhos de santo mesmo, que se metem na frente da gente queimando o outro, no propósito de tirar a nossa vez...

Em relato, o Ogã Francisco Codes admite que esteve presente por ocasião das sucessões da mãe-pequena do terreiro, mãe Pinguinho, pela substituição feita por mãe Georgete. E da sucessão do presidente da própria Sociedade, quando da morte de Hector Bernabó, o conhecido artista plástico Carybé, e que sucedeu um fato interessante

“- Teve um grupo que apresentou uma determinada chapa na eleição para presidente, porém eu venci a eleição. E hoje tem pessoas que não escondem a vontade de ser presidente.

Um grupo que investiu na candidatura de um irmão que é melhor não dizer quem, mas só que não rolou porque a maioria venceu e não houve mais disputa eleitoral. Agora renunciei ao cargo por questões jurídicas. Quem está me substituindo, Ogã Ribamar, é um cara muito competente. Estou satisfeito. Ele tem outras qualidades que eu não tenho. É mais presente e eu já estava ficando facultativo. Então só restava me afastar.

O motivo do meu afastamento não se configurou em desentendimento não, foi porque eu sou funcionário público, ativo, e não posso mais me responsabilizar por assinaturas de convênios e nem de projetos sociais aqui dentro. Daí é que tive que renunciar ao cargo, para não prejudicar o bom andamento dos trabalhos no Axé, além de também me manter empregado.

Dentre os mais variados depoimentos dos Ogãs e Obás, colhemos também a fala de Manoel Silva de Souza, conhecido por Maninho, 68 anos, 46 anos de iniciação que se colocou à disposição para as nossas informações. Ele tem um cargo na casa de Oxalá, mas precisamente para Oxaguian e se identifica como Goke⁴¹.

No quesito sucessão, ele nos informou que além de filho de Logunedé, era também filho da saudosa mãe Senhora, portanto, irmão de cabeça de mãe Stella, e que esteve presente nos vários processos podendo assim acompanhar a chegada de mãe Ondina e de mãe Stella.

Vamos assim dizer que o Goke Maninho já vivenciou o Afonjá nas suas três últimas lideranças. Comentou-nos que é um processo ocorrido através do jogo de búzios, com todos os interessados presentes e sentados no barracão de festas. Admitiu que cada filho de santo tem sua candidata, e que se pode torcer por uma ou por outra a que se tem mais afinidade, e pedir aos Orixás que seja aquela.

⁴¹Conforme o entrevistado, seu cargo significa zelador dos pertences do quarto de Oxalá.

Com isso ele descreveu baseado em suas antigas lembranças, que várias torcidas se formavam em torno das candidatas, e que estas estariam sendo apoiadas pelos Obás e Ogãs. Para Maninho que é um filho de santo antigo na casa, os Ogãs e os Obás sempre exerceram uma forte influência no processo de escolha da nova mãe-de-santo.

Uma mostra disto se observa quando eles manifestam seus desejos de ser fulana ou beltrana e procuram apontá-la, em seguida se reúnem para discutir os valores daquela recomendada, assim como sua competência e sua antiguidade.

Maninho comentou que nunca torceu por ninguém, pois sempre acreditou que a escolha de Xangô é uma escolha muito sábia, e que as influências externas são sem sombra de dúvidas, muito importantes, mas que não são decisivas.

Sempre se espera a palavra final do jogo do Orixá Xangô. Alegou também que, em vista de a sucessão pertencer as mulheres, ele então nunca quis se inserir e também ele na época não tinha um cargo, era um mero abiã dentro do processo.

Mas observamos que esse dizer que a palavra final é a do Orixá, paira nas cabeças da maioria dos entrevistados. Eles sempre alegam que se pode escolher “aquela” fulana de tal, e na hora de decisão final o jogo pode escolher “esta daqui”. Então conforme Maninho, se tem que seguir a ordem do jogo, mesmo que essa não deixe contente alguns deles ou delas.

Roberval Marinho, Ogã de Ogum, nos faz ciente de que nunca participou de sucessão, porém admite que é um processo político e que para ele ganha, a corrente que se mostrar mais forte.

Ele ressalta também que os momentos que antecedem a situação em pauta, requerem mobilização como campanhas, influências com o presidente da Sociedade, e demais Ogãs antigos de peso, além de muito ebó, e que muito trabalho deve ser feito até chegar a hora.

José Félix, Ogã de Oiá informou-nos que somente assistiu à sucessão da mãe pequena do terreiro, mãe-Pinguinho para mãe-Georgete, e que fora desse momento não se intervém nos demais processos. Adverte dizendo que se for para torcer para substituir alguém dentro do terreiro, ele vai dar preferência a um dos membros de sua própria família.

Para outros Obás e Ogãs que se acham muito novos na religião, no que tange o quesito sucessões, respondem que as informações obtidas a respeito do tema se deram através de leituras, e de falas das ebomes mais velhas, e também se informaram de alguns momentos do candomblé por intermédio da mãe-de-santo.

Observo também que muitos dos entrevistados alegaram não ter conhecimento quanto ao quesito sucessão, pois já chegaram para o terreiro na gestão de mãe Stella. Estiveram presentes ao enterro da segunda mãe-pequena do Axé - mãe Pinguinho, porém à margem, até mesmo pelo desconhecimento do processo.

“Mãe Stella de Oxossi foi escolhida Iyalorixá em 19 de março de 1976, de acordo com o Livro de Atas do Conselho Religioso do Ile Axé Opo Afonjá. O jogo de búzios que a levou para o referido cargo foi realizado pelo oluô (“aquele que vê”, o jogador de búzios) professor Agenor Miranda. A escolha de uma ialorixá realiza-se em geral no jogo de búzios, embora isso nem sempre seja necessário nos terreiros em que a sucessão segue o critério consangüíneo, como o Gantois, por exemplo”(Campos.2003:32/3).

O jogo de búzios é efetuado em público, no barracão de festas e está aberto à leitura daqueles que conhecem as chamadas caídas dos búzios, aos entendidos no tema exposto. Em seguida se faz uma confirmação desse jogo também de forma aberta, no quarto de Xangô por um outro

babalaô ali presente.

Uma vez determinada a mais nova autoridade religiosa responsável pela casa de Xangô Afonjá, o referido evento vai ser lavrado em Ata pelo secretário da sociedade Civil, tendo as assinaturas do Presidente, vice-presidente, tesoureiro e diretores presentes.

A posse da atual mãe-de-santo aconteceu no dia de Corpus Christi, um feriado nacional, móvel que poderia cair no mês de maio ou de junho, dia escolhido há longos anos para a abertura do ciclo de festas dos três grandes candomblés: Ile Axé Iyanassô Oká, Ilê Axé la Omin Iyamassé, Ilê Axé Opo Afonjá. E não seria uma abertura qualquer, seria acompanhada de todos os festejos dignos de uma liderança de terreiro.

Mãe Stella de Oxossi, como é conhecida no mundo e reverenciada por todo o povo de santo e pelos simpatizantes é Maria Stella de Azevedo Santos, uma mulher negra, conforme relatou em entrevista, nasceu de sete meses na cidade do Salvador-Bahia no dia 02 de maio de 1925.

Conforme depoimento em entrevista, ela nos informa que como todas as mães que substituíram a mãe fundadora, ela enfrentou as várias correntes existentes, decorrentes das mães anteriores. Com apenas 49 anos, tinha um único sonho, que era o de se aposentar e comprar um sítio para criar galinhas, porcos e outros.

Sua idade não combinava com a situação, isto porque haviam senhoras antigas na idade e no tempo de Orixá, que conseqüentemente estariam pleiteando o referido lugar. Enfrentou também, filhos de santo das quatro gerações anteriores, ouvindo toda sorte de pilheria daquelas senhoras mais antigas, e frases conforme o exemplo abaixo:

- “Eu não vou tomar a benção de uma menina que eu vi nascer aqui no santo”.

- *“E você fulana, como vai ser agora, ter que se deitar nos pés de uma pessoa tão mais nova que a gente”?*

Quanto a sua árvore genealógica ou herança africana familiar, ela nos informou que era bisneta de africanos egba, por parte de sua avó materna Theodora, que era filha de Maria Konigbabe, uma africana que, ao ser capturado em território africano, foi trazida para o Brasil como escrava.

Mãe Stella era uma menina que vinha apresentando uns problemas de aprendizado na escola onde estudava, foi quando a diretora resolveu aconselhar seus familiares a levá-la a um especialista em dores de cabeça.

Criada por sua tia Archanja, irmã da sua mãe Thomázia que falecera aos 33 anos, deixando-a muito nova, foi levada aos médicos e especialistas sugeridos, passando por todos os exames de rotina, mas o seu quadro não apresentava uma evolução para a melhora. Daí é que sua tia, no intuito de encontrar uma solução para os problemas existentes, resolveu encaminhá-la à casa de Pai Cosme de Oxum. Este constatou através dos búzios, que ela teria que ser iniciada.

E mais, que teria uma função de suma importância no terreiro, ressaltando que seu futuro era promissor dentro do candomblé, podendo chegar a ser uma zeladora.

Essa revelação dos búzios de Pai Cosme, soou aos ouvidos da sua família como uma bomba. D.Archanja relutou em acreditar naquilo que ouvira do pai de santo, e resolveu se aconselhar com mãe Menininha no terreiro do Gantois.

Foi então a menina conduzida para o candomblé citado sob os cuidados da governanta de sua casa, D. Joaninha.

Relembra que ao chegar no referido candomblé, D.Joaninha não se identificou como deveria, dizendo de onde estava vindo, nem o que vieram

fazer. Foi o que mãe Stella mais tarde ouviu da sua tia quando do seu retorno. D.Joaninha havia se postado no barracão junto aos visitantes que lá se encontravam, sem dizer a que veio ao local. A certa altura do dia, chegou uma das filhas de santo de mãe Menininha que em voz alta e em bom tom, verbalizou a seguinte frase:

- A mãe de santo hoje não vai mais atender ninguém.

Voltaram então as duas para casa, desoladas, sem trazer uma solução a respeito do caso para os familiares da menina Stella. Sentindo-se magoada, D. Archanja resolveu então partir para outra casa.

Foi então levada para o Axé Opo Afonjá, onde foi calorosamente recebida por mãe Bada, que a deixou sob os cuidados de sua amiga e irmã Senhora de Oxum, a Lá Dagan.

Mãe Stella confessou que só veio a entender o motivo daquele famigerado desencontro no Gantois, depois da sua escolha como sucessora de mãe Mãezinha. Só mais tarde, é que ela pode entender o jogo do pai de santo Cosme de Oxum, assim como o não atendimento por parte de mãe Menininha.

Teria que seguir os caminhos que Xangô e Oxossi lhe reservaram no Afonjá, no entanto, como ela mesma diz em depoimento à sua filha de santo, Vera de Oxossi - Onikoiyê⁴²:

“É interessante o desígnio, a força dos Orixás. Meu caminho era ser Iyalorixá. Se tivesse ficado no Gantois, casa que guarda os santos de minha avó e meus tios, não poderia realizar meu caminho. Só em 1976, quando fui escolhida Iyá, entendi isso... é engraçado a força do odu, do destino. Era uma guerra de Orixá. Minha herança era de Iansã - minha avó Theodora - mas, Odé me queria”(Campos.p:31:2003).

⁴² Conf. Vera, seu orukó quer dizer: aquele que lida com os escritos.

Esta questão pode ser analisada, objetivando tentar compreender o poder do Orixá, assim como o poder dos homens dentro do candomblé de tradição africana, onde a relação com o sobrenatural se interpõe nas atitudes das pessoas e se contrapõe as formas de poder institucionalizadas, demonstrando a força dos orixás.

Iniciada, em 12 de setembro de 1939 por Mãe Senhora, mãe Stella era uma adolescente de 14 anos. Ela relata que estava mais para uma criança do que para uma adolescente.

Isto em vista do adolescente dos dias de hoje. Não vislumbrava o que ela estava fazendo ali, ou mesmo o que estava acontecendo. E comentou ainda que mãe Menininha do Gantois quando tomou conhecimento do acontecido, lamentou:

- “Stella era pra ser daqui, mas não foi por causa de um recado mal dado de Joaquina”, a governanta da tia dela!

Mãe Stella, ao sentar no trono que Xangô lhe reservara, em defesa de sua tradição e da autonomia de sua religião, sentou com muito orgulho e coragem para trabalhar. Ela é uma guerreira que está sempre fluindo, daí escrever sobre Mãe Stella significa escrever todo tempo, é escrever sempre.

Seu perfil nada se assemelha ao perfil de uma pessoa acomodada com os fatos. Sua dinâmica está ligada à busca do novo, do justo para seu Axé, mas sempre mantendo os valores e fundamentos que lhe fora legado. Em princípio tratou de ordenar os cargos da casa, passando seu cargo de Kolabá em favor de sua irmã, mãe Haydê de Oxum.

Como uma das principais lideranças religiosa do candomblé no país, tem sua história de vida, contada em livros, revistas, filmes, e pelo próprio terreiro, para quem o visita, e observa suas benfeitorias.

Há mais de 30 anos, vem conduzindo os destinos da casa de Xangô Afonjá com um desvelo impar. A exemplo temos as casas para Orixás, que hoje perfazem um total de 13 (treze) casas ou regiões africanas.

Terminou algumas obras, providenciou novas construções como: a Escola Municipal Eugênia Anna dos Santos que traz o nome de mãe Aninha, dirigida desde a sua fundação pela professora Marinalva Cerqueira, que carinhosamente dedicou cada uma de suas salas à uma mãe de santo do terreiro in memória, e o salão de eventos tráz o nome de mãe Stella de Oxossi. Um Museu, a Biblioteca que durante muitos anos ficou sob a coordenação da bibliotecária Luzia Leal, além de um pequeno prédio de dois andares onde funciona o Centro Cultural ora elaborado para atuação de projetos sociais e convênios com Órgãos governamentais, que leva seu nome religioso Odé Kaiodè⁴³. E como não poderia deixar de mencionar, construiu uma fonte reverenciada a Oxum.

Demonstrou ter uma liderança interna e externa, quando levantou a bandeira contra o sincretismo religioso, contrariando uma gama de religiosos católicos e militantes do candomblé, com seu posicionamento público, afirmando que o candomblé não precisava de sincretismo para se legitimar.

Lembrou que não se tem mais motivo para viver escondido atrás de santos católicos, e que a época em que se cultuava o Orixá clandestinamente acabou. Alertou o povo de santo que o culto do candomblé não poderia mais ser visto como um culto não prejudicial, como um culto marginalizado.

Sugeriu em plenário que os senhores líderes de candomblé deveriam se mobilizar para que o mesmo viesse a ser visto como religião, africana e independente, ao tempo em que também, já podiam ser retirados todos os santos católicos da frente dos Pejís dos Orixás.

⁴³ Significa o caçador que traz a alegria

Desmistificou o candomblé elevando-o de sua categoria de Seita para Religião. Declarou para o Jornal À Tarde do ano de 1995 a sua insatisfação quanto a profanação da religião, criticando a exploração dos trajés, ornamento e rituais do candomblé durante os festejos carnavalescos, em Salvador.

Ao tempo em que perpassa um carisma ela não abre mão da imponência do seu Orixá Oxossi, o que se pressupõe ser construído da sua relação lalorixá x Orixá. Isto porque ela depõe publicamente que tudo que realiza é fruto do cumprimento das obrigações para com os Orixás e também que os sinais de coragem estão gravados na fé e crença.

Ela persegue o seu intento até alcançá-lo, e procurando preservar uma tradição que como se sabe, manifestou-se sempre na forma oral, tratou de escrever um livro tivesse a proposta de tornar-se um manual para os filhos-de-santo, e para aqueles simpatizantes da religião afro-brasileira, visando com isso maior disciplina entre os mesmos.

Tratou de todos os temas referentes ao candomblé nas preciosas páginas. O livro foi intitulado “Meu Tempo é Agora”, e sua repercussão causou um forte impacto em sua própria casa e nos terreiros de candomblés existentes. Em seguida escreveu um outro livro de nome “Daí Aconteceu o Encanto”.

“Conquistou voz e espaço abriu perspectivas para inúmeras pessoas e comunidades antes desdenhadas”(Campos.2003:65).

Conforme relatos feitos pelo Ogã Gil, aproximadamente uns 4 a 5 anos depois da posse de mãe Stella, ela teve que enfrentar um verdadeiro levante de Obás e Ogãs, quando, eles tomaram conhecimento de que haveria uma confirmação de um Balé Xangô⁴⁴ no Afonjá.

Encaminharam-se até a mãe de santo, pedindo uma explicação para o caso, visto que eles não foram consultados a respeito da escolha, de quem

⁴⁴ Chefe de família ou chefe da cidade. Barber.EDUSP.1981:148.

quer que fosse o candidato, para o cargo em questão. Os jornais da cidade anunciavam tal confirmação.

Gil não precisou o período exato, para que fossemos até os arquivos, em busca do documento, dos Jornais do aludido período. Mas sabe que a rebelião estava deflagrada. Os Obás como Carybé, Camafeu de Oxossi entre outros, exigiam um a explicação da mãe de santo, a respeito do caso.

Ela se mostrou tão chocada quanto eles e lhe pediu que trouxessem o jornal para averiguação. Uma vez lido, ela versou que aquele fato, não havia passado pelo seu crivo, e que ficassem todos sossegados que ali no Afonjá, se teve um dia um Balé Xangô, esse já havia morrido e que enquanto ela estivesse na liderança da casa, ninguém iria ocupar o cargo.

Em seguida, ordenou aos referidos senhores, exaltados, que descobrissem quem seria o candidato, e quando o encontrasse encaminhassem até o quarto de Xangô para as devidas providências, que ela já estava seguindo para lá.

Mãe Stella recompôs o quadro religioso da comunidade, foi trazendo para dentro do terreiro, pessoas dos mais diversos lugares, que chegavam com propostas de oportunidades para futuros benefícios do Afonjá.

O seu relacionamento com o corpo religioso, é na maioria das vezes amistoso, pois recorre a este, quando o caso requer maior apreciação. Quem a procura no terreiro do Afonjá ressalta sua linha de conduta. É respeitada nos dois mundos: no mundo religioso de matriz africana e pela sociedade do país.

Muitos daqueles irmãos que não conseguira se afinar com a proposta do terreiro resolveram se afastar por certo período, e conforme Ogã Alex aconteceu com muitos dos seus amigos.

CONCLUSÕES

A história e composição do Axé Opô Afonjá, e o meu contexto de observação, revela a interdependência entre os gêneros masculino e feminino. Fica explícito, já de início, que não existe candomblé sem homens. E, lembrando Georges Balandier – que falava do gênero feminino – eles são uma “metade perigosa”, fonte de tensão e perigo (Balandier.1976:64). Ironia do tempo e, mais ainda, do espaço da investigação. Casa onde o homem não pode assumir a liderança máxima, mas também manda. Enfim, na “cidade das mulheres”, tem espaço individual e coletivo para os homens obterem recursos e prestígio, ou seja, poder.

Ninguém torna-se uma liderança masculina por acaso: pode ser agraciado pelos orixás ou convidado pela lalorixá. Porém, o chamado é uma consequência da posição social do indivíduo, do seu conhecimento ou vínculo com a religião e relações de parentesco ou amizade. Ser rico ou ter prestígio na sociedade, conhecer sobre o candomblé ou ter parentes e/ou amigos no terreiro, não basta para ser uma liderança. Somos uma religião iniciática e pautada no ritual, portanto, o cumprimento das normas religiosas e sociais prevaletentes no Afonjá torna-se fundamental. Mais ainda, a estes elementos, irá somar-se o comportamento ou a “personalidade” do indivíduo. Algumas “personalidades”, como o brigão ou o falastrão, devem ser preteridos para o exercício da liderança masculina. Isso não significa que não existem equívocos em algumas escolhas. O pretense candidato – embora todos neguem a pretensão e invoquem a absoluta surpresa diante do “chamado” – sempre “representa” no seu estágio probatório, e somente após a confirmação é que realmente se conhece as suas “verdadeiras” características pessoais.

A pesquisa revelou também, conjugada a minha vivência no Axé, que, ao contrário do propalado embranquecimento da estrutura do poder, no dia-a-dia do candomblé quem manda são os negros. Evidentemente o terreiro possui – já sendo uma tradição do Afonjá – inúmeros brancos, em postos-chaves. E não podemos nos enganar, o prestígio de uma casa de candomblé se dá em função da liderança e das alianças com a sociedade mais ampla. O que explicaria então a manutenção do poder cotidiano dos negros? Credito tal fato à singularidade física do Axé Opô Afonjá, na medida em que manteve no seu território grande número de membros da família-de-santo como moradores. E, como disse um ogã, morador da roça em relação a uma branca detentora de cargo no Afonjá: “ela vai passar e eu vou ficar”. Em termos numéricos, seja entre os obás ou entre os ogãs, predominam os negros (pretos e pardos). Por sua vez, entre as lideranças verifica-se uma grande heterogeneidade social e econômica, desde pessoas que possuem altos cargos no Estado ou na empresa privada, combinando-se com uma maioria de trabalhadores urbanos, de postos médios ou de posições sem maior expressão social e econômica.

O Axé Opô Afonjá é uma “comunidade”, um espaço de solidariedade, de ajuda ao próximo, de cooperação, de verdadeira irmandade. Mas, é também um local de divisões, capitaneadas pelas facções. A pesquisa revelou vários tipos de subgrupos, sendo estes organizados em função do “parentesco de sangue” ou de grupos externos ao Afonjá, como os Ojés. Observei ainda as fissuras existentes entre os Obás e Ogãs. Entre os Obás muitos permaneceram e permanecem ausentes, o que não lhes propicia a existência de um “espírito de corpo”. E, como muitos Ogãs ambicionam o posto de Obá, é natural que surjam as críticas. Aí se evidencia a competência política da lalorixá que, paulatinamente, vem substituindo os ausentes por integrantes que se fazem mais presentes.

Concluindo, refleti sobre a luta pelo poder na sucessão das lideranças religiosas. Cada vez que houve uma sucessão no Axé Opô Afonjá verificou-se um processo de cisão, ou seja, os subgrupos derrotados afastaram-se do Afonjá. Uma questão foi crucial, na minha interpretação do peso das facções na escolha da sucessora. A pesquisa revelou que as facções movimentam-se, agridem, fazem toda a espécie de pressão, até mesmo ebós, sendo um componente significativo na sucessão, porém, para mim, não são o essencial. Evidentemente, contrário o pensamento antropológico e sua crença na razão, pois vejo como fundamental na escolha da sucessora, o desejo dos Orixás, em especial, de Xangô - o dono da casa.

Finalizando, retorno por onde deveria começar: é possível sempre relativizar, mesmo metodologicamente? Creio que sim, mas até um certo ponto, na medida em que somos humanos. Com isso estou dizendo que, não obstante a obrigação do antropólogo de desvelar o não-explicito, a minha condição de sujeito-objeto não pode ser inteiramente desfeita ou destruída. Eu poderia até, no sentido antropológico, “trair” o grupo, mas nunca poderei trair o Orixá. Enfim, eu pude transformar-me em antropóloga “exotizando o familiar”, mas não posso deixar de ser uma filha de Oxaguian.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMADO, Jorge. Bahia de Todos os Santos. Guia de ruas e mistérios. 27ªed. Rio de Janeiro. Record. 1977.
- AMARAL, Rita de Cássia & SILVA, Vagner Gonçalves da. “A cor do axé. Brancos e negros no candomblé de São Paulo”, estudos Afro-Asiáticos, n.25, dez/1995:99-124.
- BARBER, Karin. Como o Homem Cria Deus na África Ocidental: Atitudes dos Yoruba para com o Orisa. In, MOURA, Carlos E.M. (org.). Meu Sinal Está no Teu Corpo. Escritos sobre religião dos Orixás. EDICON/EDUSP.1981.
- BASTIDE, Roger. A cadeira de ogã eo o poste central. In: Estudos afro-brasileiros. São Paulo: Perspectiva. 1973.
- _____. O Candomblé da Bahia. Cia das Letras. SP. 2001. 379p.
- _____. As Religiões Africanas no Brasil. Contribuição a Uma Sociologia das Interpretações de Civilizações. São Paulo. Pioneira. 1985
- BENISTE, José. Orun Aiyé. O encontro de dois mundos. O Sistema de Relacionamento Nagô-Yorubá entre o Céu e a Terra. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil. 1977.
- BOLANDIER, Georges. Antropo-Lógicas. São Paulo. Cultrix. EDUSP. 1976.
- BIRMAN, Patrícia. Fazer estilo criando gêneros. Possessões e diferenças de gênero em terreiro de umbanda e candomblé no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. UFRJ. 1995.
- BRAGA, Júlio. Na Gamela do Feitiço; *repressão e resistência nos Candomblés da Bahia* .Salvador. EDUFBA. 1995.
- _____. Ancestralidade Afro-Brasileira. O culto de Baba Egum.

Salvador.EDUFBA.1995.

_____.Candomblé: força e resistência. Afro-Ásia.Salvador.CEAO.

1992. nº 15.p.15 a 35.

_____. A cadeira de Ogã e outros ensaios. Rio de Janeiro. Pallas.1999.

CAMPOS, Vera Felicidade de Almeida. Mãe Stella de Oxossi. Perfil de uma Liderança. Zahar. Rio de Janeiro.2003.

CARNEIRO, Édison. Candomblés da Bahia. Rio de Janeiro: Tecnoprint. Zahar. 2003.

_____.O Animismo Feitichista dos Negros Baianos. Ed.P555.Salvador.2005.140p

CASTILLO,Lisa Earl. Entre a oralidade e a escrita. A Etnografia nos candomblés da Bahia.Salvador. EDUFBA.dez/2008.

COHEN. Abner. O Homem Bidimensional. Zahar.R.J. 19.....

CLIFFORD,James. A Experiência Etnográfica. Antropologia e aliteratura no Século XX. Rio de Janeiro.UFRJ.2002. 320p.

DANTAS ,Beatriz Góis. Vovó Nagô e Papai Branco.Usos e abusos da África no Brasil.Rio de Janeiro.Graal.1988.

FREUND, Julien. SOCIOLOGIA DE MAX WEBER. Forense Universitária. R.J.1987.

Brasil, Graal.RJ.1988.262p.

FORTES,Meyer & PRITCHARD-Evans, Eduard.E. Sistemas Políticos Africanos. Lisboa. Fundação Calouste Gulbenkian.1940.

GENNEP,Arnold Van. Os Ritos de Passagem. Brasil.Petrópolis.Vozes. 1978.

GUIMARÃES, Alba Zaluar. Desvendando Máscaras Sociais. Rio de Janeiro.Livaria Francisco Alves Editora S.A.1975.

JOAQUIM, Maria Salete. O Papel da Liderança Feminina na Construção da Identidade Negra. Pallas. RJ.SP Educ.2001.188p.

JUNIOR, Eduardo Fonseca. Dicionário Yorubá(nagô) Português. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira.1988.

LANDES, Ruth. A cidade das mulheres. Rio de Janeiro.UFRJ.2002.360p.

LIMA, Fábio Batista. Os Candomblés da Bahia:Tradições e novas Tradições.UNEB.

_____.Vivaldo da Costa. A Família de santo nos Candomblés Jeje-Nagôs da Bahia: um estudo de relações intragrupais. Salvador.1977.Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFBA.

_____. Os Obás de Xangô. Afro-Ásia, nºs 2-3. Salvador-Bahia. junho-dezembro de 1966.

MACHADO, Vanda. ILE AXÉ.Vicências e Invenções Pedagógicas .As crianças do Opo Afonjá.EDUFBA.SSA.160p.

MARTINS, Cléo e LODY, Raul. Faraimará- O caçador traz alegria. Mãe Stella. 60 Anos de Iniciação. Rio de Janeiro.Pallas.2000.412p.

MOURA, Carlos Eugenio Marcodes de.Candomblé. Religião de Corpo e Alma.Pallas.R.J.2000.

_____. Olóòrìsà. Escritos sobre a religião dos orixás. Ed.Ágora.SP.1981.

NASCIMENTO, Abdias. Afro-diáspora. Ano2, nº3. Teses do 3ºCongresso. Simpósio da ONU sobre Namíbia. Revista Trimestral do Mundo negro.3

OLIVEIRA, Waldir Freitas e Lima, Vivaldo da Costa. Cartas de Édison Carneiro a Artur Ramos. De 04 de janeiro de 1936 a 06 de dezembro de 1938. São Paulo. Corrupio.1987.

PARÉS, Luis Nicolau. A Formação do Candomblé. História e ritual jeje na Bahia. UNICAMP. SP. 2006. 390p.

PIERSON, Donald. Brancos e Pretos na Bahia: estudo de contato racial. São Paulo. Ed. Nacional. serie 5, V. 241. 1945.

PRANDI, Reginaldo. Os candomblés de São Paulo; a velha magia na metrópole nova. São Paulo; Hucitec: Editora da Universidade São Paulo. 1991.

_____. Morte nos Búzios. Cia das Letras. São Paulo. 2006

QUERINO, Manuel. A Raça Africana e Seus Costumes. Salvador. Progresso. 1955.

_____. Costumes africanos no Brasil. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira. 1938.

RAMOS, Arthur. O negro brasileiro; etnografia religiosa e psicanálise. Recife. Fundação Joaquim Nabuco. 1988.

RODRIGUES, José. Ensaio em Antropologia do Poder. Terra Nova. R.J. 1992.

_____, Nina. Os africanos no Brasil. São Paulo. ed. Cia Ed. Nacional. 1932. 409p.

_____. O Animismo Feitichista dos Negros Baianos. Salvador Ed. P555. 2005. 140p.

RODRIGUÉ, Maria das Graças de Santana. Orí Àpere Ó. O Ritual das Águas de Oxalá. ed. Selo Negro. SP. 2001. 188p

SANTOS, Deoscoredes Maximiniano dos. Axé Opo Afonjá. IBE Afro-Asiáticos. RJ. 1962.

_____. História de Um Terreiro Nagô. MaxLimonad. 1988. 150p.

_____. IORUBÁ tal qual se fala. Salvador. set/1950.

SANTOS, Jocélio Teles dos. O Poder da Cultura e a Cultura do Poder. A Disputa Simbólica da herança cultural negra no Brasil.Salvador.EDUFBA.2005.262p

_____, José Félix dos e Nóbrega, Cida. Mãe Senhora saudade e memória, textos e depoimentos, documentos e fotografias.Salvador. Corrupio.2000.184p.

_____, Juana Elbeim dos Santos. Os Nagô e a Morte.Vozes. Rio de Janeiro.10ed.1975.264p..

_____,Maria Stella de Azevedo. Meu Tempo é Agora. São Paulo. Oduduwa.1993.

SEGATO, Rita Laura. Santos e Daimones. Brasília.UNB.1995.515p.

SILVA,Wagner Gonçalves da.Orixás da Metrópole.Petrópolis. Vozes.1995.

SILVEIRA, Renato da. O Candomblé da Barroquinha:processo de constituição do primeiro terreiro baiano de keto. Salvador. Maianga.2006.648p.

TURNER, Victor W. O Processo Ritual. Estrutura e Anti-estrutura.Brasil. Petrópolis.Vozes.1974.

VELHO, Gilberto. Observando o Familiar. Aventura sociológica. Zahar.

_____, Yvonne Maggie Alves. Guerra de Orixá. Um Estudo de Ritual e Conflito. Ed.Zahar. RJ.1975.170p.

GLOSSÁRIO

Abiã – Pessoas que freqüentam o terreiro, não são feitos de santo, tem apenas, santo assentado, uma conta lavada, ou dado bori .

Adjá – Instrumento de saudação e chamados dos Orixás

Adoxú - Pessoas com Obrigação de feitura de santo

Aiê – Mundo dos vivos, a terra, o aqui.

Ajerê –Obrigação para Xangô, feita no Afonjá no dia 29 de junho

Ajoiê - O mesmo que ekede.

Alabê – O responsável pelos toques dos atabaques e demais instrumentos

Alguidar – Prato de barro utilizado para entrega de oferendas

Amalá – Comida de Xangô

Apogum – Festa comemorada no Afonjá, dia 29 de junho em homenagem à volta de Xangô da guerra.

Assobá – Título usado na casa de Omolú,

Axogum – O responsável pelo sacrifício dos animais para o Orixá

Axexê – Cerimônia fúnebre, de passagem.

Babalaô – Aquele que vê através do oráculo.

Babalorixá – Zelador da casa do candomblé

Balogum - Chefe de guerra

Bori – Oferenda à cabeça, ao ori.

Ebé – Grupo de pessoas pertencentes a comunidade religiosa

Ebó – Sacrifício, oferenda ou despacho

Ebome – O mais ou a mais velha

Egum – Ancestral , espírito dos mortos

Funfun – Cor branca

Iabás – Pessoas de Orixá feminino

lalorixá – Zeladora dos Orixás na casa candomblé
lalaxé – Zeladora do Axé ou a mãe do Axé⁴⁵
Ibó – Casa onde se veneram os mortos
Ipeté – Comida de Oxum feita de inhame cozido, pilado e temperado com dendê cebola e camarão seco.
Kolabá – Título do culto de Xangô. Aquela que toma conta da sacola ou labá de Xangô.
Obá– O rei , um cargo honorífico dado às pessoas pertencentes a casa de Xangô
Obi - Noz de cola
Oçé - Limpeza, faxina da casa dos Orixás
Ogã – termo africano que designa o sacerdote⁴⁶.
Ojé – Título hierárquico
Oloiê – Sacerdote do culto dos mortos (eguns)
Olorogum – Simulação de guerra entre os Orixás Xangô e Oxaguian, no domingo depois do carnaval
Oluô - Aquele que vê através do oráculo
Orobô – Fruta dos Orixás
Orukó – O nome
Orum – O ceú
Osi – Lado esquerdo
Otun – Lado direito
Oxê – O machado de Xangô
Peji - Altar
Pejigã- O responsável ou zelador do altar dos Orixás
Xirê –Brincadeira. Distração dos Orixás

⁴⁵ LIMA. A Família de Santo. 1977:82/3

⁴⁶ BASTIDE. Ciências Sociais. Estudos Afro-brasileiros. Acadeira de Ogã e o Poste Central.ed.Perspectiva.1973:326.

ANEXOS



1.º Ofício de Registro de Títulos e Documentos

OFICIAL — ALICE DUTTON DA SILVA SILVEIRA

VIADUTO DA SÉ — ED. CHURCHILL SALA 15 — 1.ª GALERIA

TELEFONE 3-2527 — RESID. 3-1841

SALVADOR — BAHIA



Protocolo n.º 56.337.

N.º de Ordem 3.085.

Livro A-28

Data do reg. 1º/4/1975.

Eu, ALICE DUTTON DA SILVA SILVEIRA,

Oficial do Primeiro Ofício de Registro de Títulos e Documentos, nesta Cidade do Salvador — Bahia,

CERTIFICO E DOU FÉ,

a todos quantos a presente certidão virem que, em meu poder e Cartório do dito ofício consta do livro A-28, destinado ao Registro Civil das Pessoas Jurídicas, às páginas, 167 à 168, o registro do teor seguinte: Número de Ordem: 3.085. Mês Abril. Dia 1º. Registro de Extrato de Estatuto. Nº de ordem do Protocolo: 56.337. Data: 1º de Abril de 1975. Apresentante: Sociedade Cruz Santa Axé Opô Afonjá. EXTRATO DOS ESTATUTOS DA SOCIEDADE CRUZ SANTA "AXÊ OPÔ AFONJÃ". Cap. 1- A Sociedade Cruz Santa do Axé Opô Afonjá foi fundada em 8-11-1936 sob a proteção de Xangô, pela Iyalaxé Eugenia Ana dos Santos e 16 de seus Obás e Ogãs presentes; funciona em sede própria nos terrenos da antiga Fazenda de São Gonçalo do Retiro cuja propriedade foi doada pela falecida Iyalaxé Eugenia Ana dos Santos em seção or-

dinária de 14-3-1937: compor-se-á de número ilimitado de sócios brasileiros e estrangeiros, com fins beneficentes, religiosos e culturais. A Sociedade tem por fim manter e preservar a Religião Afro-Brasileira, com todo seu volume de instrumentos de culto, com absoluto respeito a liturgia deixada como legado pelos antepassados do Axé Opô Afonjá. Cap. II- Os principais objetivos da Sociedade são: zelar pelo patrimônio, angariar os meios para desenvolvimento de suas atividades e auxiliar o associado em gozo de seus direitos estatutários. Cap. III- São Órgãos da Sociedade: O Conselho Religioso; a Assembleia Geral; o Conselho Consultivo, a Diretoria e suas Comissões. Cap. IV- O Conselho Religioso zelará e preservará os ritos do Axé dentro dos preceitos, obrigações e finalidades doutrinadas pelos antepassados. Estará constituído pela Iyalorixá e os seis Olotyês que de acordo à tradição representam o Axé: Asogbá, Iyakekêrê, Iyadagan, digo Iyamôró, Iyadagan, Iyabasé, Iyagbá e mais dois representantes dos Obás e um Ogã de Oxossi. Os membros do Conselho Religioso são os únicos que têm permanência vitalícia na Sociedade sendo responsáveis pelo destino do Axé. Nenhum órgão da Sociedade civil do Axé Opô Afonjá, poderá interferir nem modificar a organização religiosa do Axé nem sua liturgia, pelas quais o único responsável é o Conselho Religioso cujas decisões ao respeito são irrevogáveis. Cap. V- O Cons. Consultivo zelará pelos fins civís e sociais da Sociedade. Cap. VI- A Diretoria é o órgão executivo e administrativo da Sociedade. Será eleita trienalmente

sendo auxiliada por várias comissões. Cap. VII- A Assembléa Geral é a reunião de todos os associados mantendo sua soberania dentro das normas traçadas por estes estatutos. As assembléas são classificadas em: Gerais, ordinárias, extraordinárias e magna. CAP. VIII- Classificação dos sócios: fundadores, efetivos, beneméritos e honorários. A Diretoria resolverá durante a aprovação do novo sócio e de acordo à situação econômica, a importância que deverá ser recolhida a tesouraria. Os sócios deverão cumprir e fazer cumprir o regulamento interno da Sociedade que será um complemento destes estatutos. Cap. IX - As eleições gerais serão realizadas de 3 em 3 anos, devendo ser candidatos de preferência os Obás e Ogãs do Axé. Cap. X- O patrimônio será constituído pelos bens móveis e imóveis que a Sociedade possua ou venha a possuir. Será feito o levantamento e inventário atualizado dos valores do mesmo, colocando em dias a documentação correspondente. Fica compreendido como receita: renda patrimonial, renda social, subscrições de donativos e rendas eventuais. O Patrimônio Social, em caso de dissolução da Sociedade, ficará sobre a guarda conjunta da Iyalorixá e os seis Oloiyês referidos no cap. IV destes estatutos, até que se constitua nova entidade com os mesmos fins da presente. Cap. XI- Disposições Gerais: o símbolo da sociedade, será uma miniatura reproduzindo o Oxê de Xangô. A Sociedade não medirá esforços para a fundação de um estabelecimento educacional para os filhos dos associados e da comunidade. Ficam ratificados todos os atos justificados da Comissão Provisória eleita para a reorganização da Sociedade Cruz Santa do Axé Opô Afonjá. Cabe a referida Comissão providenciar o regimento interno da Sociedade dentro das normas dos pre-



sentos estatutos. A Comissão Provisória está constituída pelos seguintes membros: Presd. Dr. Jorge C. Andrade; Vice-Presd. Hector Bernabó; Sects. Exec. Deoscaredes M. Santos e Antonio A. Sant'Anna; Sect. de Atas, Fernando Pacheco; Tesour. Mario M. Bastos; Vice-Tesour. Tadeu A. de Souza. Ass: Jorge Costa Andrade P R E S I D E N T E. Ass: Deoscaredes Maximiliano dos Santos Secretário Executivo Salvador-Fevereiro, 1975. GR 433. Este extrato de Estatuto foi publicado no Diário Oficial deste Estado Federado da Bahia, do dia 20 de março de 1975. Eu, Alice Dutton da Silva Silveira, o subscrevo e assino. Alice Dutton da Silva Silveira. Salvador, 11 de Abril de 1975. *Alice Dutton da Silva Silveira. Oficial.*





























